



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E
ESPECIALIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

BEATRIZ OLIVEIRA FONTENELE

INSTITUTO JOSÉ XAVIER E A PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA LOCAL NA
CIDADE DE GRANJA-CEARÁ (2004-2019)

FORTALEZA-CEARÁ

2024

BEATRIZ OLIVEIRA FONTENELE

INSTITUTO JOSÉ XAVIER E A PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA LOCAL NA
CIDADE DE GRANJA-CEARÁ (2004-2019)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará (UECE), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de concentração: História, Culturas e Espacialidades.

Orientador: Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz

FORTALEZA-CEARÁ

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo SidUECE, mediante os dados fornecidos pelo(a)

Fontenele, Beatriz Oliveira.

Instituto José Xavier e a produção de uma memória local na cidade de Granja - Ceará (2004-2019) [recurso eletrônico] / Beatriz Oliveira Fontenele. - 2024.
125 f. : il.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico Em História, Culturas E Espacialidades, Granja, 2024.

Orientação: Prof. Pós-Dr. Altemar da Costa Muniz.

1. História de Granja. 2. Memória Local. 3. Cultura. 4. Política. I. Título.

BEATRIZ OLIVEIRA FONTENELE

INSTITUTO JOSÉ XAVIER E A PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA LOCAL NA
CIDADE DE GRANJA-CEARÁ (2004-2019)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará (UECE), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de concentração: História, Culturas e Espacialidades.

Aprovada em: 03 de abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

ALTEMAR DA COSTA MUNIZ

Data: 15/04/2024 14:08:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz – Orientador

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Ricardo de Aguiar Pacheco

Prof. Dr. em História

SIAPE 1455319-8 UFRPE

Prof. Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco – Membro Externo

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)



Documento assinado digitalmente

CINTYA CHAVES

Data: 08/04/2024 20:01:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Cintya Chaves – Membro Interno

Universidade Estadual do Ceará (UECE/FAFIDAM)

Prof.^a Dra. Zilda Maria Menezes Lima – Membro Suplente

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico este trabalho a minha família, aos meus pais (Francisco e Maria), irmãos (Marcleison, Marília, Marilene e Mateus), as minhas sobrinhas (Valentina e Manuele), que são a alegria de nossas vidas. Aos meus amigos que teceram laços firmes e prestativos, em especial Marciane, por todo o estímulo e as trocas ao longo do mestrado. Aos que sempre me incentivaram e estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

É difícil expressar em palavras a gratidão em ter conseguido a oportunidade de cursar o mestrado e vivenciar diferentes experiências. Este trabalho só foi possível devido às contribuições tanto dos professores, colegas, amigos, das instituições, dos momentos de socializações, reflexões, discussões acadêmicas, que de alguma forma inspiraram e deram forças para concretizar o que almejo.

Agradeço primeiramente a Deus por todas as bênçãos ao longo dessa jornada, por estar comigo em todos os momentos, me guiando e fortalecendo, ajudando durante as minhas crises existenciais e se cheguei até aqui foi devido a Ele.

A minha família, principalmente meus pais e irmãos, a Marília em especial por ser a irmã mais velha que cuida de mim como uma mãe, pelo apoio incondicional, incentivo constante e amor inabalável. Vocês são a minha base e inspiração para seguir em frente.

A professora Dra. Cintya Chaves por todos os ensinamentos e incentivos durante as orientações na graduação e ao apresentar o edital da seleção do mestrado, ao estímulo, indicações de leituras, as palavras amigas e por mostrar minha capacidade, onde muitas vezes eu mesma não conseguia enxergar, ao carinho, atenção e o seu tempo para apoiar e dar dicas, meus sinceros agradecimentos.

A professora Dr.^a Elisgardênia Chaves que durante a graduação me proporcionou participar de um dos seus projetos, o qual pude conhecer os arquivos locais, vivenciar e entender o quanto relevante é adentrar o mundo da pesquisa, os arquivos, os desafios e assim fez com que realizasse pesquisas no Instituto José Xavier.

Aos amigos pelas conversas e debates, a Celiana Maria por acreditar e me incentivar, nas discussões tecidas, nos momentos compartilhados, os convites para participar do clube de leitura e todas as trocas. A Marília Costa por ser uma amiga de infância, de estudos, de vida, pelas experiências trocadas, apoio, as diferentes conversas desde estudo até as mais bobas, os risos, as angústias, por ouvir pacientemente as minhas reclamações. A Marciene, que compartilhamos alegrias, desafios, choros, pelas dicas de leituras, compreensão, palavras amigas e por me acalmar durante as crises de ansiedade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Altemar Muniz, pela paciência e compreensão, por dizer que daria certo.

À banca examinadora: Prof. Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco, Prof. Dr. Marcos José Diniz Silva, que estiveram na qualificação, pelas indicações e considerações para as melhorias do trabalho, assim como a Prof.^a Dra. Cintya Chaves e Prof.^a Dra. Zilda Maria Menezes Lima.

Aos docentes e colegas do PPGHCE, agradeço a todos pelos diálogos e indicações, que trouxeram muitos ensinamentos. Em especial a Marciene, Mônica, Jaciara, Karina, Edinailson, Taynara, Thiago, Lara e Rita Geiziele pelo carinho, dicas, pelas dúvidas tiradas e compartilhamento dos desafios nessa jornada.

Aos funcionários da Biblioteca Municipal de Granja e os membros do Instituto José Xavier.

É com imensa gratidão que expresso meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para a concretização deste trabalho, cada um de vocês deixou uma marca em minha trajetória e, por isso, expresso minha mais profunda gratidão. Este trabalho não seria possível sem a contribuição de cada um de vocês.

Que este agradecimento possa capturar apenas uma fração do quanto sou grata a todos que estiveram ao meu lado nessa jornada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os discursos e os projetos em torno da construção de uma memória local na cidade de Granja-CE, por meio do Instituto José Xavier(IJX) entre 2004 a 2019, correspondente ao funcionamento da Entidade. Buscando compreender as estratégias usadas pelos sujeitos envolvidos e sua correlação para com a Instituição, a fim de perceber a produção memorialística e a legitimação de uma referência cultural da família, visando entender as reapropriações e vestígios das memórias produzidas pela Fundação nas representações culturais de Granja. Para a realização desta pesquisa, foram utilizados como fontes: livros memorialísticos (memória escrita), publicações de jornais, relatórios das atividades da Entidade, depoimentos dos sujeitos (fonte oral) e imagens cedidas pelos colaboradores. Dessa maneira foi possível constatar que a fundação do Instituto por José Xavier Filho emergiu como uma necessidade de evocar a memória intrinsecamente ligada à identidade familiar. Portanto, os projetos desenvolvidos tinham como intenção tanto a preservação e legitimação de um discurso quanto a promoção deste, resultando em um processo de difusão cultural.

Palavras-Chave: História de Granja. Memória Local. Cultura. Política.

ABSTRACT

This work aims to analyze the discourses and projects surrounding the construction of a local memory in the city of Granja-CE, through the Instituto José Xavier (IJX) between 2004 and 2019, corresponding to the entity's operation. The objective is to understand the strategies employed by the involved parties and their correlation with the institution, in order to perceive the memorialistic production and legitimation of a cultural reference for the family. The focus is on understanding the reappropriations and traces of memories produced by the Foundation in the cultural representations of Granja. For this research, sources such as memorial books (written memory), newspaper publications, reports of the entity's activities, testimonies of the subjects (oral source), and images provided by collaborators were used. It was observed that the establishment of the Institute by José Xavier Filho emerged as a necessity to evoke the memory intricately linked to family identity. Therefore, the developed projects aimed at both preserving and legitimizing a discourse, as well as promoting it, resulting in a cultural diffusion process.

Keywords: History of Granja. Local Memory. Culture. Politics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa Municipal de Granja	17
Figura 2 - Inauguração do Instituto José Xavier.....	20
Figura 3 - Momento da inauguração do Instituto José Xavier	20
Figura 4 - Público presente na inauguração da Instituição	21
Figura 5 - Presentes na inauguração do Instituto José Xavier.....	22
Figura 6 - Oficinas de criação ministradas por Berenice Xavier	27
Figura 7 - Fachada da casa dos Xavier e sede do Instituto.....	29
Figura 8 - Museu do Instituto José Xavier	33
Figura 9 - Biblioteca do Instituto José Xavier	35
Figura 10 - Oficina de pintura.....	38
Figura 11 - Membros do Instituto José Xavier	39
Figura 12 - Atividades Culturais.....	40
Figura 13 - Doações durante as enchentes em 2009	41
Figura 14 - Exposição sobre história do futebol amador de Granja	43
Figura 15 - Beatriz Xavier fundadora do projeto Curumim Cidadão	48
Figura 16 - Exposição na praça abrindo a programação da 15ª Semana de Museus em Granja.....	51
Figura 17 - Capa da obra “Passagem pela Granja” (2007)	66
Figura 18 - Capa do livro "Aceites e Rejeições" (2015).....	79
Figura 19 - Capa do livro Ignácio Xavier e Cia (2008)	85
Figura 20 - Quadro exposto em uma das paredes do IJX.....	95
Figura 21 - Livro publicado pelo IJX intitulado “Lívio Barreto: O poeta do Luar e da paixão”.....	96
Figura 22 - Mesa redonda sobre Lívio Barreto e sua obra “Dolentes”	97
Figura 23 - Capa do livro de memória intitulado “Dona Nezinha”	106
Figura 24 - Depoimento de uma das moradoras de Oiticica da Missão	110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O INSTITUTO E A CIDADE: DISCUSSÕES SOBRE MEMÓRIA, SUJEITOS E ESPAÇO	16
2.1	Granja e o Instituto: Conhecendo os lugares e sujeitos	16
2.2	Articulações para atuação cultural	28
2.3	Dos dias de glória ao fim da instituição: Granja “Terra do lá tinha”	46
3	AS CONSTRUÇÕES DOS SUJEITOS: ENTRE LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS	57
3.1	Xavier e a escrita de si: “O autor não é um escrevinhador qualquer, mas um autêntico Xavier da gema”.	57
3.2	A produção dos livros e o interesse no “resgate cultural, histórico e econômico da cidade de Granja”	64
3.3	José Xavier Filho e a construção autobiográfica	78
4	PRODUTORES E GUARDIÕES DE MEMÓRIA	83
4.1	“Ignácio Xavier & Cia”: a busca por compreender a trajetória da família Xavier e as conexões com a cidade	83
4.2	Lívio Barreto: “O iniciador da linhagem de poetas da família Xavier-Barreto”	91
4.3	Lívio Xavier: escritor, jornalista e tradutor	100
4.4	“Dona Nezinha”: comemoração e rememoração	105
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
	REFERÊNCIAS	119

1 INTRODUÇÃO

Temos de negociar com silêncios, pequenas e grandes mentiras, elogios que disfarçam nossa crítica e centenas de concessões para evitar a dureza da nossa casca esbarrando na casca alheia. Porém, não apenas sofremos no convívio do mundo, sofremos também com nossos fantasmas interiores, as angústias que carregamos com nós mesmos, recolhidos ao mais profundo silêncio e isolamento. E, por cima de tudo e de todos, o eterno silêncio do sentido, a bruma do entendimento e as resistências impenetráveis do Outro.¹

A memória e o esquecimento são necessários para a história, pois estão dentro de um jogo social que passa por seleções fundamentais para a construção de novos valores e conhecimentos no contato com os diferentes espaços e culturas.

E a partir do desejo de fazer história e refletir sobre a cultura da cidade de Granja é que encontramos o Instituto José Xavier (IJX), lugar que produziu e compartilhou diferentes memórias e gerações da família Xavier. Situado na Rua Pessoa Anta, no centro de Granja, no litoral cearense, esse prédio representa um pouco da história da urbe sobre as atividades comerciais e intelectuais produzidas por um grupo.

Portanto, é necessário retroceder um pouco no tempo e abordar o espaço antes da fundação da Instituição. Período em que diferentes sujeitos vinham da zona rural para vender produtos agrícolas e/ou realizar compras, e enquanto aguardavam em filas até serem atendidos compartilhavam suas histórias e trocavam informações dos ocorridos, criando uma rede de sociabilidades.

Esse lugar que foi um ponto de encontro de diversas pessoas, devido às atividades comerciais, será também o ponto de partida para refletir sobre a cultura e a criação de memórias. A Entidade apareceu na cidade com diversas propostas e acabou gerando um sentimento de pertencimento aos que se envolveram e foram tocados pelos projetos culturais.

Há lugares que nos permitem manter contato com o passado, costumes e tradições, acessar discursos de um grupo, socializar e compartilhar lembranças. Portanto, ao pesquisar sobre um espaço da cidade onde nasci, estou buscando minha identidade.

A identificação com o tema surgiu na graduação durante a realização das pesquisas para o projeto de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, “Arquivos, memória e história: catalogação, armazenamento e usos de documentação escrita na produção do conhecimento histórico, na Educação a Distância”, coordenado pela professora Dr.^a Elisgardênia de Oliveira

¹ KARNAL, Leandro; SILVA, Valdevez Carneiro da. **O que aprendi com Hamlet**. Rio de Janeiro: LeYa, 2018, p.186-187.

Chaves, além disso, esse projeto inseriu-me ao mundo da pesquisa, consequentemente evidenciou as possibilidades e desafios como pesquisadora/historiadora.

A aproximação com o acervo do Instituto José Xavier, contribuiu para perceber a necessidade de abordar algum aspecto da cultura local, no caso da graduação sobre a memória e escrita de si de um sujeito, Lívio Barreto, buscando trazer reflexões sobre as experiências, táticas e arranjos de um jovem letrado do interior cearense em fins do século XIX, que ansiava ascender socialmente, por meio do mundo das letras, mas que ao mesmo tempo tinha que lidar com o fato de viver longe de locais que possibilitassem melhores oportunidades e por não pertencer à famílias abastadas .

Ao concluir o trabalho intitulado “Lívio Barreto e a escrita de si: entre a História e a memória (1888-1895)”, o desejo de dar continuidade na pesquisa, o interesse pelos estudos locais e pelas memórias cresceu. Pois o Instituto José Xavier foi um arquivo relevante para acesso das fontes na graduação e houve a curiosidade em explorar e conhecer os trabalhos realizados, o que deu origem ao projeto de mestrado “A construção de uma memória familiar em torno de uma narrativa sobre Lívio Barreto e a constituição do poder local na cidade de Granja-CE (1892-1934)”. Ao longo do semestre 2021.2, diante das disciplinas do mestrado, de reflexões e das discussões com orientador, o projeto amadureceu para “Instituto José Xavier e a produção de uma memória local na cidade de Granja-Ceará (2004-2019)”.

Portanto, a relevância deste trabalho situa-se no âmbito de entender quais as principais estratégias utilizadas pela Instituição para a produção de uma memória e história de Granja, produzindo, portanto, ecos de suas ações e de suas crenças na cidade.

Esse trabalho visa analisar os discursos e o projeto em torno da construção de uma memória local na cidade de Granja, por meio do Instituto José Xavier(IJX) entre 2004 a 2019. Essa temporalidade foi elencada correspondendo aos anos de funcionamento da entidade.

Nesse sentido, essa pesquisa estuda o contexto histórico e os sujeitos envolvidos no processo da formação, crise e fim do Instituto José Xavier. São analisadas as estratégias de elaboração e preservação de uma memória local, buscando perceber as reapropriações e vestígios das memórias produzidas pela Fundação em escritos, representações, nos espaços urbanos e culturais de Granja.

Vale destacar ainda, que a escolha pelo período, 2004-2019, corresponde as fontes analisadas, dentre elas, livros memorialísticos, periódicos, relatórios das atividades e os discursos dos sujeitos, para conhecer as influências e narrativas produzidas pelo Instituto José Xavier, desde a fundação e encerramento das atividades. As entrevistas foram realizadas com

alguns colaboradores e frequentadores do Instituto, com o intuito de conhecer os responsáveis pela construção do espaço e os impactos na memória local.

Questiona-se sobre quem foram os sujeitos que contribuíram com o desenvolvimento das atividades na Instituição, as narrativas construídas e os impactos que tiveram em Granja. Afinal, os vestígios deixados nos discursos escritos aparecem romantizados, idealizados e sem conflitos, entretanto os discursos orais vão divergir dessa romantização.

Dessa forma, pode-se afirmar que uma das contribuições desse estudo será propiciar um entendimento sobre a construção de lugares para evocar narrativas de grupos que detém/detinham poder, proporcionando debates acerca dessa relação e recepção dos projetos, permitindo, mesmo com os desafios do fazer historiográfico perceber as lacunas, as seleções dos fatos, do dito e do não dito, colaborar para a história de Granja e historiografia cearense a respeito do estudo da memória e os esforços de grupos para reforçar e monumentalizar seus discursos.

Para compreender os discursos e estratégias da Instituição analisa-se documentos escritos e fontes orais considerando o contexto, desconfiando dessas produções, procurando os sentidos, as respostas para a problemática, visto que para o historiador desenvolver a pesquisa precisa de fatos, fontes e métodos. “Não há método da história, mas sim um método crítico que permite estabelecer, com rigor os fatos para validar as hipóteses do historiador [...]” (PROST, 2020, p.144). Ou seja, buscar os sentidos dentro de uma rede complexa, ampliando as reflexões nessa busca por compreensão.

Recorrendo tanto as fontes escritas quanto orais, para compreender as diferentes perspectivas, enquadramentos e disciplinarização da memória, pois “Diferente da memória escrita, a memória de expressão oral é espontânea, instantânea, mais ou menos liberta de instruções retificáveis, embora canônicas e, por conseguinte, dependente da chamada norma culta.” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p.22-23). E essas fontes proporcionam reflexões mais amplas sobre as atuações dos projetos, a recepção na sociedade, como também os ditos e não ditos, as expressões, tonalidades carregam a história, identidade de quem narra e os sentidos.

A memória é um fenômeno construído, desse modo, percebemos nos livros memorialístico a busca pela constituição e solidificação da narrativa, para Pollak (1992, p.206) “O trabalho de enquadramento da memória pode ser analisado em termos de investimento.” Ou seja, enquadrar a memória envolve a construção consciente e organizada das lembranças e quando uma memória já está relativamente formada, ela passa a desempenhar um papel ativo de manter, dar coesão, unidade e continuidade. Em outras palavras, a memória não é apenas um

processo de evocação, mas também de preservar e organizar as informações para que façam sentido e mantenham uma conexão.

Ao adentrar os arquivos é necessário compreender suas intencionalidades, portanto é crucial saber quando foi construído, por quem, quais os propósitos, além disso, entender que contém várias temporalidades, “[...] a análise de uma documentação deve começar por sua localização física e institucional. O arquivo começa a falar dos tempos antes mesmo que cruzemos seus umbrais” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p.58). Desse modo, ao trabalhar com uma instituição considera-se sua trajetória, quando foi construído o prédio, qual finalidade tinha e quando foi transformado em museu e biblioteca, para situar e conhecer o espaço.

Destarte, para a concretização deste estudo, dialogou-se com historiadores e sociólogos, revisitando clássicos para compreender sobre a esfera de produções de memórias, suas intencionalidades e implicações na sociedade. Ao longo da pesquisa, as questões teóricas em torno da memória, do esquecimento e das narrativas autobiográficas são imprescindíveis. A utilização do debate com Paul Ricoeur, Pierre Nora, Phillip Lejeune, Maurice Halbwachs e Joël Candau foram necessários para articular as possibilidades entre memória, esquecimento e narrativas. Assim como os trabalhos de Roger Chartier, Sandra Pesavento, Pierre Bourdieu e Ângela de Castro para a produção da escrita.

Conforme Hartog (2011) a história visa refletir sobre a vida e evoca os fluxos das coisas, apresenta a relação entre o olhar e a história, o visível e o invisível. Desse modo, o historiador tem o propósito de trazer diferentes questões e tornar visíveis determinados assuntos sobre o passado.

A história estuda o homem no tempo e no espaço. “[...] O historiador não apenas pensa "humano". A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração” (BLOCH, 2002, p. 55). O trabalho do historiador é refletir sobre diferentes aspectos da sociedade, como a cultura, política, economia, mentalidades, dentre outros, no passado. Segundo Hobsbawm(1998) o passado é uma dimensão permanente da consciência humana e está presente nas instituições, valores e na sociedade em geral. Diante disso, o trabalho do historiador é analisar os sentidos e localizar suas transformações.

Deste modo pensou-se este trabalho, iniciando a abordagem pela fundação do Instituto José Xavier, em seguida a construção de memórias sobre a cidade e por último discutindo os resultados dos projetos desenvolvidos pela instituição com a finalidade de compreender os discursos e o projeto em torno de uma memória local na cidade de Granja.

O primeiro capítulo intitulado **“O Instituto e a cidade: Discussões sobre memória, sujeitos e espaço”**, aborda como foi idealizada e construída a instituição cultural, as

ações desenvolvidas no espaço e tempo, além de refletir sobre as relações que foram construídas a partir de entrevistas, publicações do jornal Lira Granjense, livros de memória, dos relatórios anuais e sites do Instituto.

No segundo capítulo, **“As construções dos sujeitos: entre lembranças e esquecimentos”**, aborda a escrita de si de José Xavier Filho sobre as memórias da cidade e de sua infância, usando conceitos de escrita de si em Ângela de Castro Gomes que discute sobre produção autobiográfica. Focaremos nos livros de memórias produzidos pelo Instituto José Xavier e nas entrevistas realizadas com os membros da Instituição para refletir sobre o sujeito, o espaço vivenciado, suas relações com o meio, a busca por um projeto que realizasse os anseios em contribuir com uma produção cultural na cidade natal.

No último capítulo, **“Produtores e guardiões de memória”** trataremos das memórias produzidas e as estratégias de narrativas nas obras publicadas pelo Instituto José Xavier no projeto de elaboração e preservação de uma memória local.

2. O INSTITUTO E A CIDADE: DISCUSSÕES SOBRE MEMÓRIA, SUJEITOS E ESPAÇO

Este capítulo tem por objetivo discorrer sobre o contexto histórico e os sujeitos envolvidos no processo de formação, crise e fim do Instituto José Xavier (IJX), durante os primeiros anos deste século (2004-2019), passando pela composição dos membros fundadores e apoiadores, analisando os discursos presentes no *jornal Lira Granjense*, nas entrevistas e nos relatórios anuais do Instituto.

2.1 Granja e o Instituto: Conhecendo os lugares e sujeitos

Que belas margens do rio Coreaú!
Ao largo, as águas espumantes,
Desta terra tão importante
Ali, das flores doiradas,
Há fadas que fazem seu lar.

Ó Granja, dizem que já foste no decorrer da vida...
Gozos muitos num passado perdido,
Só eu não sei se o prazer consiste
Na glória, no amor, na vitória tida.
Vamos resgatar as flores desta terra tão antiga.

A cultura cresce e teus filhos envaidece,
Apesar de estampar-se
A necessidade de teu crescimento
Em cada gesto, em cada face
Dessa que gente ri, talvez,
Sem notar o mau disfarce,
Gente que critica e esconde na vaidade
Uma sugestão, que nasce,
Ou um parecer aos outros da sociedade [...] (GUARINHO, 2006, p.24).

Antiga Macaboqueira², às margens do Coreaú, berço de filhos ilustres. Assim é apresentada Granja por meio do rio, das flores, das ruas, da cultura, da religiosidade, na perspectiva de Charles Guarinho³. Lugar de bela paisagem e de um passado feliz, na percepção do poeta. Entretanto, devido a necessidade de crescer, apresenta uma situação adversa, mas com a esperança de tempos melhores.

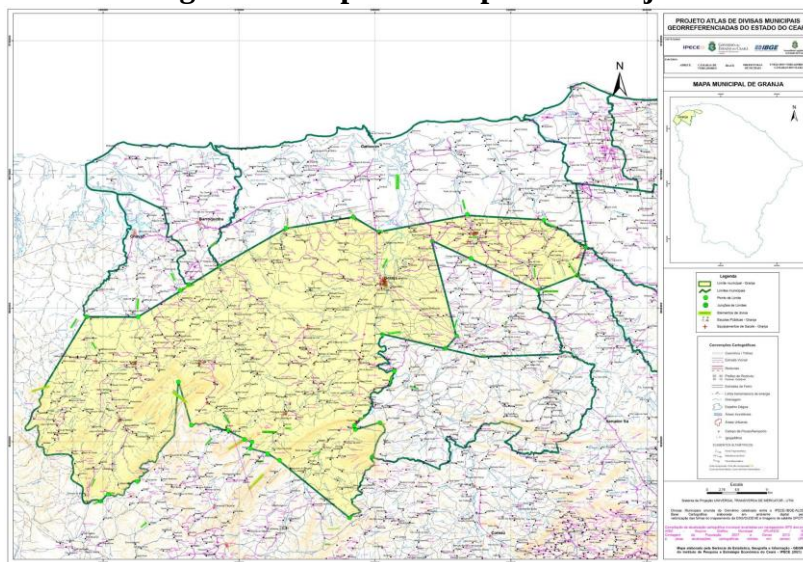
O poema foi escrito em 1998, porém apenas publicado em 2006 através de um livro que reúne vários poetas locais, apresentando um passado idílico, mitológico e edênico. Autores

² Macaboqueira, Macavoqueira e Santa Cruz do Coreaú foram algumas das denominações da atual cidade de Granja.

³ Graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, atua na Secretaria de Cultura de Granja.

que se orgulham de sua terra e sentem a necessidade de mudanças, novidades e fazem da poesia um produto de memória. Portanto, o livro “Novos Poetas Granjense” precisa ser entendido no contexto histórico e os sujeitos envolvidos na construção.

Figura 1 - Mapa Municipal de Granja



Fonte: Gerência de Estatística, Geografia e Informação – GEGIN do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE (2021)

Granja tem uma área de 2663,174 km² e fica a 270 km de Fortaleza. Originou-se das tribos Tabajaras, Tremembés, Tapuias e já foi denominada de Santa Cruz do Coreau ou Macaboqueira, sendo um dos povoados mais antigos no Ceará, pois foi colonizado em 1695 por meio das missões jesuítas iniciadas pelo Padre Assenso Gago (MARTINS, 1912).

Até o ano de 2021 o aniversário de Granja era comemorado em novembro, entretanto o dia 03 de novembro de 1854 houve apenas a mudança de vila para cidade. Desse modo, os historiadores locais perceberam o erro e encaminharam o projeto de mudança da data do aniversário do município, pela emenda 02/2022, portanto em 20 de abril de 2022 reconheceram que a emancipação política de Granja se deu em 27 de junho de 1776, ao emancipar-se de Sobral ganhando uma nova denominação, passando de Macaboqueira para Vila Real da Granja. Desse modo em 27 de junho de 2022 comemorou-se os 243 anos de emancipação política.

Em 2004, na presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, houve um crescimento na economia e em programas na área da educação, saúde e cultura. Conforme Correia (2013) o ministério da cultura promoveu a proteção e promoção à diversidade cultural brasileira, como

fator de inclusão sociocultural. Neste contexto surgiu o Instituto José Xavier em 2004 com a proposta de difusão da cultura local numa cidade com poucos investimentos na área.

Anunciava-se desde março no *jornal Lira Granjense*⁴ a comemoração dos 150 anos da cidade de Granja, que ocorreria apenas em 03 de novembro de 2004. Os editores estimulavam a realização de movimentos que marcassem na memória o sesquicentenário de emancipação política, com anúncios e publicações em torno de personalidades e diferentes formas de arte que valorizassem o município. A data era muito esperada e nesse mesmo tempo surgiu a entidade que será tema desse estudo.

No dia sete de março de 2004 foi fundado na Granja o Instituto José Xavier, em cuja solenidade estavam presentes seus idealizadores e diretores- filhos e netos do homenageado- além de grande número de granjenses residentes nesta e em outras cidades, quando houve várias manifestações de apoio e de exaltação à brilhante iniciativa. (MAGALHÃES; DUTRA, 2013, n.p.).

Foi anunciada a fundação da instituição no *jornal literário Lira Granjense* (que ganhou uma compilação fac-similar do período de 2003-2012 no ano de 2013 devido um dos projetos elaborados pelo Instituto José Xavier-IJX). Existe uma divergência em relação ao mês de fundação, visto que no jornal o ex-coordenador do espaço mencionou março e em um dos sites fevereiro.

Ao mencionar os presentes na inauguração do Instituto, na cidade de Granja, o jornal descreve a homenagem ao José Xavier contando com a presença de seus familiares como idealizadores e diretores. Além disso, a solenidade atraiu um grande número de moradores locais e de outras cidades que demonstraram “apoio e entusiasmo em relação à criação dessa instituição”. A exaltação explicava-se pelo fato de um dos editores, José Lira Dutra, ser também o coordenador do Instituto José Xavier.

No entanto, esta imagem de grande apoio vai sendo desconstruída, conforme os relatos de alguns dos envolvidos com a instituição. Ao investigar o passado, recorre-se à memória cruzando os discursos escritos e orais buscando os sentidos das narrativas e as relações no tempo para produzir a história sobre essa instituição.

⁴ Vale salientar que o jornal surgiu em agosto de 2003 por Pedro de Sousa Magalhães (formado em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, professor da rede estadual CEJA Guilherme Gouveia e autor de alguns livros como *Réstias de Sonho*-1994, organizador do livro *Novos Poetas Granjenses*, dentre outros) e por José Lira Dutra (graduado em História e Geografia pela Universidade Vale do Acaraú, professor da rede municipal e estadual, autor do livro *Artesão de si*-2009), o jornal desapareceu em 2006 e retornou em 2012 com sua última publicação.

O periódico tinha o propósito de divulgar textos literários de granjenses, fossem pessoas comuns ou com destaque no passado, como o poeta Lívio Barreto, Artur Teófilo, Valdemiro Cavalcante, Pe. Osvaldo Chaves, Lívio Xavier, dentre outros. Faziam a divulgação de movimentos artísticos, literários, notícias de inaugurações ou eventos, sem uma periodicidade regular, mas com muito foco nos eventos do Instituto.

Entre filhos e netos a organização da fundação era composta por Ana Maria Rêgo Xavier, Beatriz Rêgo Xavier, Berenice Xavier, Carolina Rêgo Xavier, Edna Carneiro Xavier (Conselho Fiscal), José Xavier Filho (Presidente), José Xavier Neto, Lívio Xavier Júnior, Luiz Xavier Oliveira Filho (Diretor Administrativo), Luiz Xavier Oliveira (Presidente de Honra), Maria Elisa Xavier de Oliveira (Conselho Fiscal), Mário Xavier Junior, Sérgio Xavier Oliveira. O homenageado, José Barreto Xavier, atuou na importação e exportação de produtos agropecuários, além de ter contribuído nas atividades políticas e culturais. (INSTITUTO JOSÉ XAVIER, 2004).

O discurso enaltecendor da entidade a adjetivava como inovadora, letrada, cultural, e como projeto político idealizado de um grupo com destaque na cidade.

O Instituto também possuía um site que divulgava informações de atividades e dos promotores, quase sempre da mesma família. Muitas dessas informações se perderam com a desativação/perda de um dos site que a instituição possuía (DUTRA, 2021).

Noutro site do Instituto José Xavier, entretanto, há fotos do momento da inauguração. A Mesa que presidiu a reunião de inauguração foi composta por Luiz Xavier Oliveira (Presidente de Honra), José Xavier Filho (Presidente do IJX), Luiz Xavier Oliveira Filho (Diretor Administrativo), Carolina Rego Xavier (Diretor Financeiro, filha de José Xavier Filho), Maria Elisa Xavier de Oliveira, Edna Xavier (filha de José Xavier Filho) e Beatriz Rego Xavier (filha de José Xavier Filho), sócias fundadoras.

Na foto a seguir, podem ser identificadas da esquerda para a direita, José Xavier Filho (presidente do Instituto, cientista, professor e filho do patrono do IJX) e os outros sócios fundadores Luiz Xavier Oliveira (foi prefeito e dono de terras), Maria Elisa Xavier de Oliveira (irmã de José Xavier Filho e esposa de Luiz Oliveira), Luiz Xavier Oliveira Filho (filho de Maria Elisa e Luizão), Gilson Fontenele (advogado), Dr. Tarcísio Fonseca Dias (médico e escritor), não foi possível identificar quem está falando. Ao lado Adailton (professor), Raimundo Porto Dias (funcionário do Estado), por último sentado Luiz Cruz de Vasconcelos (foi advogado e jurista).

Figura 2 - Inauguração do Instituto José Xavier



Fonte: Site do Instituto José Xavier

Nas imagens de inauguração observa-se um público em sua maioria de adultos, professores, aposentados, médicos, dona de casa, artesãos e alguns membros de famílias tradicionais granjense.

As imagens são elementos de registro e produção da memória do grupo, portanto ao registrar os membros dirigentes durante esse momento de comemoração estão buscando legitimar o evento e possibilitar a posteridade ter o acesso a um recorte do passado, pois as imagens capturam expressões, cores e diversos detalhes, pois elas estão carregadas de significados.

Figura 3 - Momento da inauguração do Instituto José Xavier



Fonte: Site do Instituto José Xavier

A imagem a seguir é composta por parte do público presente na inauguração. Na primeira fila da direita para esquerda está Vanize Dias, ex-professora, está sentada vestindo trajes azuis, ao lado Teresinha de Jesus Magalhães Angelim, está vestida de preto, a esposa do vereador Nicanor Angelim; Clotilde Dias, atualmente residente de Fortaleza, com vestido preto, dona de casa e esposa de Dr. Eliomar Dias.

Figura 4 - Público presente na inauguração da Instituição



Fonte: Site do Instituto José Xavier

Ainda na foto é possível verificar José Angelim, vestindo blusa branca e com uma boneta, era um político da cidade; Expedita Dias trajando óculos preto próxima às estantes; Dulce Pereira, vestida com blusa vermelha e calças; Adélia Dias, vestida de blusa lilás, era professora; Dona Francisca, artesã e doméstica; Gonçalo Rodrigues Magalhães, vestido com blusa amarela, comerciante; Rita (em pé), Newton Beviláqua, sentado e vestindo blusa azul; Dr. Juarez Vasconcelos, cardiologista e político, com óculos e blusa azul; Félix de Oliveira Tarcísio, conhecido como Feliz Bolkan, artista plástico, de pé e usando blusa vermelha, e por fim Dr. Francisco Angelim, com blusa branca, era dentista.

Não é possível identificar todos os presentes na inauguração, mas é notório o prevalecimento de idosos. As fotografias são importantes como guardiã da memória Institucional e elo de coesão de identidades, como representação da realidade e possibilita diversos significados. A fotografia salva os vestígios do tempo e lugar, captura uma parte da história vivenciada.

Figura 5 - Presentes na inauguração do Instituto José Xavier



Fonte: Site do Instituto José Xavier

Na imagem anterior é possível verificar que as estantes estavam vazias, as peças do museu ainda não se encontravam no espaço, mas já apresentava alguns quadros da família dispostos nas paredes. As cores das portas, parte interna e externa foram mantidas ao longo dos anos.

O IJX se apresentava como um lugar de memória da cidade e que buscava elementos para legitimar o passado. A memória, entretanto, é um vestígio enigmático que sofre influências do tempo e espaço. Portanto, não basta descrever tudo o que ela traz, mas questionar e encontrar os sentidos. Não é algo simples, produzido, acabado. Sua complexidade exige o diálogo com outras fontes, a crítica do conhecimento histórico com seus métodos e teorias.

As ações realizadas pelo Instituto buscavam preservar uma cultura dita local, saberes populares, materiais ou imateriais, como conhecimentos e habilidades compartilhadas no meio social. Para Hall (2016) cultura está relacionada com os sentimentos, as emoções, o senso de pertencimento de indivíduos, para interpretar e dar sentido ao que está ao seu redor, por diferentes meios de expressão e objetos.

Portanto, o IJX através do museu, das oficinas de teatro, das sessões de cinema, buscava influenciar nos sentidos e interpretações dos seus visitantes, apresentando um lugar de memória familiar como algo pertencente à cultura local, legitimando seu percurso ao acolher e ensinar sobre a cidade.

Tal como o “artesão”, o historiador precisa ser paciente, cuidadoso, muitas vezes solitário. Nessa busca pelo acesso ao passado, para responder curiosidades do presente, se volta aos vestígios, acessando restos, como bem analisou Durval Muniz. O ofício do historiador é um trabalho árduo, que exige tempo de leitura, escrita, reflexões, imaginação histórica, analisar

pedaços deixados ao longo do tempo, usando as teorias e metodologias para juntar e colocar sentidos, organizando os eventos que deixaram suas marcas em diferentes registros. (ALBUQUERQUE JR., 2019).

Portanto, ao analisar o objeto de pesquisa é necessário problematizar os discursos produzidos, para investigar os motivos da fundação da instituição, os projetos produzidos, os problemas enfrentados e as conquistas que tiveram.

Para Bourdieu (2008, p.101) “[...] o ato de instituição é um ato de comunicação de uma espécie particular: ele notifica a alguém sua identidade, quer no sentido de que ele a exprime e a impõe perante todos [...]” A Entidade enquanto museu, promoveu diversas palestras e exposições com o propósito de abordar "personalidades", manifestações culturais e, dessa forma, estabelecer uma memória, legitimar narrativas e contribuir para a identidade da comunidade.

O IJX pertencia a descendentes de uma elite local, com destaque e reconhecimento na cidade, que criaram o primeiro museu de Granja, visitado por alunos, professores, pesquisadores locais e de cidades vizinhas, como Camocim, Viçosa e Sobral. Uma entidade privada que promoveu atividades culturais e trouxe uma nova agitação na pequena cidade. Para alguns, esse novo lugar é percebido com certo estranhamento, sem importância, coisa de gente que não tem o que fazer. Para outros, a mudança, a oportunidade de realizar sonhos e trocar experiências.

Com o intuito de compreender os motivos de fundação e os projetos realizados na entidade foram realizadas algumas entrevistas e em diversos momentos fica visível a euforia, o interesse em falar de determinado assunto e expressam felicidades. Em outros momentos ficam dando volta sendo preciso intervir para retornarem ao ponto que não se sentem tão confortáveis de abordar.

Para compreender a construção do Instituto foi necessário conhecer um pouco da trajetória do fundador, seu lugar de fala e formação. Para tanto foi realizada entrevista com Berenice Xavier⁵ que colaborou no espaço servindo como ponto de partida para algumas questões pertinentes à trajetória da instituição e do fundador e, consequentemente, à análise do papel desempenhado. Berenice Xavier era atriz, professora de arte da Universidade Federal do Rio de Janeiro e desenvolveu peças teatrais:

⁵ Irmã do fundador do Instituto, José Xavier Filho(1936-2018), seus pais eram José Barreto Xavier e Edna Carneiro Xavier. Com a realização da entrevista com Berenice Xavier foi possível ouvir alguns relatos sobre às dificuldades do surgimento e da permanência da fundação.

[...] a maior parte da família tem essa consciência, esse orgulho, apesar de estar **falida economicamente**, eles conseguiram manter a casa que foi hipotecada. Meu pai trabalhou a vida inteira para pagar as hipotecas da casa e das terras que meu avô comprava e ficou hipotecada, a terra que tinha a produção agrícola, para o comércio internacional, para importação e exportação, a Granja toda era isso, a história do porto, mas a família toda tinha essa percepção, embora tivesse muita preocupação. Meu pai foi o único que ficou ali, ele se ofereceu a ficar, o destino dele estava traçado para ir para Londres, para a escola de economia, quando meu avô faliu na época da guerra, pré-guerra, mas meu avô ofereceu para meu pai ir para Londres assim mesmo, mas ele não foi. O meu tio, o Lívio mais velho, era um grande advogado, tinha muitas ilustrações. O Lívio Barreto não chega aos pés desse que estou falando o **Lívio Barreto Xavier** e foi assim uma pessoa de uma **cultura profunda e política, economia**, direito, e ele foi uma das figuras de resistência nas ditaduras, amigo dos modernistas, ele escrevia muito bem e grande gestor de muitos livros[...] o meu tio Lívio tinha essa lucidez da importância da Granja, para um lugar dos filhos da Granja e os que estão lá fora. Esse livro fala disso, o afeto dele pela educação que teve e o lugar onde eles ocupavam e vinham desde aquele velho, o avô deles o Sancho, aquela viúva que veio com o filho Ignácio Xavier, **eles eram cheio de cultura, eles liam e escreviam, o que era raríssimo**, eles eram o tipo de gente que leva algum padre, professor viajante [...]⁶

Berenice Xavier faz referência ao pai, José Barreto Xavier, como o único dentre os treze filhos de Ignácio Xavier⁷ e Elisa Barreto⁸, que ficou em Granja para cuidar dos negócios, quando tiveram problemas financeiros, recusando os estudos fora do país, para ajudar o pai.

Reconhece que a família possuía poder econômico e cultural, portanto pode-se pensar nas relações e no desejo da fundação do Instituto. Além disso, menciona Lívio Barreto Xavier (1900-1988), jornalista, tradutor, considerando-o como mais relevante no aspecto cultural de Granja, do que o Lívio Barreto que é o poeta e o único homenageado no hino municipal, além de destacar o papel que o primeiro desempenhava na política.

Em relação ao tio e a casa/Instituto José Xavier, Berenice Xavier declara:

Meu tio Lívio traduziu livros, a Ética de Espinosa eu nem sabia o que era, mas a tradução era dele. Comecei a ler, algumas coisas entendi ficava maravilhada, alguns livros meus pais não queriam que eu lesse, eu lia escondida, mas depois eu falei e essa leitura foi muito produtiva, depois fiz cursos pra entender melhor. A casa assim como o Instituto é lugar de livros, acessíveis para criança, adolescente, adulto, eu me dava a liberdade, era ousada, li muito, conheci, várias histórias, ouvi histórias cabeludas, nunca me dediquei, mas achei muito interessante. (XAVIER, 2022, s/n).

⁶ Entrevista realizada com Berenice Xavier, 79 anos, em 18/05/2022.

⁷ Ignácio Xavier foi comerciante sócio de Carvalho Motta, depois constituiu sua firma Ignácio Xavier e Companhia, juntamente com seus cunhados Ordônio Barreto e José Thiago de Paula Barreto, tornou-se um homem influente na cidade de Granja.

⁸ Elisa Barreto(1875-1934) filha de José Soares e Mariana, irmã do poeta Lívio Barreto, casou-se com o coronel Ignácio Xavier e tiveram vários filhos, dentre eles, Lívio Xavier Barreto(1900-1988), o qual, influenciado por sua mãe, teve o hábito de leitura e se tornou um homem conhecido, formou-se em direito, foi jornalista, tradutor, autor de livros como Infância na Granja. Teve mais reconhecimento e atuação em diversos campos em comparação ao poeta Lívio Barreto.

A menção ao tio destaca a influência da família na formação literária, a relevância das traduções de livros. E apresenta o impacto positivo do acesso à leitura e a promoção de atividades por meio do instituto.

Visa-se compartilhar a memória do grupo logo seria uma forma de representar os membros. Para Candau (2021, p.24) “[..] uma forma de metamemória, quer dizer um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2021, p. 24). A visão do espaço produtor e preservador da memória da cidade “letrada e culta”.

José Lira Dutra foi coordenador do Instituto José Xavier e ressalta sobre o fundador do Instituto, para ele:

Então o José Xavier Filho é um cientista granjense e trabalhou muito tempo nas universidades. Ele vem pra Granja, ele decide vir à cidade e percebe que a cidade falta uma coisa para poder, digamos assim, fazer com que a cena cultural se movimentasse e aí ele tem a ideia de criar o Instituto José Xavier. Não só para digamos assim é fazer uma homenagem ao pai, mas também para preservar o patrimônio histórico material que era a casa onde o Instituto José Xavier teve sede, a casa, o armazém né, esse patrimônio material, esse casarão essa estrutura física, mas também para motivar jovens a escrever e publicar livros, motivar pessoas como você, a serem pesquisadores da nossa própria história, dos nossos próprios espaços culturais, a criar espaços de leitura de debate sociocultural. Então vendo essa necessidade, ele reúne familiares, as irmãs, parentes e também reúne eu e os amigos próximos e ele vai ver o instituto José Xavier e foi em março de 2004, dá início ao instituto é então falar do instituto, entender a criação do instituto também é falar, tem que entender José Xavier Filho. (DUTRA, 2021, s/n)⁹.

Para Lira Dutra, o Instituto surgiu de uma necessidade em movimentar a cultura de Granja, além de servir como homenagem a José Barreto Xavier, e portanto, é necessário compreender a trajetória de José Xavier Filho, enquanto intelectual que visava preservar o patrimônio histórico material. Não obstante, o grande ponto é quando Lira se refere ao fundador como cientista granjense que mesmo não habitando a cidade, volta com o propósito de cumprir essa “missão” com o apoio dos familiares.

Os membros do grupo não se dedicavam exclusivamente às atividades do Instituto, visto que a maioria não residia na cidade, e tinham diferentes profissões. A força maior para a movimentação cultural estava em José Xavier Filho.

Foi meu irmão José Xavier Filho, já falecido, ele era um bioquímico, doutor, tinha phd, era muito ocupado, mas ele sempre tinha esse desejo, mas como ele trabalhava fora, viveu muito tempo fora, só quando aposentou, aí já não tinha mais meus pais e ele tomou essa iniciativa praticamente sozinho. Porque ninguém, ou melhor, poucos de nós concordava, era tal a inabilidade digamos financeira, dificuldades muito grande que meu avô deixou. Uma firma falida, povo adoecia, depressivo, a depressão na

⁹ Entrevista realizada com José Lira Dutra (coordenador do Instituto José Xavier), em 22/09/2021.

família, e é história que todo mundo na Granja sabe e a gente queria se preservar dessa exposição, portanto evitamos. Em primeiro lugar, o aspecto da família, da sociabilidade, das relações financeiras na família, mas ele insistiu e concordamos e eu fui uma das primeiras que concordei com ele; já que ele queria tanto [...] (XAVIER, 2022, s/n).

O fundador da Instituição para Berenice Xavier, passou a maior parte da vida realizando pesquisas nas ciências naturais, carreira científica de destaque. Entretanto, funda uma entidade cultural, escreve memórias sobre sua trajetória para “resgatar” o passado. Inicialmente o desejo em concretizar o projeto de fundação encontrava alguns desafios: a falta de apoio e o quadro de depressão possivelmente por não terem todo o destaque que tinham no passado.

A fundação pode ser percebida como uma busca de identidade, de representar e mostrar o elo dos sujeitos. “É sem dúvida no que Maurice Halbwachs denomina como ‘O laço vivo das gerações’, quer dizer a memória genealógica e familiar, que o jogo da memória e da identidade se dá a ver facilmente” (CANDAU, 2021, p. 137). Portanto dar sentido à própria vida e também contribuir para o fortalecimento da identidade cultural e social.

No Jornal Lira Granjense havia publicações sobre sujeitos considerados de destaque e os eventos da cidade, como o trabalho de Berenice Xavier, que antes da fundação do instituto já realizava apresentações teatrais na casa do Sr. Luiz Oliveira¹⁰ e D. Maria Elisa¹¹, espaço que foi a casa de Ignácio Xavier e repassada aos filhos e aos netos. Na divulgação destaca-se: “Bem Lembrando o Bem Vivido foi um presente que Berenice ofertou aos granjenses, pois não cobrou ingresso, apenas, a seu pedido, foi convidado um público sem restrição de classe, de renda, de idade, de cor, de religião, de política, enfim, o respeitável público.”

É perceptível que mesmo antes da fundação do instituto, havia a preocupação pela família Xavier em oferecer algum produto cultural. Segundo Berenice, com a realização das apresentações teatrais:

[...]desenvolia uma ideia, o Teatro da Bolsa de Berenice Xavier e é muito famoso na granja (risos), então o que é o teatro da bolsa? É o teatro da minha bolsa mesmo, o cartão de crédito, o meu salário, o meu dinheiro, não quero cobrar entrada, nem receber prêmio, nada, fazer do meu jeito e tenho feito isso com relativa tranquilidade desde a época que combinei com minha madrinha/ irmã/ mãe Elisa e aí foi ótimo eu mandava buscar coisas, pessoas e mandava buscar todo mundo, eu também convidava e os amigos enchiam o salão da casa dela. A minha mãe nunca fez isso, porque ela não podia fazer e nem se tinha essa ideia de se fazer cultura. Maria Elisa me estimulou muito e estimulou muita gente na Granja, muita gente foi lá me assistir. Os textos que eu apresentava, a parte da literatura, eu desenvolvi para fazer pesquisas, não é um teatro formal, de cortininha de seda é um teatro corporal, físico, de performances é

¹⁰ Luiz Xavier Oliveira, esposo de Maria Elisa, foi prefeito em Granja entre 1971-1973.

¹¹ Filha de Edna Menescal Xavier e de José Barreto Xavier, irmã de Maria Olímpia, Maria Elisa, Lívio, Edna, José Xavier Filho e de Berenice Xavier.

mais corporal, do pensamento, da fala, é uma coisa que gosto de fazer, tinha feito dois anos na casa, e então o José resolveu fazer o Instituto, montar a ideia e eu pedi a ele, se ele concordava em fazer lá no meio na Biblioteca que ele estava montando[...] (XAVIER, 2022, s/n).

Berenice Xavier desenvolveu o projeto que denomina Teatro da bolsa, um vez que era a partir de seus recursos financeiros, além de promover oficinas de teatro e diversas performances que envolviam os frequentadores da instituição, pretendendo estimular as crianças e os jovens a se expressarem. De forma geral apresentou as possibilidades do desenvolvimento de peças teatrais na cidade.

As entrevistas possibilitam um conhecimento de uma memória que nunca resgata o que foi vivenciado, faz uma seleção de fatos e não vai contar fielmente o que houve, já que algumas partes serão omitidas, reconstruídas, ganhando novas perspectivas sobre os fatos. Portanto, tem-se noção de que o relato produzido pelo entrevistado é diferente do que foi presenciado, vivido, pois recebe influências do presente. Sarlo (2007) afirma que a narração coloca a experiência em uma temporalidade diferente do momento que ocorreu, sofrendo assim as influências do tempo, fundando uma nova temporalidade que vai se modificando quando narrada. Desse modo, resgata as lembranças do narrador em meio aos esquecimentos e seleções de seus testemunhos.

As imagens a seguir apresentam um pouco das oficinas de criação, a primeira foto representa a “I Mostra da Oficina de Criação a partir da obra de Clarice Lispector”, realizada em janeiro de 2010 e a segunda foto da “II Mostra da Oficina de Criação Consciência Corporal” em setembro do mesmo ano. Essas oficinas aconteciam no período noturno e não tinham uma periodicidade regular, pois a depoente morava no Rio de Janeiro e/ou Fortaleza e os projetos desenvolvidos por ela ocorriam durante suas visitas à cidade natal.

Figura 6 - Oficinas de criação ministradas por Berenice Xavier



Fonte: Relatório anual das atividades do IJX em 2010

A família Xavier fazia parte da elite¹² letrada e apesar das dificuldades financeiras valorizavam a educação. A maioria dos filhos do Ignácio Xavier saíram de Granja para estudar em outros espaços e foram reconhecidos na atuação profissional em diversos campos.

O historiador ciente de todos esses pontos que envolvem a memória não cai na “Ilusão Biográfica” tratada por Pierre Bourdieu. Em outras palavras, a possibilidade de narrar a vida por completo de um sujeito, apoiadas em instituições e que direcionam a produção de sentidos. Desse modo, não se pode encarar a fala dos entrevistados como prontas e possuidoras de verdades absolutas, tendo que problematizar para trazer respostas.

Para Amado e Ferreira (2006) as pesquisas que utilizam das fontes orais apoiam-se nas visões individuais, legitimadas como fontes e apresentando um valor informativo ou simbólico, incluindo elementos e perspectivas que podem estar ausentes em outras práticas históricas, visto que tradicionalmente se relacionam apenas ao indivíduo, como subjetividade, as emoções ou o cotidiano.

Segundo Alessandro Portelli (2016) a oralidade além de ser um meio de informação é um componente de significados. Os diálogos e narrativas orais findam na complexidade da linguagem. Ou seja, é imprescindível estar atento ao tom e as ênfases dos discursos, como as falas, expressões colocadas/apresentadas, porque carregam a identidade de quem está depondo e vai transmitir significados conscientes e inconscientes.

2.2 Articulações para atuação cultural

Para o Padre Vicente Martins (1912) os granjenses são inteligentes, sociáveis, hospitaleiros, gostam da paz, da ordem, do progresso, das letras e principalmente das artes, sendo agricultores, criadores e artistas, destacam-se pela cultura da música.

A casa da família Xavier representa um patrimônio histórico para a cidade, apesar de não ser tombada. Sua construção data de 1877-1879, por meio de Antônio Frederico

¹² O termo empregado é utilizado por Flávio M. Heinz na introdução de sua obra sobre história das elites, que define como elite a “minoria que dispõe, em uma sociedade determinada, em um dado momento, de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente (por exemplo, a raça, o sangue, etc.) ou de qualidades adquiridas (cultura, méritos, aptidões, etc.). O termo pode designar tanto o conjunto, o meio onde se origina a elite (por exemplo, a elite operária, a elite da nação), quanto os indivíduos que a compõem, ou ainda a área na qual ela manifesta sua preeminência. No plural, a palavra ‘elites’ qualifica todos aqueles que compõem o grupo minoritário que ocupa a parte superior da hierarquia social e que se arrogam, em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura ou de sua riqueza, o direito de dirigir e negociar as questões de interesse da coletividade”. BUSINO, Giovanni. Elites e elitismo, Apud: HEINZ, Flávio M. (org.). Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Carvalho Motta¹³ e foi comprada pelo seu sócio e amigo Ignácio Xavier, depois herdada aos filhos e netos. Um fato importante sobre a casa é que o Coronel Carvalho Motta recebeu o Conde D'Eu, marido da Princesa Isabel, em 31 de julho de 1889.

Ao lado da residência está o prédio do Instituto que funcionava como armazém/casa comercial, cuja fachada é integrada de forma uniforme ao prédio da Instituição. Conforme Padre Vicente Martins (1911) havia três casas comerciais importantes, dentre elas estava a de Ignácio Xavier que exportava couros, cera de carnaúba, feijão, vinho de caju e dentre outros produtos agropecuários. Portanto o espaço é carregado de sentidos e isso é colocado na construção do Instituto José Xavier.

O prédio que funcionava o armazém é grande para os padrões das construções similares na cidade, abrangendo uma área que vai da rua Pessoa Anta à Praça Coronel Luiz Felipe nos fundos. (XAVIER FILHO, 2007). Desse modo, o edifício possui um significado especial, não só para a família, mas para a cidade.

Segundo Pesavento (2008, p.04) “[...]podemos ter sido induzidos, educados e ensinados a identificar lugares de uma cidade, partilhando das mesmas referências de sentido, em um processo de vivência do imaginário urbano coletivo.” E o prédio da família Xavier pode influenciar essa sensação de pertencimento à cidade, a identidade individual e coletiva até mesmo a compreensão da história e da cultura que permeia esse lugar.

Figura 7 - Fachada da casa dos Xavier e sede do Instituto



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

¹³ Importante comerciante em Granja, atuou na política como vice-presidente ao lado do Nogueira Acioly. Lívio Barreto escreveu um poema em 1893 dedicado a ele.

Na imagem é possível observar o exterior da casa dos Xavier, a fachada do Instituto, a placa identificando a instituição dividida em duas partes. Logo na entrada funcionava a parte do museu, onde guarda diferentes objetos como sinos, máquina de escrever, máquinas registradoras, chicotes, fóssil de peixe, chocalhos, objetos de barro, prensa de couro, televisões, vinis, jogos de tabuleiro, ferros a carvão, cangalhas, louças da época que a família Xavier se destacava no comércio.

A outra parte funcionava a biblioteca com livros, discos, cds, revistas e jornais, acervo sobre a História do Ceará, alguns livros doados pelo jornalista Manuel Ubatuba de Miranda “o João da Granja”, livros de vários gêneros da família Xavier, fotografias, livros caixas do antigo armazém, cartas e documentos da família, livros de autores como Carvalho Motta e Ignácio Xavier, cartas, cálculo da caixa e chitas, documento da firma Carvalho Motta 16/12/1896, documentos de 1882, revistas de artes do colecionador Lívio Xavier. Alguns desses documentos foram catalogados e armazenados em mídias digitais durante a realização da pesquisa de Iniciação Científica em 2019. Nos discursos apresenta-se a forte ligação do lugar com o comércio.

O local onde foi sediado o Instituto, tem a história muito forte vinculada ao comércio local, inclusive essa história vai ser contada num livro sobre o Carvalho de Motta livro publicado por José Xavier Filho que conta muito bem essa história do comércio e localiza, isso também vai ser contado no livro, passagem pela Granja, inclusive estou com ele aqui, também livro de memórias de José Xavier Filho que ele fala dessa questão do comércio e da casa e das relações familiares da cidade, e isso é uma questão do espaço físico, mas também espaço de memória, o armazém, a casa, a questão em relação função do instituto quando ele é criado tem alguns objetivos, porém o instituto vai além desses objetivos. (DUTRA, 2021, s/n).

O entrevistado tinha uma relação muito próxima com o fundador. Trabalhou anos na instituição e juntamente com outros colaboradores/voluntários fizeram parte da história do lugar, da realização dos projetos e esforços para contribuir com a cultura da cidade.

A memória é sedutora e esses discursos trazidos refletem a posição que o depoente ocupa, o papel enquanto mobilizador das lembranças do projeto da entidade e a respeito do próprio fundador, a percepção da necessidade e relevância do espaço em que atuou, contendo o sentimento de pertencimento e identidade.

O Instituto José Xavier fez parte do Sistema Estadual de Museus (SEM-CE), criado no âmbito da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT), sendo reconhecido como Entidade Social. O museu mantinha a memória de sujeitos, principalmente dos mais idosos que faziam reflexões sobre o seu passado através dos objetos que mantinham contato. Ao atuar como museu, o Instituto foi percebido como um “lugar de memória” que para Pierre Nora:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde existe uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização do mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação [...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhais de outra era, das ilusões de eternidade. (NORA, 1993, p. 12-13).

Pela proposição de Pierre Nora é possível estabelecer conexões entre o papel desenvolvido no espaço enquanto museu que vai preservar tanto uma memória de uma família quanto da comunidade/coletividade, possibilitando perceber as modificações ocorridas ao longo do tempo na cultura na cidade e nas articulações de grupos que possuíam ou tiveram uma certa notoriedade/poder para construir outras memórias.

No museu tem-se os restos, os que ilusoriamente são eternizados, podem ser percebidos pelos sujeitos e ganhando novas interpretações, olhares perante tais objetos, consequentemente mantendo essa relação entre diferentes tempos e celebrar momentos, resgates do que foi vivido ou experienciado. E conforme Candau (2021, p.77) “o sentimento do passado se modifica em função da sociedade.”

O grupo se articula para produzir uma memória que propõe representar uma coletividade, representações que vão contribuir para o sentimento de identidade dos sujeitos que mantêm ou mantiveram relações com o espaço. O museu apresenta uma estrutura simples, sem condições adequadas para preservação do acervo, mas que os envolvidos realizam o processo de monumentalização com as condições existentes.

Stuart Hall (2006) aponta que a formação identitária é um processo em constante transformação, visto que é construída e reconstruída, fruto de negociações, e recebem influências de diferentes grupos que ocupam. Ela não é completa ou unificada. “[...]à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p.13.)

Portanto, é preciso compreender que as construções de identidade se formam em locais históricos, institucionais, nas trocas sociais, nos discursos dos grupos que trazem contribuições na forma de pensar e agir, ou seja, influenciam nos costumes, nas crenças e valores dos sujeitos.

O museu representa uma imagem institucionalizada, mesmo criado com a colaboração da comunidade, como um patrimônio onde são criadas representações, estratégias para atingir o público, e portanto, é essencial atentar-se aos discursos produzidos.

Para Roger Chartier as representações da sociedade sofrem influências dos grupos havendo uma manipulação, uma vez que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (1990, p.17).

Trabalhando com a memória produzida através do museu ou da biblioteca da Fundação, reflete-se sobre a atuação cultural de um grupo, buscando entender como se deu essa construção, os discursos produzidos, o que eles traziam, como articulavam e de que modo a comunidade se envolvia.

Para Michel de Certeau, as estratégias são articuladas por sujeitos de querer e poder, seja empresa ou instituição e que se sustentam em lugares. Desse modo, “[...] as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição” (CERTEAU, 1998, p.47). A busca por continuar compartilhando um legado da família que havia no passado e reafirmar a imagem dos Xavier e da cidade “intelectualizada”.

Não se toma os discursos do Instituto José Xavier como verdades, mas como momentos da produção da ideia de referência local, conforme nos alerta Le Goff (1990). Os materiais de memória podem ser os monumentos e os documentos, o primeiro uma herança do passado, carregados de intencionalidades, buscando perpetuar tal acontecimento e o segundo escolha do historiador, que seleciona o que servirá para a produção de suas análises. Desse modo, os documentos também são monumentos e foram produzidos de acordo com interesses, apresentando as relações de força.

Neste sentido, as ações de difusões culturais carregam consigo o desejo de abordar com base em suas perspectivas a importância social, cultural ou até mesmo política de um grupo e de seus antepassados, através das homenagens, exposições, memoriais, mobilizando uma memória em torno de um grupo e da comunidade granjense, trazendo assim distintos significados.

A imagem a seguir apresenta o primeiro cômodo do Instituto, ao entrar pela porta da frente, já tem acesso a parte que funcionava o museu. Nas prateleiras estão dispostos instrumentos representando um pouco da história de diferentes granjenses, pois o acervo foi formado por doações da comunidade. A miniatura de ônibus é um objeto que vem trazendo

uma das denominações da cidade (Macaboqueira), a balança relaciona as atividades comerciais, a televisão ou máquina de escrever às práticas culturais, sendo possível observar as mudanças da tecnologia, fazendo com que os visitantes realizassem reflexões a respeito das transformações ocorridas.

Figura 8 - Museu do Instituto José Xavier



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

O museu como um lugar construtor de memórias e “reconstrutor” do passado e por meio dos monumentos sacralizam esse passado, reafirmam as relações de poder e discurso, desse modo:

A memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações...). Noção de que a memória torna poderoso(s) aquele(s) que a gere(m) e controla(m). (SEIXAS, 2001, p. 42).

A memória busca deixar viva alguma lembrança do passado, já que não é possível capturar totalmente, mas é possível refletir sobre os usos desse passado, considerando que quem gera essa memória detém certo poder.

Uma cidade do interior cearense, que não tem tantos investimentos na cultura, possuía uma entidade cultural privada mantida por doações e investimentos dos Xavier. A catalogação e preservação do acervo, segundo a colaboradora Josenira¹⁴:

¹⁴ Entrevista realizada com Josenira Costa dos Santos (colaboradora do Instituto José Xavier, realizou a organização e separação dos acervos, para os novos destinos), em 23/05/2022. Ela é costureira e criou o ateliê cosplay, quando encerrou as atividades no Instituto passou a se dedicar exclusivamente ao trabalho de confecção e montagem de fantasias, máscaras e acessórios. Utiliza-se colaboradora, funcionária ou voluntária, pois são algumas das denominações utilizadas pela entrevistada. Vale ressaltar, que eles trabalhavam em sistema de voluntariado, mas tinham direito a uma bolsa auxílio.

[...] só pode ser feita por uma bibliotecária ou bibliotecário formado, então a primeira catalogação do Instituto foi feita logo no início, assim que foi criado, com os primeiros funcionários, quando eu cheguei lá [...] Então havia sido feito há bastante tempo, depois disso foi recebendo as doações, porque o Instituto funcionava nesse sistema de doações e listando, anotando, tinha um livro, um lugar onde sempre anotávamos, o livro que chegava de doação, quem doava, quando doava, essas anotações eram feitas, mas catalogação só a do início, tanto que só uma parte da biblioteca era catalogada e a catalogação dela foi feita no sistema mais antigo CDU ou CDD que acho que hoje está bem mais atualizado o sistema de catalogação, hoje já é outro e a gente não tinha digitalizado isso, só uma parte que tinha no sistema e foi se perdendo, eu lembro da dificuldade que nós tínhamos, lembro que o Lira queria instalar outro sistema, para podermos trabalhar e tudo, a gente trabalhava do jeito da gente, a pessoa procurava o livro e a gente ia lá e procurava direitinho, porque no sistema não estava sendo mais viável, primeiro que a gente não tinha mais, o sistema estava como posso dizer ... dando os problemas mesmo e a gente ficava sem computador, mas a catalogação foi feita só de início e depois os livros foram chegando, a gente organizando, mas não estava mais catalogando, só organizando na prateleira. (SANTOS, 2022, s/n).

A declaração de que apenas uma parte da biblioteca foi catalogada sugere desafios na gestão dos acervos, pois a função de organizar e anotar os novos materiais ficaram de responsabilidade da funcionária. Portanto houve uma lacuna por não ter um profissional responsável pela catalogação e por ter apenas parte do material digitalizado, essa questão financeira para esse investimento implica em problemas de perda de materiais.

A depoente destaca as limitações em relação ao processo de catalogação do acervo da Entidade. Nota-se que a realização da catalogação por um bibliotecário foi realizada apenas no início da criação do Instituto, portanto fizeram adaptações e a atualização do acervo era realizada por alguns dos colaboradores, mostrando assim, a limitação do sistema de catalogação.

Para Edinailson Passos (2012) Pe. Vicente Martins iniciou a historiografia da Granja letrada e descreveu como amante das artes a família Xavier, que possui a influência cultural, mantendo o Instituto José Xavier, publicando livros e sendo criadores/fomentadores de memórias, principalmente com José Xavier Filho.

O historiador granjense debate sobre as relações entre cidade e poeta, as visões sobre essa cultura letrada que buscaram construir, não sabendo ao certo o criador, mas tendo alguns sujeitos que ajudam a fortalecer essa ideia. Entretanto, esse fortalecimento dessa imagem não se deu de forma consciente, organizada pelo grupo. Entretanto, discordamos nesse ponto, visto que construíram um projeto para valorizar uma cultura local, preservação dos bens culturais e buscando fortalecer a ideia da Granja letrada, berço de filhos ilustres e que investiam na área cultural.

Conforme o relatório anual de 2006 das atividades realizadas na instituição, foi em 06/03/2006 que iniciaram a catalogação de 1054 livros da Biblioteca José Xavier, com ajuda

do bibliotecário Márcio Nunes e em 09/08/2006 a catalogação das peças do museu, sob os cuidados de José Lira Dutra. (INSTITUTO JOSÉ XAVIER, 2012).

É perceptível a presença atuante de Lira Dutra nas atividades culturais, seja como coordenador, catalogando as peças do museu bem como diferentes funções, devido aos poucos colaboradores capacitados. Seu primeiro livro de poema, “Artesão de si”, foi publicado pelo Instituto.

A imagem seguinte apresenta parte da biblioteca, podendo ser acessada pela porta lateral ou a da frente, passando primeiro pelo museu. A foto foi feita em 2019 durante a realização de pesquisas. Ao longo desse cômodo estão dispostas algumas imagens de membros da família fundadora, as estantes com os diferentes acervos e atrás dessas (ao lado esquerdo) estão os armários que guardam alguns documentos antigos e os livros que foram publicados com incentivos do Instituto (os que não foram vendidos).

Figura 9 - Biblioteca do Instituto José Xavier



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Para entender a respeito do processo de organização e preservação do acervo, questionou-se Josenira Costa (2022) sobre cursos de capacitação e formação:

[...] eu procurei me informar do mínimo, do básico. Por exemplo, tinha as bibliotecas do que lá é assim... tinha a biblioteca do instituto que era catalogada e tinha mais três bibliotecas de livros extremamente antigos que é do jornalista Ubatuba de Miranda que veio doada da ACG (Associação Comunitária de Granja) se não me engano. Estava no instituto a biblioteca de Emanuel Xavier, que é da família de Lívio Xavier que também é da família. Então eram bibliotecas pessoais que estavam lá arrumadas e de alguma forma não faziam parte da biblioteca do instituto, porque não estavam catalogadas, nem eram de livros novos. Esses livros extremamente antigos, esses livros muito antigos tínhamos o maior cuidado. Colocar uma luva, para fazer, não tinha como trabalhar lá sem máscara e é isso...íamos pelo cuidado mínimo, não dava pra cuidar, limpar só superficialmente, você tinha que ir minuciosamente e limpar com o pincelzinho. O Lira dizia: “tem que ser assim bem com calma.” E a gente ficava “tá

certo Lira”, dava uma impaciência, porque era um tempo bem maior para terminar, mas era o que tinha que ser feito e a gente ia e fazia desse jeito né?¹⁵

Os arquivos privados também eram recebidos pelo instituto. Para Bacellar (2008, p.42)

No Brasil não há uma prática corriqueira de preservação documental privada, e as notícias de destruição de importantes conjuntos documentais infelizmente não são raras. Muito poucos são os casos de iniciativas de organização de tais acervos empreendidas por seus produtores ou detentores, com o objetivo final de franqueá-lo à consulta. Mais usuais são os casos de doação ou venda para arquivos públicos ou centros de documentação, onde podem ser abertos à pesquisa.

Os documentos eram organizados em pastas nos armários, expostos ao público quando havia exposições ou a pedido de jovens pesquisadores, mas sem as condições ideais de climatização, profissionais com formação arquivista ou bibliotecária. Entretanto, faziam grande esforço para preservar o acervo, embora não havia uma proteção legal.

Segundo Fernandes (1993, p.275) “[...] a preservação propriamente dita abrange desde a proteção legal, conservação, restauro, até a valorização, utilização e dinamização dos bens culturais.” Portanto, a preservação é um processo amplo e necessário, com o objetivo de garantir sua sobrevivência, apreciação e relevância ao longo do tempo.

Era perceptível que o acervo da Entidade tinha coleções diversas, objetos das famílias locais, com livre acesso da comunidade que passavam a compartilhar dessa memória e preservá-la, embora possuísem limitações na questão de guarda.

Segundo Burke (2000, p.73) “[...] as memórias são influenciadas pela organização social de transmissão e os diferentes meios de comunicação”. Desse modo, esses meios podem ser uma imagem, monumentos, uma transmissão oral, pelos sujeitos envolvidos com o espaço, as celebrações e rememorações, os centenários de personalidades consideradas importantes na cidade, as narrativas e os livros de memória.

Conforme o relatório geral das atividades do Instituto José Xavier durante 2004-2005, nos primeiros meses foram realizadas reuniões com sócios, negociações com voluntários, aquisição de materiais e contando com a contribuição de seis voluntários, desenvolvendo exposições, visitas às fazendas, palestras e curso de preservação de acervos, doações para famílias carentes. (INSTITUTO JOSÉ XAVIER, 2012).

Sobre a relação com o espaço Josenira menciona que:

¹⁵ Entrevista realizada com Josenira Costa dos Santos (colaboradora do Instituto José Xavier, realizou a organização e separação dos acervos, para os novos destinos que terão), em 23/05/2022.

Comecei no Instituto em 2011/2012, eles abriram uma vaga lá, fazia tempo que a gente conhecia o Lira, então ele pensou na gente, já que nós somos muito envolvidos com a área da cultura e ele imaginou que seria legal. E aí eu fui inicialmente trabalhar meio expediente. Na época eu estava com a Joice bebê, 7 meses, mas consegui vaga na creche e foi maravilhoso e desde então comecei a trabalhar. A minha relação com o instituto vai além do trabalho, porque é uma área que me identifiquei muito, sempre gostei da ideia de trabalhar com pessoas e números, minha outra paixão, mas trabalhar com pessoas, com atendimento foi um dom natural e para quê lugar melhor né? Receber pessoas de idades diferentes, de personalidades diferentes, interesses diferentes e lidar com muitas pessoas e sempre em busca de algo que me encantou muito, que era conhecer a história do município, a história de Granja e eu fui aprendendo e ensinando ao mesmo tempo, o que era maravilhoso. Então tenho lembranças de relações muito ricas com o grupo Girassol de idosos, quando o facebook me lembra daquelas visitas, no início eu chorava e eu fiquei lá pelo instituto trabalhando durante uns cinco a seis anos 2017/2018 [...] (SANTOS, 2022, s/n)

O Instituto José Xavier já tinha cinco ou seis anos de funcionamento quando a voluntária começou seu trabalho na instituição. O fato de não ter realizado cursos de capacitação para preservação de acervo, relaciona-se ao fato dessas capacitações ocorrerem apenas nos primeiros anos de funcionamento, já que nos relatórios gerais das atividades apresentam esses fatos. Além disso, a proximidade com alguma atividade cultural e a relação de amizade com o coordenador da entidade possibilitou o ingresso no trabalho.

A depoente percebe-se como parte dessa memória e a Entidade foi um lugar de trocas de experiências com os visitantes, especialmente com o grupo de idosos.

Na busca pela preservação de uma cultura local, o Instituto José Xavier desenvolveu diferentes atividades como as exposições que resgatavam a memória de sujeitos considerados ilustres como a de Lívio Xavier (escritor, jornalista, advogado e militante socialista) ocorrida em 03/05/2004, reunindo cerca de 30 pessoas na inauguração e ocorrendo ao longo de 2004¹⁶. (INSTITUTO JOSÉ XAVIER, 2012)

Outro projeto mencionado nos relatórios anuais o “Memória da Granja” visava “resgatar” História Granjense, por meio de entrevistas com moradores das diferentes classes sociais gravadas em fitas. Infelizmente não foi possível o acesso desse material, porque não se encontra armazenada em outros meios, além de não ser possível o acesso ao Instituto devido o processo de desocupação e o responsável não permitir manusear os materiais que ainda se encontram no prédio.

Outra atividade realizada pelo Instituto era a visita às fazendas. Em julho de 2004 os membros da direção visitaram Lagoinha¹⁷ e nas ruínas da casa em Malhadinha, espaços da

¹⁶ Essa exposição foi cedida pelos professores universitários Alexandre Barbalho e Adelaide Pereira, ocorrendo ao longo do ano de 2004

¹⁷ Conforme Lívio Xavier Lagoinha era situada nas antigas terras dos Jesuítas, também conhecida, por Missões, era uma propriedade a cinco léguas de Granja, adquirida por seu pai (Ignácio Xavier) em 1906, construíram uma

família Xavier. No primeiro a família ficava durante o inverno e no último era a residência de Inácio Xavier e seus pais na metade do século XIX¹⁸.

Lugares que remetiam à história da família fundadora do Instituto. Além disso, é importante destacar que Missão por muito tempo pertenceu aos Xavier e os Oliveiras. A família Xavier possuía algumas terras em Granja, detendo assim, um certo poder. E no próximo capítulo será destacado algumas das memórias dos funcionários das fazendas em um dos livros publicados pelo Instituto em homenagem a Edna Menescal, a esposa do patrono do Instituto.

Para Albuquerque (2019, p.203) “O ato de lembrar é, sobretudo, o trabalho de localizar lembranças no tempo e no espaço.” Na busca por evocar as lembranças e a tradição da comunidade frequentemente ocorria a realização de exposições que tratavam de alguma temática local como a de produtos da economia granjense, como a carnaúba, sendo realizada de 26/05/05 à 31/07/2005, tendo recebido 667 visitantes, e a do Caju, organizada pela artista plástica Edna Xavier entre 22/10/2005 à 28/11/2005 reunindo 339 pessoas.¹⁹

Abordar as várias utilidades da carnaúba, do caju e da castanha, bem como doces, farinhas, bebidas, sucos, buscava levar aos visitantes o sentimento de pertença à história da cidade e o espaço do Instituto. Além disso, artesãos que utilizavam a palha para confecção de chapéus ou outras peças tinham seus produtos expostos para venda.

A imagem abaixo representa uma das atividades realizadas, as oficinas de pintura, onde crianças e jovens participavam mantendo o contato dos membros da Instituição com a comunidade para incentivar e possibilitar a valorização dos sujeitos.

Figura 10 - Oficina de pintura



Fonte: Danilo Dark (2018)

casa nessas terras para passarem os períodos chuvosos, entre um ou dois meses. XAVIER, Lívio. **Infância na Granja**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1974.

¹⁸ INSTITUTO JOSÉ XAVIER. Relatório Geral das Atividades do Instituto José Xavier: Desde sua fundação em 2004 até dezembro de 2005. Granja, 2012, p.01-02.

¹⁹ Ibidem., p.03.

A figura seguinte apresenta os membros que participavam de atividades do Instituto. Concedidas por Berenice Xavier, podem ser observados Berenice Xavier, Lira Dutra com a filha, Danilo Dark, Lidimar Rodrigues e Josenira Costa, que participavam e contribuía com as atividades da Instituição. Alguns continuam se dedicando na parte cultural como Josenira. O envolvimento com o Instituto proporcionou criar o espaço próprio de confecção de roupas e fantasias. Diante disso é perceptível nas palavras dos envolvidos de gratidão e reconhecimento com IJX.

Figura 11 - Membros do Instituto José Xavier



Fonte: Arquivo Berenice Xavier

Diante das trajetórias dos agentes culturais, professores, estudantes, funcionários públicos, é possível entender sobre o lugar social que ocupam ou ocupavam. Nos discursos/depoimentos de cada entrevistado há subjetividades, silêncios e seleções, possuindo valores do presente, pois “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, remontar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado” (BOSI, 2003, p. 52).

A imagem a seguir apresenta uma das atividades jovens e adolescentes na companhia do professor Lira Dutra, Danilo Dark e Josenira Costa.

Figura 12 - Atividades Culturais



Arquivo: Danilo Dark (2018)

Em 2006, ao ser comemorado o dia da Independência do Brasil, os escoteiros de Granja juntamente com o Instituto José Xavier, organizaram sessão de cinema ao ar livre, ao lado do prédio da antiga Cadeia Municipal com o filme “Caramuru- A invenção do Brasil”, dando o primeiro passo para o surgimento de um projeto da instituição. Em 11 de novembro houve uma parceria do IJX com a Casa de Cultura, para realização gratuita de cinema duas vezes ao mês²⁰. Desde então, eram realizadas sessões de cinema: o Cine arte e cinema ao ar livre.

Essas sessões foram apresentadas como uma forma de inclusão social, visto que a cidade não possui sala de cinema e a mais próxima ficava a duas horas de distância. Essa iniciativa do Instituto e do departamento de cultura era uma forma de democratizar o acesso às obras cinematográficas nacionais e internacionais. Filmes como “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “As filhas de Marwin”, “O carteiro e o poeta”, “Crime do Padre Amaro”, “Dom”, “Tropa de Elite”, dentre outros, eram exibidos de forma gratuita e reunia um público diverso.

A exibição de diferentes filmes por meio desses espaços alternativos trouxe um impacto positivo nos frequentadores, por ser um momento de socialização e de identificação. Portanto, ao oportunizar gratuitamente produções cinematográficas, possibilitaram aos sujeitos discutir ou repensar alguma temática e consequentemente a construção de uma memória coletiva relacionada ao Instituto.

Investiu-se também em projetos que remetiam ao passado de pessoas de “destaque”, principalmente os membros da família Xavier, as relações que foram estabelecidas na cidade, assim como projetos sociais.

²⁰ INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **Relatório anual das atividades desenvolvidas pelo Instituto José Xavier durante o ano de 2006**. Granja, 2012.

Em maio de 2009, o Instituto José Xavier realizou doações de alimentos às vítimas da enchente na cidade. No mês seguinte continuou contribuindo com roupas e calçados para as famílias afetadas nos bairros Barroirão e Lagoa.²¹

Figura 13 - Doações durante as enchentes em 2009



Doação de roupas no Bairro da Lagoa



Doação de roupa na Creche Esmerino Filho

Fonte: Relatório anual de 2009 do Instituto José Xavier (2012)

Para Souza (2013, p.117) todo lugar é um espaço social, entretanto, nem todo espaço social é um lugar. Portanto, o espaço social é o que se produz em meio às relações sociais, as mudanças e apropriações da natureza. Já o lugar representa os sentidos, os espaços vividos. Desse modo, ao tratar de lugar foca-se na dimensão cultural, as questões que envolvem identidade, as trocas simbólicas, os sentidos construídos.

Saindo da visão dos colaboradores vamos para a entrevista com um jovem que participou por algum tempo das atividades da Instituição. Estudava na escola de música que tinha parceria com o Instituto na rede de relações que foi criada entre os diferentes grupos. Questionado em relação ao papel do Instituto José Xavier, Ederson Silva destaca que

A principal função dele infelizmente é esquecida, não só aqui, mas no nordeste, no Brasil que é de salvar a cultura, entender como as coisas aconteciam antigamente e deixar viva a cultura. O Lira buscou manter por muito tempo, cultura popular viva, como o grupo do Bumba-Meu-Boi e vejo que é uma questão mais cultural do brasileiro em si, de meio que deixar para trás a questão cultural do próprio povo, muito mestiço, diversificado, tem uma pluralidade muita grande e influenciada por questões exteriores, acabam valorizando uma cultura de fora do país. Podemos perceber que os próprios brasileiros não tem tanto esse patriotismo com o próprio Brasil. Eu acredito que se não fosse pelo papel do Instituto muito provavelmente, muitas coisas teriam sido esquecidas, porque as pessoas que trabalham com arte na Granja são bem conhecidas como essas que citei o Lira, Neucleber, Lidimar, todos tentam manter viva essa cultura e é isso. Sobre o museu as escolas deveriam valorizar mais e levar as

²¹ INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **Cultura e História da Granja**: Relatório anual de 2009. Granja, 2012, p.08.

peessoas mais lá, essa questão de globalização acaba deixando de fora essa materialidade cultural própria por assim dizer.²²

Quando questionado a respeito da relação com a entidade, Ederson Silva (2022) deixa claro que foi apenas durante mais ou menos dois anos, durante a adolescência, e essa aproximação se deu pelo grupo de violão do Neucleber²³ e o Lira estava presente na ArteGran (Associação dos Artistas Granjenses). Desse modo, realizou apresentações no espaço, bem como assistia as danças e apresentações das peças teatrais desenvolvidas por Berenice Xavier.

Outro ponto que o depoente destaca é o Bumba-meu-boi, que representaria a valorização da cultura popular em Granja, um patrimônio imaterial que partiria da tradição, unindo o lúdico e o religioso. Essa manifestação popular era muito vivenciada por muitos granjenses e acontecia na metade de novembro até janeiro. Entretanto, em 2012 já não havia mais o boi dos adultos, mas permanecia viva na memória das crianças que se organizam em grupos e com improviso realizavam suas apresentações em algumas ruas.²⁴

As apresentações do Bumba-meu-boi com crianças eram patrocinadas pelo IJX e o professor Lira Dutra coordenava esses trabalhos. Nos dias atuais ainda acontecem essas manifestações culturais, onde as crianças saem com o boi, cantando, batendo palmas, se divertindo, mas não é tão presente como no passado.

Seguir a tradição é uma forma de reorganizar os laços de identidade. Para Hobsbawm (1997, p.09) as tradições inventadas devem ser compreendidas como um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica que visam conformar certos valores e normas de comportamentos por meio da repetição, o que implica em uma continuidade dessas práticas com relação ao passado.

Nessa perspectiva, o grupo visava socializar sua memória. Percebem a necessidade de continuar o “legado” e manter a tradição. A imagem de intelectualizados é uma forma de manter laços e sinais compartilhados entre si, Hobsbawm acrescenta:

O objetivo e a característica das “tradições, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades

²²Entrevista realizada com Ederson Silva (granjense, estudante de pedagogia, 23 anos, jovem que participou de algumas atividades do Instituto José Xavier,) em 28/02/2022.

²³ Neucleber Ribeiro Guarinho professor de música da Escola Primeiros Acordes, que é um projeto independente visando ampliar a linguagem musical no município de Granja teve início no dia 06 de novembro de 2006, quando um de seus idealizador e cofundador Neucleber era bolsista do projeto FECOP cultura do governo do estado e ministrando aulas de violão e Teoria Musical voluntário na biblioteca municipal de Granja, em parceria com seu tio João Paulo Guarinho abriram uma sala onde realizavam aulas de Violão, Bateria, Guitarra, violino, Contrabaixo, Teclado e percussão.

²⁴ DUTRA, Lira. Meu boi ainda não morreu. In: MAGALHÃES, Pedro de Souza; DUTRA, José Lira (Orgs.). **Lira Granjense: jornal literário** Compilação Fac_similar (2003-2012). Granja: Instituto José Xavier: Tecnograf, 2013.

tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica [...] O “costume” não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais. O direito comum ou consuetudinário ainda exhibe esta formação de flexibilidade implícita e comprometimento formal com o passado. Neste aspecto, aliás, a diferença entre tradição e costume fica bem clara. “Costume” é o que fazem os juizes; “tradição” (no caso tradição inventada) é a peruca. A toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado. A decadência do “costume” inevitavelmente modifica a “tradição” à qual ele geralmente está associado. (HOBBSAWM,1997, p.10)

O Instituto como uma instituição de memória, lugar social e cultural, espaço de leitura, de palestras e produção intelectual, conserva o patrimônio e imagem do grupo intelectualizado no espaço para partilhar e dialogar com o passado. Existe então um “empenho em recuperar pelo espírito, alguma coisa que tenha ocorrido no passado” (PESAVENTO, 2012, p. 95), tanto nos discursos, quanto em suas produções para preservar os laços com o passado.

Figura 14 - Exposição sobre história do futebol amador de Granja



Fonte: Blog Folha Granjense (2014)

O Museu do Instituto realizava algumas atividades de evocação de memória, de junho à julho de 2014, no contexto de Copa do Mundo numa exposição intitulada “Futebol e Memória Granjense” com fotografias de acervos pessoais para construir a identificação da comunidade, conhecer ou relembrar sobre o futebol na cidade.

São aproximadamente 120 fotos que levarão o visitante a uma viagem ao universo futebolístico do município, desde a época de Mitotônio à Tiago Granja, com destaque para as seleções municipais formadas nos anos 80 que reuniram atletas amadores que se destacaram no futebol local e regional, como Etico, Antonio Paulinho, Boneco,

Biluca, Faculdade (já falecido), entre outros. Há, ainda, material sobre o futebol feminino e sobre a fundação do principal e mais antigo clube da cidade, o Leão do Norte. (BLOG FOLHA GRANJENSE, 2014, s/n)

Ainda apresentando sobre o envolvimento com as atividades culturais e o incentivo que a Instituição proporcionava na parte cultural, a entrevistada, Berenice Xavier, ainda declara que:

Outra coisa que não é mais do Instituto, mas vai no embalo do Instituto, porque não vou largar o meu interesse, a cultura da Granja, nunca ninguém tinha lido, não sei se você ficou sabendo, de uma leitura conjunta na live, leitura de Hamlet, jovens estudantes e professores da Granja, a Lidimar, junto com o pessoal, Neucleber, o Lira, ela dirigiu a leitura e eu orientei é claro, mas nunca ninguém tinha lido o Hamlet, a não ser escondido dentro de casa. Eu nunca tinha ouvido falar em Hamlet, Shakespeare, a não ser dentro da minha casa, que todo mundo leu, todo mundo lia, estavam lá os livros, mas os demais não, ninguém leu. O Hamlet é uma peça de alta tensão política e aí lemos, não sei como, mas uma leitura simples e ficou muito bonita, mandei também para a UFRJ e a partir dali eu fiz uma escolha [...] todo mundo fazia essa pergunta, então fizeram um vídeo e mandaram para a Granja, esse é o projeto que está conhecendo, o Danilo Dark não sei se você conhece, mas deve conhecer é muito meu amigo, queridíssimo, inteligente, um artista, faz muitas coisas interessantes e ele tá montando esses círculos de leitura em todas as línguas, para que em qualquer lugar do mundo se possa ler, quem quer ler, o projeto montado este ano [...]

A partir do Instituto mesmo os que não residiam no espaço ainda participavam do projeto de leitura coletiva de livros clássicos ou outros. Conforme Dutra (2021, s/n.):

Alguns movimentos surgiram no instituto outros o Instituto acolheu e fortaleceu. Um fortalecimento de uma rede não burocrática ou oficial, mas de vivência. Por exemplo, a biblioteca comunitária nasce no instituto da ideia de se ter uma biblioteca para todos e a partir das conversas, das formações que tivemos sobre patrimônio material, sobre a própria comunidade [...] o Pedro Bil, um jovem que escreve poesia, é professor, morava numa casa de taipa, ele queria montar uma biblioteca lá na Boca do Acre, comunidade no bairro São Pedro. Portanto, o Instituto deu as condições iniciais, primeiro ouvia, acolhia ideias, as falas, os sonhos. E Pedro Bil tinha essa vontade de montar a biblioteca, então fomos lá, nós visitamos, o professor José Xavier Filho fez a primeira doação de livros para a biblioteca, doamos uma quantidade de livros infantis e outros, montamos na sala mesmo do Pedro Bil [...] Jele se sentiu confiante para finalmente realizar seu sonho, proporcionamos as condições iniciais e a partir daí fizemos roda de leitura na biblioteca comunitária do Pedro Bil, sentado com as crianças no terreiro e exibimos alguns filmes.

O entrevistado informa que mesmo depois do Instituto fechado, outros sujeitos continuaram focando na parte cultural. O Pedro Bil (Pedro Filho)²⁵ construiu uma nova casa e a Biblioteca Comunitária Luz da Sabedoria ao lado, mesmo no momento da pandemia, acolheu e compartilhou as histórias com a comunidade, para estimular a leitura e democratizar o acesso aos livros nessa área periférica.

²⁵ Pedro Ribeiro Filho conhecido como Pedro Bil é professor e teve a iniciativa de criar o projeto da biblioteca comunitária em parceria com a Associação dos Artistas Granjenses e do Instituto José Xavier.

O Instituto também fez a doações de livros na comunidade de Mocoçal, na Lagoa/Bairro de Fátima. Uma jovem, ex-aluna do Dutra ansiou criar uma biblioteca comunitária, para ajudar as crianças da comunidade. Deu aulas de reforço e ajudou nas atividades remotas, já que muitas mães não conseguiam, por ser em semianalfabetas. Essa jovem encontrou o problema e ajudou com as aulas de reforço, com as rodas de leitura e recebeu doações de livros infantis da Instituição.

Berenice Xavier em 2007 apresentou em algumas escolas o monólogo “O marinheiro” de Fernando Pessoa e introduziu canções do folgado granjense “A marujada” com a contribuição de atores do Grupo Resistência de Teatro²⁶ em parceria com a Secretaria de cultura.

Para Verena Alberti (1996), as entrevistas são resíduos das ações interativas de um lado o entrevistado, do outro o entrevistador. Ambos possuem ideias sobre seu interlocutor, onde cada um busca um determinado objetivo, seja ouvir a experiência do depoente ou fazer com que compreenda o relato, até mesmo mude de perspectiva enquanto historiador em sua ação específica de interpretar o passado. Portanto, ao ouvir os relatos de cada depoente, buscava-se compreender as relações com a instituição, quais as manifestações culturais de que participavam e as visões sobre tal espaço.

Ederson Silva (2021), ao ser questionado sobre o trabalho do fundador e do coordenador do espaço, declara:

Os funcionários o conheciam de perto, faziam parte dos círculos de amizades que tínhamos e éramos bem próximos. O que eu pude perceber nesse tempo era que as pessoas que participavam desse negócio de arte foram para outras questões culturais. Então tinha as pessoas que faziam parte naquele tempo e foram para outras questões culturais, tinha aqueles que entraram para entrar em eventos mais modernos, por exemplo de Otaku, Animes e Mangás, que tem dois eventos na cidade sobre Mangás e animes e as bandas que foram criadas. O que eu pude perceber foi isso, as pessoas que lá trabalhavam e frequentavam, eu vi que eles criaram uma atmosfera bem deles mesmo, nossa por assim dizer, bem próxima e tudo cultural, mas estrangeira agora, como é o fato dos Animes e Mangás e também da questão de Rock, das bandas de Rock, cantores e guitarristas. Então foi isso e sobre os funcionários, as pessoas que frequentavam eram bem próximas, amigos, então alguns não se conheciam, mas por estar presente ali naquele círculo, acabam se relacionando entre si, então era um lugar de muita paz por assim dizer.

Participando do mesmo círculo de amizade e compartilhando interesses e atividades fora do ambiente do Instituto muitas pessoas que frequentavam o IJX começaram a se interessarem por elementos da cultura estrangeira, apesar de enxergar a importância da valorização da cultura popular e se envolveram com animes, mangás, além das temáticas

²⁶ INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **Cultura e História da Granja**: Relatório anual de 2007. Granja, 2012, p.03-04.

tradicionais como do Bumba-Meu-Boi. Essa diversificação modelou e formou a identidade desses sujeitos, para além das atividades que eram tradicionais ao espaço.

Muitos depoimentos apresentam os membros mais ativos como sujeitos que já participavam de alguma atividade cultural, que já eram amigos e frequentavam outros grupos em comum. Além disso, as visitas e participações nem sempre eram tão expressivas e buscaram apresentar em diversos momentos o papel ativo e inovador desse empreendimento.

De acordo com Achard (1999) a análise discursiva é uma posição enunciativa que também é do sujeito histórico, já que seu discurso produzido sempre será retomado, reproduzido, apresentando a hipótese de sujeito histórico de que fala. Ou seja, cada discurso produzido sofre algumas alterações, visto que ao circular pode apresentar outras perspectivas por diferentes sujeitos.

Para Dutra (2021), entre Camocim-Sobral só existia o instituto e Sobral que é referência, mas nessas cidades próximas, apenas o IJX aparece como um lugar cultural, social e único, mantido pela sociedade civil, sem a colaboração pública. O coordenador da instituição traz essa visão de originalidade e espaço único, como também uma crítica sobre a falta de investimento do poder público, por se “isentar”, distanciar-se das “facções políticas”, como se via no *jornal Lira Granjense*, que apresentavam de forma eclética e sem tendências partidárias as obras dos expoentes da literatura granjense, assim como incentivava a criação dos que ansiavam escrever (MAGALHÃES; DUTRA, 2013)

2.3 Dos dias de glória ao fim da instituição: Granja “Terra do lá tinha”

No sétimo aniversário do Instituto José Xavier, foram realizadas ações de comemoração. Conforme seus relatórios o papel da entidade era de resgatar a história dos sujeitos que se destacavam na comunidade, políticos, administradores, poetas e artistas pela escrita, imagens e as várias formas de se apresentar a cultura.

Os eventos comemorativos eram uma forma de pensar a memória do Instituto e da cidade, o vínculo dos frequentadores e apresentação do dever cumprido. Segundo Candau (2021), as comemorações estão presentes no jogo identitário buscando legitimar, valorizar, excluir, manter a ilusão comunitária, a ficção da permanência, o sentimento de cultura comum, rememorar um passado e celebrar um acontecimento.

Conforme esses relatórios foi criado pelo Projeto de Lei Municipal N° 18/05, em 19 de Setembro de 2005 e aprovado por unanimidade, a condição de utilidade pública ao

Instituto José Xavier. Em termos legais houve o reconhecimento, mas faltava o apoio na prática, embora se visse isso no começo do projeto.

Em 19 de junho de 2007 ocorreu a plantação de cajueiro na Escola José Barreto Xavier. Berenice Xavier ao realizar uma visita percebeu a ausência de árvores frutíferas no colégio localizado em Missão, território que pertencia à Luiz Oliveira e sua esposa Edna Xavier. O próprio nome do estabelecimento era uma homenagem a José Xavier.

A Instituição realizou concursos anuais de redação envolvendo escolas municipais e estaduais, com temáticas que despertavam o interesse da juventude para o passado do município premiando os três melhores colocados.

A transmissão memorial tem eficácia quando os receptores reconhecem os transmissores como depositários da memória verdadeira, consequentemente essa transmissão social vai possibilitar a reprodução de memórias fortes. (CANDAU, 2021) Desse modo, para que a memória produzida pelo Instituto fosse reconhecida como forte pelos sujeitos que frequentavam e consumiam a produção era necessário que percebessem o IJX como o verdadeiro guardião e produtor da memória de Granja. As programações de exposições, oficinas, palestras, cursos, competições, o acesso à biblioteca era gratuito para atrair o público.

Em abril de 2009 surgiu o programa “Cantinho da Leitura”, com o intuito de despertar o interesse das crianças, jovens e adultos. Os momentos aconteciam uma vez por semana com crianças entre 8 e 13 anos. Conforme Josenira (2022) era um espaço com muitos tapetes e livros para as crianças sentirem-se à vontade e uma colaboradora lia para elas. Os recursos advinham da família fundadora e de doações e realizava-se visitas nas escolas municipais.

A forma como o passado é narrado está condicionada ao lugar que ocupa quem descreve os fatos. Os discursos da colaboradora Josenira Costa, apesar de carregados de paixões, apresentam uma visão detalhista das vivências diárias na Instituição, diferentemente de Berenice Xavier, irmã do fundador, e a de José Lira Dutra, coordenador. Mas todos percebem e buscam mostrar o diferencial da instituição.

Eram realizadas exposições de artesanato com produtos da arte popular como bordado, tecelagem, artesanato em barro; o Programa Biblioteca Itinerante que possuía, conforme os relatórios, 183 leitores cadastrados, visitados por bolsistas em suas residências para levar os livros e cadastrar novos leitores na comunidade; projeto com referência letrada e educacional.

Nos anos iniciais desenvolveram-se diferentes atividades que abordavam ou procuravam “resgatar” o passado de algum sujeito considerado “ilustre” na cidade ou sobre

algum elemento da cultura local. “Não se resgatam memórias, constroem-se memórias.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.228). A memória não fala por si só, ela é interpretada, reconstruída no presente e chama atenção para esse problema da síndrome de resgate, dessa mitificação dos discursos sobre os objetos ou sujeitos.

Conforme Dutra (2021), outro projeto, o curumim cidadão, lançado em 30 de agosto de 2017, visava tratar das noções básicas de educação em cidadania e direitos humanos para alunos do Ensino Fundamental I e II na rede municipal. Teve pouca duração, já que em 2019 a Instituição encerrou suas atividades. Foi desenvolvido por Beatriz Xavier, que era representante do conselho estadual de defesa dos direitos humanos e pôde oferecer diversas oficinas e materiais.

A imagem a seguir apresenta a secretária da Justiça e Cidadania do Estado, Socorro França, recebendo Beatriz Xavier²⁷ (na época nova presidenta do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos), e o secretário-executivo do Conselho, Ryugo Martins. Na visita Socorro França recebeu a blusa do projeto Curumim Cidadão.

Figura 15 - Beatriz Xavier fundadora do projeto Curumim Cidadão



Fonte: Facebook Instituto José Xavier (17.10.2017)

A cidade de Granja tomou diversas iniciativas para que fosse percebida como um centro cultural. Segundo Xavier Filho (2008) foram criadas o semanário Granjense(1879), Gabinete de Leitura Granjense (1880), Sociedade Propagadora da Instrução (1880), Filarmônica Granjense, jornais como o Iracema, Colégio Lívio Barreto, até um Jockey Clube, mas muitas desses espaços/organizações tinham pouca duração e era comum ouvir a expressão que a cidade é a “terra do lá tinha” finitude que era alvo para “brincadeiras”.

²⁷ Beatriz Rêgo Xavier, Filha de José Xavier Filho, o fundador do Instituto José Xavier e a fundadora do projeto Curumim Cidadão, doutora em direito constitucional e professora de direito da UFC.

Sobre as lições deixadas pelo Instituto o entrevistado acrescenta:

[...] a História de Granja vem das fazendas mesmo, de todas as famílias de origens nobres e que foram afastadas para a cidade devido a insegurança nas fazendas e isso é muito parecido com a história da idade média, salvar o que se possui. O IJX abriu mentes dos indivíduos tá faltando tanta gente para entrar nessa história, de produção cultural, econômica e social. Vejo que tem muita história para ser levantada da Granja, foi um legado maravilhoso, os granjenses têm a capacidade de ver, os granjenses são resistentes, o pessoal fecha a porta na cara. Vamos nós, juntos. (DUTRA, 2021, s/n)

Reconhece a Instituição como lugar que proporcionou os sujeitos a entrarem para a história do município, mas foca a origem e nas famílias de origem nobre, revelando uma história que privilegia as camadas de maior poder aquisitivo. Mas o IJX vinha com a proposta de incluir a comunidade no geral e encarar desafios na promoção da produção cultural e na entrada de novos participantes. Quem fechava essa porta na cara? Quem eram esses sujeitos que não gostavam das atividades desenvolvidas? Será que está relacionado a questões políticas? Ou seja havia dificuldades na recepção e mostra a necessidade de serem resilientes diante do potencial de pesquisa.

Há na urbe um olhar romantizado de um passado positivo e o presente permeado de fracassos. Entretanto, a movimentação cultural concentrava-se nas famílias abastadas e/ou de destaques, deixando de lado a cultura popular dos menos favorecidos, sendo necessário uma desmistificação. Segundo Magalhães (2013), Granja não estaria “às mil maravilhas, entretanto não houve regresso, como falam, mas sim progresso, não como deveria, portanto precisam caminhar com racionalidade, sem paixões doentias”.

Uma depoente frisa sobre esse incentivo inicial e que vai diminuindo progressivamente ao longo dos anos de funcionamento.

A gente se virava bem como podia e com o que tinha, não conseguíamos muitas doações, quando começou tinha aquele sistema de sócios e aí iam lá pagavam mensalidade que era para manter, mas isso diminuiu com os anos, eu lembro perfeitamente que chegava a receber de 3 a 4 o ano inteiro e nem sempre era todo mês, então era bem difícil, tinha uns 3 ou 4 que nunca deixaram de contribuir, poucas pessoas estavam contribuindo, no início todo mundo quer, mas depois[...]²⁸

“A memória de expressão oral escapa das noções convencionais porque é fator constante na transformação do organismo social. Não sendo estática ou acabada [...]” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 23).

²⁸ Entrevista realizada com Josenira Costa dos Santos (colaboradora do Instituto José Xavier, realizou a organização e separação dos acervos, para os novos destinos que terão), em 23/05/2022.

Ainda sobre a relação do público com o Instituto, Berenice Xavier (2022), destaca que:

Eu mesma cheguei a presenciar coisas, situações, observações de pessoas, como uma senhora passando na porta do Instituto, as crianças querendo entrar e ela puxava, entendeu? Que o menino não devia entrar naquele lugar que era proibido e eu não sabia porque, mas logo imaginei porque não tem o aprove-se da gestão pública, entendeu? Era uma coisa assim, marginal, porque a colaboração da gestão pública foi sempre mínima e no máximo desse mínimo a presença de uma pessoa que representava a gestão cultural da Granja, a secretária ou alguém da função de educação e cultura, mas nós e nem ele esperávamos contribuição financeira, porque isso não é imaginável numa comunidade como a Granja, pequena, acanhada. Tinha esse tipo de restrição do trabalho coletivo e até falta de apoio mesmo. A responsabilidade das pessoas são resultados de um ambiente social, cultural e político das cidades, então a gente sabe das publicidades no Brasil e no exterior também. Nas cidades pequenas a gente sabe que é muito forte essa questão dos partidos. O partido que aprova e o que desaprova. Então tem sempre aquele meio termo que é o lugar do riso e o José ocupou, parabéns para ele.²⁹

Essa perspectiva da irmã do fundador perpassa uma suposição de elemento político de legitimação da entidade e a falta de um sentimento de pertença e valorização da cultura local. Os membros do Instituto não esperavam apoio financeiro de nenhum partido, apesar da forte influência política da família. No decurso do funcionamento da entidade não houve nenhum tipo de apoio do poder público e responsabilizam os governantes municipais pela falta de olhar incentivador à cultura.

De acordo com Josenira (2022) havia mais frequência quando se aproximava o período de aniversário do município, às vezes duas ou três turmas de uma vez para serem atendidas. Na maioria das vezes eram poucas visitas e os depoentes evidenciaram a insatisfação da falta de participação da comunidade

Para Foucault(1996) a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada, conforme a função, seja para mostrar seus poderes e perigos, dominar os acontecimentos, excluir, interditar e ser verdadeiro ou falso. Desse modo, é necessário compreender o cenário, os contexto das falas, divergências nos depoentes e análise dos discursos para compreender a posição dos depoentes na entidade.

Segundo o relatório anual de 2008³⁰, José Xavier Filho concedeu uma entrevista a repórteres da TV Verdes Mares, do Ceará, abordando o Instituto José Xavier. Nos anos iniciais a entidade tinha presença em telejornais e impressos atingindo um público maior que seus cidadãos. Além disso, participou de eventos importantes como a semana de museus. Algumas

²⁹ Entrevista realizada com Berenice Xavier (irmã do fundador do Instituto José Xavier, atriz que colaborou com a instituição e realizava apresentações teatrais), 79 anos, em 18/05/2022.

³⁰ Relatório anual de 2008, Cultura e História da Granja de 16/08/2008.

dessas ações foram anunciadas nas redes sociais da Instituição, e em jornais como o Diário do Nordeste.

Em abril, o IJX participou do II Fórum Estadual de Museus, em Fortaleza, além de ter conseguido aprovar pelo Banco do Nordeste do Brasil o projeto “Manutenção e Ampliação do Acervo do Instituto José Xavier e Incentivo à Difusão Cultural na Granja”. No mês de maio, recebeu a visita do secretário do Sistema Estadual de Museus, professor João Paulo Vieira, cujo principal intuito era de incluir o IJX no sistema.³¹

As informações trazem os trabalhos realizados, a participação em eventos expressivos e uma visão positiva e de força da entidade nos anos iniciais, mas não mencionam recursos ou doações expressivas. A direção do Instituto poderia ter utilizado esse espaço para conseguir ajuda financeira, entretanto fixaram os objetivos na divulgação do papel da entidade no interior cearense.

Figura 16 - Exposição na praça abrindo a programação da 15ª Semana de Museus em Granja



Fonte: Blog Folha Granjense (2017)

A imagem anterior, apresenta a exposição “Baú da Memória” promovida pelo Instituto José Xavier, na praça dos feirantes, no Centro de Granja, próximo ao IJX, que foi realizada em 15 de maio de 2017, abrindo a programação da Semana Nacional de Museus na cidade. A temporada cultural foi promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), em comemoração ao Dia Internacional de Museus com mobilização nacional levando a temática

³¹ INSTITUTO JOSÉ XAVIER PROMOVE EXPOSIÇÃO. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 09 mar. 2007. Região. Acesso em: 15 mar. 2022.

“Museus histórias controversas: dizer o indizível em museus”. Conforme destaque o blog Folha Granjense (2017, s/n):

As atividades prosseguem durante essa semana (manhã e tarde) na sede do próprio IJX, onde o visitante também poderá conferir a exibição do acervo pessoal do Mestre da Cultura João Mocó, falecido recentemente. O encerramento será na noite de sexta-feira (19), a partir das 19 horas, com o sarau "Vozes da Macaboqueira", com apresentações musicais, teatrais e de poesias. Toda a programação tem entrada gratuita.

Berenice Xavier (2022), expõe uma visão sobre a construção de biografias, a relevância de fazer sobre um sujeito que teve um papel ativo nas manifestações folclóricas. Além das biografias de Lívio Barreto e de Carvalho Mota é preciso ter uma “[...]de outra pessoa, eu proporia a de João Mocó, porque ele é um ponto maravilhoso, levantou coisas, o que o Lívio fez viajando para o norte, João Mocó fez viajando para o interior capturando essa produção cultural.”(2022, s/n)

João Mocó trabalhava com o Bumba-Meu-Boi, deixando viva essa manifestação cultural até os dias atuais. Sua filha, com incentivo do Instituto, criou o Memorial João Mocó com o propósito de manter viva essa tradição. Segundo Berenice Xavier (2022, s/n)

Dona Maria Mocó é uma pessoa extraordinária, porque ela, eu sei que nem todo mundo olham para a dona Maria como eu olho, que algumas olham do mesmo jeito que olhavam para o meu irmão, com um certa restrição, deixa para lá, aquele lá é um cientista, mas aquela lá não é ... não sei qual o cargo que ela ocupa, mas é um cargo público na escola, [...] e o seu João Mocó também era conhecido, ele resgatou a cultura popular, então ele tem muito mérito, num fluxo de energia muito positiva que me emociona cara. Essas pessoas a minha família não pode fazer, porque eles não ousaram, não ousava de se contrapor no geral, mas o seu João Mocó fez, ele levantou a preciosidade da cultura popular em Granja e dona Maria está aí continuando com o Memorial Mestre João Mocó e é uma coisa cheia de restrições, porque tem gente que torce a cara para esse trabalho.

E para incentivar dona Maria Mocó Berenice Xavier convidou pessoas fora de Granja para conhecerem esse trabalho bonito, já que considera dona Maria como uma agente cultural que valoriza a preservação do popular.

Eu até chamei a dona Maria, convidei para o fechamento do semestre no ano passado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde eu trabalho, no Núcleo de arte, política, cidadania, história, geografia e poesia como eu costumo dizer, **as pessoas** ficaram maravilhados. A live aconteceu na Granja, na casa da dona Maria, no memorial do seu João Mocó. Notamos o entusiasmo, a vontade dela diante do interesse dos professores, mestres, doutores da Federal do Rio de Janeiro [...] Dona Maria é uma seguidora do Instituto José Xavier com muita honra, de considerar esse fluxo, essa direção para a verdadeira população da Granja que aí tempos depois teve espetáculo para o público, Marujada, não essa foi apropriada pela prefeitura, que foi uma pesquisa intensa de um irmão meu o Lívio, que foi professor na Granja, ele era um museólogo e fez um levantamento primoroso, quando não tinha nem essa facilidade, ele trouxe da Alemanha e gravou toda a Marujada, lá em casa em baixo da tamarineira, pegou algumas mulheres e transcreveu, corrigindo e foi maravilhoso. Então a Maria Ximenes, ela faz apresentação de cultura que é o processo de captação

e resgate dessa preciosidade que ninguém tá preocupado com isso de dar essa justa referência a ninguém, nem o povo que promove, nem o público que assiste, porque tudo isso se esquece sem cultura, sem cultivo não anda. Parece que tudo aconteceu agora, nesse momento como se não houvesse um passado, é um apagamento mesmo e mais isso que se presencia. (2022, s/n)

Berenice Xavier como professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro proporcionou a divulgação do Memorial João Mocó como debate sobre preservação da manifestação cultural e a relação que dona Maria Mocó com o Instituto José Xavier, além de salientar as dificuldades de apresentar na cidade essas atividades culturais. Maria Ximenes, Secretária de Cultura, promove o resgate da Marujada e na perspectiva da entrevistada a população não valoriza essa tradição.

Sobre o amor pela cidade e essa saída desse lugar Berenice Xavier (2021, s/n) destaca:

A Granja tem desses encantos, mas também eu tenho esse medo, não sei se desvinculo mesmo do Rio, tem dois anos que estou aqui em Fortaleza e tenho muita falta do Rio **de Janeiro**, a vida não é a mesma nem na Granja, nem no Rio em lugar nenhum, da família que mora no exterior. A vida deu uma cambalhota com a covid, [...] as coisas boas foram fragilizadas era muito bom morar no Rio mais que em São Paulo. Não sei morar na Granja, as vezes me pego pensando, mas fazer o que, podia fazer tudo o que faço aqui com uma câmera, mas não naquela casa que tem um peso muito forte. Tenho lugar lá, nos meus sobrinhos, mas é muito nostálgico, muito peso e o poeta pode dizer de novo vai para rua.

Nessas palavras há sentimentos bons pela cidade, mas ao mesmo tempo o medo de voltar a morar. Embora fosse possível realizar suas atividades através do virtual, como fez e uniu Granja e Rio de Janeiro com a presença de dona Maria Mocó na atividade cultural do Bumba-meu-boi, não se vê morando na cidade, embora tenha projetos para a evocar as memórias das culturas populares.

Em relação ao quadro de funcionários responsáveis pelos cuidados com o prédio e materiais armazenados, Josenira Santos (2022) frisa que ao chegar na Instituição eram três e ela como novata fez diversas atividades, como a limpeza das estantes (uma por dia), limpando cada livro, cada peça do museu, com os espanadores, pincéis, diante das condições do espaço, tendo que limpar com maior frequência, uma vez que o prédio não possuía forro. Além disso ajudava nas exposições, fazia agendamentos, atendia o público das visitas e dos empréstimos de livros na biblioteca. A entrevistada ainda mencionou que:

O fundador era o pilar de sustentação, a vontade para manter o espaço, mesmo quando surgiam dificuldades e conseguiu por 14 anos, já que em 2018 faleceu. Antes da morte expressou o desejo da continuação do projeto de tornar os Xavier reconhecidos pelo conhecimento e referência cultural.

As doações diminuíram e faltaram recursos para manter os quatro voluntários, fazer limpeza, atender o público, cuidar dos livros e peças do museu, os custos da energia, água, internet, impressões, reparos, dentre outros. O espaço era mantido principalmente por José Xavier Filho, Berenice Xavier e Edna. Para Dutra (2021) as pessoas achavam bonita a história da Instituição, entretanto, não compreendiam que seria necessário o suporte financeiro.

Nos anos iniciais havia um número expressivo de sócios contribuintes mensais com a quantidade que quisessem. Alguns não residiam em Granja. Outra fonte eram os editais culturais. Inclusive em 2006 ganhou financiamento do Banco do Nordeste para projetos de manutenção e ampliação do acervo. Foi adquirido um reconhecimento pela atuação social e educacional, mas após a morte do fundador teve fim. Entretanto, como veremos no terceiro capítulo, ficou marcado na memória de muitos granjenses a função daquele espaço como guardião do passado da comunidade e mobilizador de memória.

O Instituto contribuiu com a realização de sonhos pelo financiamento de publicações de autores locais, estimulou, mesmo após o fim das atividades, ações culturais em espaços desses agentes de cultura como novos empreendimentos. Como destaca Costa (2022, s/n):

Eu acredito que sementes foram plantadas, quando você vê uma pessoa como a Luana, por exemplo, ou a minha experiência, eu fiz cantinho da leitura com algumas crianças e trabalhei muitas diferenças, percebemos a sensibilidade, empatia e paciência, para lidar, contornar e fazer entender. Eu lembro de uma situação específica, de um grupo da escola Arzilia Mota, um menino que era muito agitado e outra menina que parecia que tinha uma certa dificuldade, deficiência mental, aí trabalhamos para eles entenderem que ela tinha dificuldades e que tinha que ter paciência e importante incluir nas atividades [...] era um grupo que consegui trabalhar até o finalzinho, aí hoje tem além deles e outros, ele me lembrou muito, porque esses dias tive notícias dele, o menino, quando foi no ano que fez o Enem ele simplesmente conseguiu se destacar, para três cursos, se não me enganou escolheu fazer literatura (letras), tem outra que está formada em administração, os meninos que peguei no cantinho da leitura, estão bem encaminhada e isso me dá muito orgulho e vejo que sim o Instituto conseguiu desempenhar o papel pelo qual ele foi criado, ele abriu suas portas se permitiu ser visitado, visto, lembrado e conhecido.

Trabalhos educacionais e sociais de suma importância para os sujeitos envolvidos e que deixaram marca. Para além da mera produção de memória familiar envolveu sujeitos comuns e a valorização do conhecimento e da cultura local. Josenira ainda acrescenta:

A gente emprestou livros para tantas dona de casa, leitores que liam para avô e avô [...] a gente sabe que teve e conseguimos atingir boa parte dos objetivos, levar a história do lugar, a vários lugares. Eu lembro da quantidade de gente de fora que vinha pra cá conhecer o município. Tinha gente que dizia “fulano meu vem visitar a cidade”, levavam lá. A gente lembra que tinha a venda de camiseta que tinha a ponte do IJX, a pouco tempo atrás tinha um jovem procurando aquela camiseta, mas não tínhamos mais [...] O Instituto é esse caldo cultural delicioso sabe? Fazíamos rodas de música,

saraus de poesia, música e teatro. Para eu me afastar foi difícil, só não senti mais o baque, porque eu não parei. Lidimar teve a ideia de que cada um de nós devia investir mais no que sabíamos fazer, ela abriu o espaço dela, ela é psicopedagoga, o Espaço Viver, Neucleber investiu mais na escola de música dele, o Lira com as aulas dele, as coisas sobre rádio, literatura que ele tem e minha arte que era da parte de fantasias. Sempre gostei de costurar, portanto criei o ateliê que se chama JCosplay Art que é o ateliê de costura, confecção de fantasias e roupas no geral. As pessoas me procuram mais pelas fantasias, cenários, produção de eventos e assim vai. A gente sempre foi ligado a produção de eventos Geek, nerd, nós somos muitos fincados nessa área[...] (COSTA, 2022, s/n):

As diferentes atividades desenvolvidas influenciou um número considerável de pessoas na cena cultural da cidade. Para Dutra (2021) há um desmonte na área cultural, uma falta de valorização nas cidades interioranas, porque não há uma percepção de como a cultura impacta na economia, desde a formação de mão de obra qualificada para elaboração de projetos, captação de recursos em editais, até profissionais que atuariam nos eventos culturais e que comprariam do comércio local.

“A memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social.” (HUYSEN, 2000, p.37). Os discursos produzidos pelos sujeitos ou pelo grupo perpassam o lembrar e o esquecer, além disso, representam a identidade de um grupo que construiu memórias na e sobre a Instituição, lugar de produções de identidades e preservação da memória granjense.

O Instituto influenciou o surgimento de novos projetos, mesmo com pouco alcance ou reconhecimento. Para Dutra (2021, s/n)

[...] os outros projetos que se mantiveram foram os grupos das bandas de jovens que era um movimento puxado pelo Neucleber que tem hoje a escolinha de música, já tinha a escola de música, mas em parceria com o Instituto teve uma parceria bem bacana e tipo assim os alunos do Neucleber faziam as apresentações, saraus no Instituto então tinha esse movimento forte no instituto. Há outros trabalhos também como o bumba meu boi [...]a publicação dos livros.

Os impactos das atividades socioculturais na instituição é trazido pelos sujeitos como positivo por envolver diferentes esferas e faixas da sociedade granjense. É complexo resumir o que esse Instituto representou para os sujeitos envolvidos, mas a maioria aborda os benefícios e a construção de vínculos e sabres. Como salienta Candau:

A fabricação das memórias está almejando ainda estabelecer relações de identidade, no que diz respeito não a uma identidade interna, subjetiva, intrafamiliar, mas sim a uma identidade de caráter sócio-político, buscando organizar a memória para que seja implantada a ficção da permanência e do sentimento de uma cultura comum (CANDAU, 2011, p. 147).

Nesse sentido os descendentes relacionam-se com o presente almejando um reconhecimento de seus conterrâneos. Um olhar diferenciado de respeito e admiração da

sociedade em questão. Os projetos, mesmo não obtendo tanta relevância deixaram lições e incentivaram outros. Para Dutra (2021, s/n)

Quando o instituto fecha, nós temos uma grande perda, visto que ele conseguia, o instituto era esse ponto de referência como falei democrático. Tinha a equipe que motivava, acolhia as pessoas e percebia o que estava acontecendo na cidade culturalmente, e aí chegava junto motivava um, não deixava desistir e nessa rede que funcionava na cena cultural. Temos o instituto como um agente mobilizador, perdemos muito com o encerramento das atividades do instituto, porque hoje não temos essa equipe que fazia e ficava ligado nesse movimento e ele conseguia agregar.

Se criou a imagem de uma Instituição acolhedora, mobilizadora, incentivadora, não só de uma memória familiar, mas que contribuiu com a comunidade, apesar de aparecer essa contradição quando uma das depoentes, Berenice Xavier, fala que a família não investiu nas manifestações populares, na cultura popular, e em outros discursos seus, apresenta contribuições também para o acesso das classes populares. E que o trabalho deu certo com o esforço dos sujeitos que estavam presentes no dia a dia como menciona Berenice:

Eu lembro que não ia muita gente, tinha a sensação que as que iam tinha uma certa restrição para estar ali, ou era por obrigação social, dever social da função que ocupa ou era um certo medo de está embarcando em uma canoa errada, de aquilo não ser um lugar certo, porque transpirava na cidade toda uma rejeição ao Instituto. As ações do Instituto que eram ações de botar gente para atender crianças, essas que as mães estavam trabalhando, chamava equipe legal de pessoas, a Josi Costa que permaneceu ali por muito tempo, um trabalho lindo, competente e acolhedor com Instituto, ela foi maravilhosa, ela é essa pessoa, assim como o Lira ajudou muito, também tinha outros, a escola incipiente do Neucleber, o trabalho incipiente da Lidimar, já tinha gente que se deslocava com potência para aquele lugar que faria e fez todo o possível para apoiar a ideia do meu irmão. E eu inclusive saía e fazia as coisas no Instituto, porque ali era o lugar, de digamos assim, de um possível embrião de um trabalho maior, caso as condições sociopolítico, econômico fossem favoráveis, mas eu sabia que não era, o meu irmão insistiu muito [...] (XAVIER, 2022, s/n.)

O discurso generalizado de que a Instituição era rejeitada na cidade mostra as contradições, porque mesmo não tendo o alcance que ansiavam, proporcionou uma rede de sociabilidades e incentivos culturais. Para Agulhon (1992), a sociabilidade está relacionada com a maneira pela qual os sujeitos experienciam seus vínculos interpessoais dentro do contexto e espaço que ocupam, ou seja, a necessidade das interações dos indivíduos na sociedade, o que cria vínculos e sentimentos de pertencimento.

O enfrentamento dos problemas, principalmente financeiros, foram percebidos através dos depoimentos, já que os relatórios não apresentavam essa questão. Até agora temos abordado a construção do espaço e as memórias desses sujeitos envolvidos. Nos capítulos seguintes será aprofundado sobre os projetos desenvolvidos com a publicação de livros e a própria escrita de si dos membros da família e suas visões sobre a cidade e seus papéis.

3 AS CONSTRUÇÕES DOS SUJEITOS: ENTRE LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS

Este capítulo aborda a escrita de si de José Xavier Filho sobre as memórias da cidade e de sua infância, utilizando os conceitos em Ângela de Castro Gomes, focando nos livros de memórias e nas entrevistas, refletimos sobre o sujeito, o espaço vivenciado, suas relações com o meio, a busca por um projeto que realizasse os anseios em contribuir com uma produção cultural na cidade natal.

Investigando as memórias, suas manifestações e sentidos, lembranças, esquecimentos e articulações em torno da cidade, reconheceremos os propósitos desses indivíduos em suas práticas e discursos, os lugares de atuação, problematizando falas, recortes e seleções.

E para encontrar as respostas do estudo, em meio às informações é necessário questionar, olhar criticamente para o que está proposto, pois para Bloch (2002) não se pode aceitar todos os testemunhos. Portanto, as respostas dos documentos são encontradas quando se sabe interrogá-los. Nessa perspectiva, o processo do conhecimento histórico começa na seleção dessas fontes.

3.1 Xavier e a escrita de si: “O autor não é um escrevinhador qualquer, mas um autêntico Xavier da gema”.

Para compreender as subjetividades dos discursos é necessário trazer ao debate as possibilidades da autobiografia, memória e esquecimento, pois são importantes para entender as fontes analisadas.

A memória possibilita a sensação de colocar presente um passado, por meio de narrativas memorialísticas, lembranças e esquecimentos como movimentos interligados. Desse modo tratamos Xavier Filho que construiu uma imagem sobre si e sua família.

Na tentativa da análise das obras “Passagem pela Granja” ou “Aceites e rejeições” é preciso compreender alguns aspectos sobre essa escrita de si, porque as reflexões trazidas contribuem para atentar-se às possibilidades desse tipo de escrita.

A análise dos livros propõe perceber as diferentes facetas do indivíduo, tanto na trajetória pessoal quanto profissional: o professor, pesquisador, biólogo e o escritor. As memórias sobre sua infância e a trajetória da família, perpassados por lembranças, esquecimentos e narrativas que trazem aspectos biográficos sobre Granja.

Em relação aos aspectos autobiográficos é possível refletir as noções trazidas por Philippe Lejeune em sua obra “O Pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet” (2008). De modo geral, seria uma narrativa em que uma pessoa aborda sua própria existência, focalizando sua história individual, sua personalidade. “Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral de literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, narrador e o personagem.” (LEJEUNE, 2008, p. 15)

Entretanto, a autobiografia não se restringe ao sujeito, mas também ao social, nas trocas relacionais na sociedade, em que se formam visões de mundo, suas ideias políticas, culturais, religiosas e compartilham ideias comuns que vai ser colocada na escrita. Elizabeth Duque-Estrada propõe questão inicial relevante sobre a busca por verdade e nos ajuda a compreender o debate em torno da memória nas autobiografias.

Talvez a maneira mais apropriada de abordar o tema da autobiografia seja afirmando positivamente aquilo que ela não é e não pode ser, afirmando a sua impossibilidade de cumprir a sua mais profunda promessa: apresentar a verdade de uma vida reunida numa trama narrativa. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 17).

Deste modo, a escrita de si é um tipo de prática social em que o sujeito produz sua identidade através de seus documentos. Esses registros são vastas formas de colocar sentido sobre sua existência, “um processo de mudança social pelo qual uma lógica coletiva, regida pela tradição, deixa de se sobrepor ao indivíduo, que se torna “moderno” justamente quando postula uma identidade singular para si no interior do todo social, afirmando-se como valor distinto e constitutivo desse mesmo todo.” (GOMES, 2004, p.11-12)

Nessa perspectiva os escritos autobiográficos podem ser cartas, diários, livros memorialísticos e representam alguns dos suportes para analisar historicamente os aspectos da vida de determinados sujeitos e lugares que vivenciaram. Essas produções apresentam aspectos que é possível perceber as motivações e os sentidos criados em meio às escolhas no processo de escrita. Além disso, “[...]os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas.” (GOMES, 2004, p.11).

E o medo da perda da memória vai ao encontro do esquecimento. “De início e maciçamente, é como dano à confiabilidade da memória que o esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento”. (RICOEUR, 2007, p.424).

É necessário salientar que há o esquecimento inevitável onde não há rastros para acessar essa memória e há o esquecimento que com o esforço da memória é possível evocar novamente por meio dos vestígios deixados. Portanto, os sujeitos tem o esforço para não perder essas memórias e se colocam no dever do registro. Entretanto, existe a escolha de evocar certa lembrança por vergonha ou por não achar interessante e alguns fatos não são abordados ou melhor há um silêncio consciente.

É preciso, portanto, estar atento ao fato de que a memória se constrói na lembrança, mas também no esquecimento. Em outras palavras, o processo de construção de memórias implica escolhas entre os fatos do passado que, por alguma razão, determinado grupo considera que devam ser lembrados/rememorados; e, ao fazer escolhas, o grupo também sublima, oculta ou esquece outros fatos (MOTA, 2012, p. 27).

Na busca por lembrar são feitas escolhas que dão sentido à narrativa do autor. Portanto, a memória evoca as lembranças e o esquecimento necessário está presente, pois o escritor faz suas escolhas entre os fatos do passado, o que podem/devem ser lembrados e os fatos esquecidos ou não ditos.

As lembranças e esquecimentos se relacionam, aqueles que recordam também esquecem. O esquecimento pode ocorrer devido às limitações da memória, à escolha deliberada de não querer lembrar, à influência de fatores sociais que tornam certas lembranças desinteressantes, ao rápido passar do tempo e que torna difícil reter tudo na memória.

O autor sugere que lembrar tudo não seria uma solução milagrosa para a compreensão da história e da memória, mas, na verdade, levaria ao limite da capacidade da memória e da compreensão do tempo. Para o autobiógrafo, memória e esquecimento são elementos intrínsecos na construção de narrativas, especialmente na narrativa autobiográfica. Ambos são necessários para a compreensão do tempo e das experiências humanas. O autor argumenta que, sem a interação entre lembrança e esquecimento, a tarefa do autobiógrafo se tornaria incompreensível, já que a seleção e o esquecimento são parte integrante da criação de uma narrativa coerente e significativa de uma vida.

E para falar desse dever atendendo às questões levantadas foi feita a escolha dos livros “Passagem pela Granja” (2007) e “Aceites e Rejeições” (2015) neste capítulo, por se tratar do primeiro e último livro de memórias escrito por José Xavier Filho via projeto de publicações desenvolvido pelo Instituto com a proposta de valorizar a memória e história local. Portanto, alguns dos aspectos de narrativas necessitam ser abordados, dentre eles a produção de identidade e preservação de uma cultura local.

A primeira obra buscou construir um discurso baseado nas relações familiares locais e aspectos religiosos de personagens e aspectos diversos da cidade de Granja, contribuindo para a produção de uma visão romantizada da cidade como berço de intelectuais e cenário de acontecimentos relevantes. Nossa intenção é questionar os discursos sobre a identidade granjense e os mitos do lugar.

O segundo livro expõe a trajetória profissional na área biológica, desde as vivências no jardim da casa em Granja e a atuação como cientista nas novas descobertas, aceites e rejeições dos trabalhos a serem publicados. O encontro com a bioquímica das plantas e os temas trabalhados partindo da cidade natal e utilizando o Instituto que fundou para publicar o livro, apresentam a noção de volta à origem para contribuir socialmente e “intelectualmente”.

“Passagem pela Granja”, publicado no ano de 2007, aborda a cidade e as relações de um intelectual de família tradicional reconhecida que desenvolvia diferentes projetos sociais e culturais. A obra apresentava o orgulho pelo lugar e em alguns momentos a aproximação com políticos, mas com a estratégia de mostrar que eram intelectuais e que não se interessavam por ocupar cargos, embora o armazém pertencente à família e fosse lugar de debate, mostrando na narrativa ideias contraditórias.

O autor era um intelectual relevante na cidade, embora não fosse residente e estimulou a produção de projetos voltados para a memória e história local. Ocupava lugares privilegiados e perpassava por diferentes redes de sociabilidades que o colocavam como sujeito que podia registrar por meio de suas lembranças o passado de Granja.

Algumas das informações biográficas sobre José Xavier Filho foram obtidas por meio de uma entrevista em 19/04/2007 à jornalista Sanndy Soares do programa DESTAQUE da FGF TV (Canal 14) - Canal Universitário de Fortaleza, onde expõe a trajetória acadêmica e apresentava as motivações, objetivos e resultados obtidos com a criação do Instituto José Xavier.

Eu digo o seguinte, Granja teve, uma tentativa de recuperação do que era, então os livros são uma das coisas mais evidentes, porque o livro é onde a pessoa bebe. A importância é muito grande porque primeira coisa que me vem à cabeça é que resgata uma história que pouca gente conhece. (XAVIER FILHO, 2007)

Como uma forma de “resgate” do passado se coloca no papel de incentivador da publicação dos livros, pois por meio da leitura desses memórias os granjenses poderiam capturar um pouco da história da cidade.

José Xavier Filho nasceu em 08 de novembro de 1936 no município de Granja, filho de José Barreto Xavier³² e Edna Carneiro Xavier (conhecida como dona Nezinha³³). Seu pai era comerciante e exportador de produtos agrícolas. Sua mãe administrava a casa e a loja que possuíam e era devota de Nossa Senhora do Livramento. Em alguns de seus livros descreve a trajetória de familiares e a sua enquanto intelectual e a vontade de abordar suas raízes. Cresceu em um lugar que valorizava a leitura e escrita e que o influenciou a registrar e desenvolver os projetos na cidade.

Saiu de Granja para estudar no Colégio 7 de Setembro em Fortaleza no ano de 1947, e só retornava nas férias, o que o afastou de relações mais próximas com a cidade e com os sujeitos. Entrou na universidade em 1957 e se formou em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal do Ceará (1960), com o propósito de cuidar das terras de seu pai. Entretanto nunca exerceu a profissão de agrônomo, pois se engajou nas pesquisas de bioquímica das plantas. José Xavier filho em entrevista declarou seus interesses:

Eu tinha uma fixação grande por química e bioquímica e naquela época não existia essas disciplinas aqui na universidade para fazer uma graduação, então o único lugar que se podia estudar química e bioquímica era na escola de agronomia, então isso me atraiu, se bem que meu pai achava que eu queria ser agrônomo, para voltar para cuidar das terras dele. (XAVIER FILHO, 2007, s/n)

Xavier Filho focou no mundo da pesquisa, seguindo uma carreira acadêmica. Fez especialização em Bioquímica Vegetal na Universidade da Califórnia - Los Angeles (1963) e doutorado em Bioquímica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1968), possuía muito interesse pela bioquímica de plantas e foi professor universitário. Se sentia à vontade de deixar registrado os fatos vivenciados na Granja e a trajetória da família, (2007, p.6):

Lembro que, quando já adultos meus irmãos e eu, pedíamos a Papai que escrevesse ou pelo menos gravasse as dezenas de história que ele sempre gostava de contar sobre seus parentes e amigos antigos e contemporâneos. Ele nunca fez isso, ou melhor nós nunca promovemos uma ocasião adequada para que ele pudesse fazer isso.

José Xavier Filho expôs o interesse pelos estudos locais, as recordações dos contatos com familiares e amigos na cidade e a necessidade de deixar para os filhos e netos os registros como forma de “resgate” desse passado.

³² Pai de José Xavier Filho, filho de Ignácio Xavier, o qual ficou responsável pela firma/armazém do pai, portanto foi um comerciante atuante nas exportações e importações de produtos agropecuários e teve destaque na cidade.

³³ Sobre o aspecto religioso da mãe de José Xavier Filho no livro “Passagem pela Granja” Xavier Filho percebe a mãe como menos ligada aos aspectos religioso das irmãs Carneiro, ela tinha uma perspectiva em que primeiro seria a obrigação e depois a devoção e voltou-se mais para a igreja quando estava mais velha. E no livro “Dona Nezinha” um aspecto muito marcante nas memórias de quem descreve essa forte fé, trabalho, caridade e a força que ela possuía.

Muitas memórias da família Xavier se perderam pelo fato do pai não ter escrito ou gravado. Desse modo se coloca como alguém com papel da escrita, ansiando salvar a parte de suas memórias. A escrita é um dos mecanismos para transmitir e “salvar” uma memória do medo constante de perder o que já não se faz presente na esperança de eternizá-la.

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais suporte num grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escritos em narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. (HALBWACHS, 1990, p.80-81)

A memória é um meio em que escritores autobiográficos buscam tratar suas verdades. Através de suas perspectivas relatam a trajetória, os caminhos percorridos e o desejo de tratar sobre si. Como uma missão a ser desempenhada, juntam e organizam, por meio de objetos, cartas, livros, imagens, os vestígios da memória, para construir e elaborar uma narrativa articulada que atingisse os outros atores sociais.

Um interesse em registrar as lembranças da juventude, a trajetória profissional e realizar um retrato da cidade para resolver o problema da falta de registro e a construção das narrativas do autor reconhecidas tanto pelos familiares quanto pelos demais granjenses.

Na busca para se fazer presente o passado, Xavier Filho (2007, p.07) menciona que sua intenção não era produzir um trabalho que exigisse análises históricas e sociológicas aprofundadas, pois admitia a ausência de formação nessas áreas e qualquer esforço nessa direção seria simplesmente uma exibição de vaidade.

Na apresentação de um dos seus livros José Xavier Filho é apresentado como “um autêntico Xavier da gema”, uma alusão ao destaque que a família teve ao longo dos tempos e a ideia da pureza e tradicionalismo.

Amigos, familiares e colegas descrevem a relevância de Xavier Filho para a memória de Granja. Em entrevista Berenice Xavier, irmã de José Xavier, relata que:

José era ousado, grande sonhador e idealista achava que tudo ia dar certo e com o tempo percebeu que nem tudo iria acontecer, passou a presidência do instituto para a Beatriz, ele não tinha a capacidade de gerir quando a coisa não estava boa, e foi bem no início estava bem com o tempo meu irmão foi ficando deprimido, desanimado, natural um homem daquela idade, tanto sofrimento na vida já tinha passado, teve sucesso na vida profissional, o pesquisador, mas era o Zezinho ninguém dava muito trela pelo fato dele tá fazendo aquilo, mas foi muito importante na memória da cidade. (XAVIER, 2022, s/n)

Os entrevistados relatam a falta de receptividade dos granjenses às atividades desenvolvidas pelo José Xavier Filho, embora mostrem também o quanto foi importante para a cidade e para quem se envolvia/ participava ativamente. Por alguma questão política sentiam a falta de investimentos nas atividades culturais e um desconforto em relação aos políticos que não valorizavam a cultura local.

Berenice Xavier destaca esse esforço do irmão no incentivo à preservação da cultura local. Estabelece um sentido no papel desenvolvido na jornada da sua trajetória e apresenta imagens a respeito desse indivíduo.

O escrito autobiográfico implica uma cultura na qual, por exemplo, o indivíduo (seja qual for sua relevância social) situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a que ele pertence, na qual ele conceba sua vida não como uma confirmação das regras e dos legados da tradição, mas como uma aventura para ser inventada. (CALLIGARIS, 1998, p.46)

Escrever sobre a própria vida almeja uma valorização da individualidade em detrimento da comunidade, embora trate questões do coletivo, como nas descrições de Xavier Filho sobre as vivências na cidade ou o que possibilitou as escolhas na carreira acadêmica. O autor traz os vestígios que buscam se aproximar de Granja. Para Dutra (2022) José Xavier Filho era apaixonado por sua terra natal e se fazia presente em muitos momentos, mesmo não estando em todas as fotos dos projetos do Instituto, mas desempenhou papel essencial nos financiamentos das atividades.

Ao escrever autobiografia tende-se ver a vida como uma aventura a ser inventada, algo a ser moldado de acordo com as próprias escolhas e desejos apesar dos costumes e tradições dos espaços que vivencia-se. A produção de autobiografias pode ser influenciada pelo jogo de memória e esquecimento, uma vez que são reconstruídas e reinterpretadas ao longo do tempo.

Portanto o autor ocupa um lugar importante de amplificar as vozes do passado, por meio da escrita e dos projetos desenvolvidos no Instituto José Xavier. Fundador da instituição que publicou seus livros, sua produção era mais visada e procurada pelo público, colegas e amigos.

3.2 A produção dos livros e o interesse no “resgate cultural, histórico e econômico da cidade de Granja”

O quadro a seguir apresenta as obras publicadas pelo Instituto José Xavier, sendo possível verificar a importância que davam a uma escrita de autores locais, atendendo a determinados interesses e gêneros.

Quadro 1- Livros publicados com incentivo do Instituto José Xavier

Títulos	Autor	Gênero	Ano
Novos Poetas Granjenses	Vários autores	Poesia	2006
Lucidez e Loucura	Daniele Sampaio	Poesia	2008
Artesão de Si	Lira Dutra	Poesia	2009
Magma da Memória	Sila Xavier Gouveia	Poesia	2013
Relicário de uma lua	Luana Brito	Poesia	2015
Passagem pela Granja	José Xavier Filho	Memórias	2007
Dona Nezinha	Vários autores	Memórias	2007
Ignácio Xavier & Cia.	José Xavier Filho	Biografia	2008
Lívio Barreto: o poeta do luar da paixão	Antonio Evandro da Paz Sá	Biografia	2009
História da Bioquímica no Ceará	José Xavier Filho	Memórias	2010
Carvalho Motta: Capitalista e Governador	José Xavier Filho	Biografia	2010
Aceites e Rejeições	José Xavier Filho	Memórias	2015
Lira Granjense - compilação fac-similar do jornal	Org. Pedro Magalhães e Lira Dutra	Periódico	2013
Contos da Ribeira	José Xavier Filho	Conto	2014
História de Januário, Venceslau e de Grandeza do Príncipe	José Xavier Filho	Conto	2015
Revisitando Historietas	José Xavier Filho	Conto	2016

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

O selo Cadernos do Instituto publicou 16 obras, sendo a maioria de autoria de José Xavier Filho. É possível verificar diferentes gêneros textuais como cinco poemas, quatro livros memorialísticos, três biografias, três contos e pôr fim a edição fac-similar do jornal literário Lira Granjense. Entretanto, a obra não difere do projeto e objetivos da Instituição, ou seja,

fomentam a imagem de um espaço letrado, com foco na literatura e poesia. Para Dutra (2021, s/n):

Ele está dando oportunidade para pessoas, granjenses publicarem seu livro. Esse era um projeto do Instituto, coordenado e incentivado, inclusive financeiramente pelo José Xavier Filho, o José Xavier Filho também vai publicar livros, então José Xavier Filho não publica poesia, mas vai publicar Historietas que era um misto de prosa e poesia, mas também vai publicar livros históricos, assim como a biografia de Ignácio Xavier que tem muito a ver com a Granja e com o comércio. Então vai ser essa visão de publicação. Ela deixou um legado muito grande tanto para os pesquisadores como para as gerações que vão ter acesso, que já tiveram acesso a essas publicações, então acho que tem um legado grande. Outro legado que o instituto deixa é dizer assim[...]Que sim é possível dentro das cidades do estado do Ceará se ter instituições, espaços democráticos e ter acesso a cultura e é possível manter, inclusive manter esses espaços de forma financeira sem ter grandes custos, custos grandiosos, mas você vai ter uma transformação em um público, uma geração e é bem maior do que o financeiro, essa é uma das grandes discussões.

O IJX por meio do projeto de incentivo e publicação de livros contribuiu com uma história local, fortalecendo a imagem do intelectual que incentivava com apoio financeiro a concretização do sonho do jovem que almejava ser escritor. Conforme aborda Ecléa Bosi (2003) “a memória transcende o próprio indivíduo, ou seja, demonstra aspectos da família, das instituições, dos grupos de convívio, da classe social, etc”; enfim, todos esses são elementos que constituem a história local.

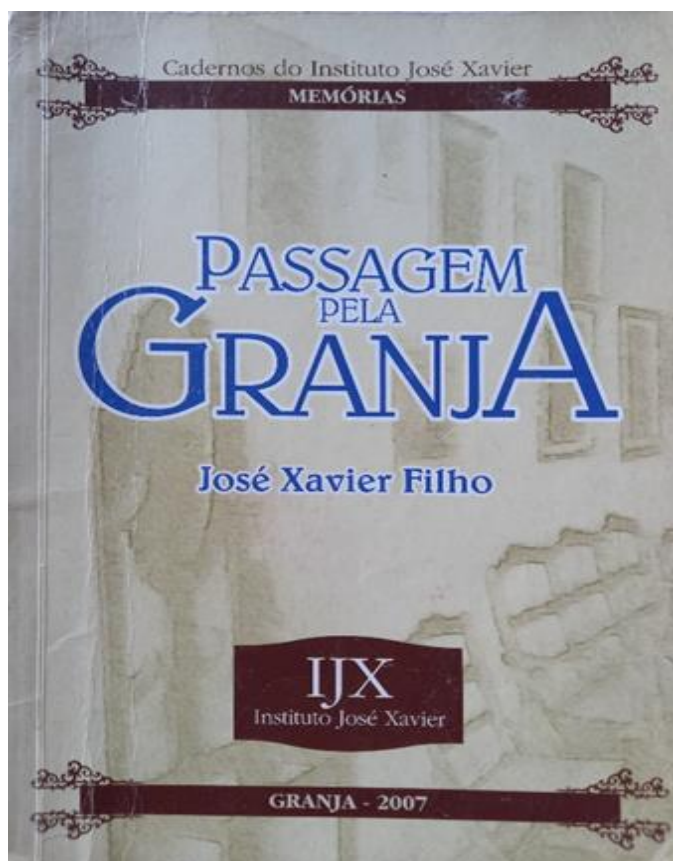
A memória traz para si os bens materiais que a compõem e faz que uma sociedade reconheça esses bens como patrimônio e o Instituto foi um patrimônio carregado de significações.

Livros de memória buscam rememorar lembranças que o autor almeja não perder e as percebe para além de conjuntos de lembranças, que “podemos nos deleitar em estados de devaneio vago” (RICOEUR, 2007, p. 41). Entretanto, o trabalho de “recordar” e registrar pela memória pode ser um processo complexo, pois ao construir algo que já foi vivenciado, narrando o passado pela ótica do presente sobre as atividades comerciais, a cultura e desenvolvimento de Granja apresenta visão de atores sociais que produzem também a imagem de si e de sua atuação enquanto intelectual.

Em 2006 foi publicado o primeiro livro do Instituto José Xavier, uma coletânea de poemas dos Novos Poetas Granjenses, escritores comuns que concretizavam o sonho de ter os escritos publicados. Em 2007 José Xavier Filho publica o seu primeiro livro de memórias “[...] um Memorial para cumprir exigências de um concurso ao qual me submeti na Universidade foi, para mim, a revelação de que eu gostava de lembrar de fatos e acontecimentos vividos e pô-los no papel (uma insaciável vontade de escrever [...])” (XAVIER FILHO, 2007)

O gosto por escrever, diferentemente da escrita profissional, que tem o “julgamento dos pares”, nos livros de memória há mais liberdade para relembrar os fatos da juventude.

Figura 17 - Capa da obra “Passagem pela Granja” (2007)



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Essa imagem da capa do primeiro livro traz ao fundo quadros e cadeiras que representam recordações e o elo com suas origens. Mesmo saindo cedo não perdeu as referências e o orgulho por sua cidade.

O livro foi lançado no dia 10 de março de 2007 na sede do Instituto José Xavier, mesmo dia em que se comemorava o terceiro aniversário da abertura das suas atividades e com a exposição de Arte Culinária apresentando manuscritos de receitas de diversas famílias, premiações, discursos e a publicação do livro. A divulgação da publicação foi feita nas redes sociais do IJX, dos colaboradores e também em jornais como o Diário do Nordeste em 09 de Março de 2007:

No mesmo dia ainda haverá uma homenagem de Guilherme Gouveia Filho aos 104 anos de nascimento de José Xavier (in memoriam). Às 8 horas, será lançado o livro “Passagem pela Granja”, de José Xavier Filho, fundador e presidente da instituição.

A publicação traz memórias da infância do autor, quando ainda morava em Granja e ouvia as histórias que seu pai contava sobre personagens locais daquela época. A publicação foi editada pelo Instituto e será comercializada no valor de R\$ 10,00 para cobrir custos de impressão. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2007, s/n)

O lançamento do livro em um dia comemorativo dava mais visibilidade à Instituição e ao autor, assim como indicar a influência e a importância da Instituição para preservação e promoção da memória local.

A obra possui cento e trinta e seis páginas, divididas em apresentação, preâmbulo e dezessete capítulos. O valor do livro sugeria o esforço em equilibrar os custos de produção com o desejo de tornar a obra acessível ao público. Não encontramos fotos do dia do lançamento do livro, nem através do site do IJX, de Berenice Xavier, de Lira Dutra ou de qualquer um dos participantes entrevistados.

A apresentação do livro foi feita por Ana Maria Xavier, uma das filhas do autor, que disse ter conhecido a cidade nas férias onde criou a curiosidade pela história de Granja e da família.

As narrativas, por terem um caráter biográfico, apresentam “passagens” sobre Granja e apresentam “personagens” e relações familiares. Ana Maria Xavier diz na apresentação de um dos livros produzidos pelo IJX; “Para nós Xavier, Gouveia, Oliveira e tantas outras famílias retratadas...é um deleite lembrar histórias, pessoas, lendas...Para quem é estrangeiro a esse universo muito próprio, vale a pena fazer essa viagem. Granja aqui, nessas memórias, é o próprio universo.” (XAVIER,2007, p.6)

Ao citar os sobrenomes de algumas famílias tradicionais Ana Maria sugere que a obra aborda uma comunidade específica. Portanto, as histórias e memórias que são retratadas fortalecem o senso de identidade e a ideia de pertencimento. Reforçam o poder da memória como forma de conectar passado e presente, permitindo reviver experiências e aprender com elas. Nesse trecho, observa-se o uso de reticências por duas vezes como forma de enfatizar a ideia de que há mais a ser dito ou lembrado, para criar um efeito de suspensão e gerar uma expectativa no leitor.

Os narradores construíram um significado para si e outros núcleos familiares já que “[...]a memória é, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais. Vale dizer, a memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva.” (SILVA, 2002, p. 428) Portanto, no presente há uma reconstrução do passado, por meio desses sujeitos, que também participaram de algumas experiências e compartilharam histórias e lembranças.

A narrativa que introduz os livros busca um efeito afetivo de aproximar o leitor e até mesmo o estrangeiro em se aventurar e gostar de conhecer como uma “viagem”, “uma

passagem pela Granja”. Possibilita entender que Ana Maria observa e coloca em destaque o poder das memórias em transportar o leitor para um lugar e um tempo específicos. Granja é o ponto central, um universo em si, cheio de significados e relevância.

O primeiro capítulo “A Granja adormecida” faz um breve relato sobre a origem da cidade e traz uma visão pessimista/negativa sobre o presente “Ela foi vibrante, mas hoje está apagada, dormindo às margens do Rio, parecendo até mesmo estar morta.” (XAVIER FILHO, 2007, p.8). Descreve a cidade no período que escreve o livro e a compara nos tempos de criança e adolescente, mas abordando o passado pelo viés do que foi bom e deixando de lado os problemas.

“Extremamente romântico, o granjense sempre julga que todas as coisas boas sua terra “já teve” e que o presente é um verdadeiro fracasso” (MAGALHÃES; DUTRA, 2013, s/n.) Essa declaração do *Jornal Lira Granjense* mostra as omissões em relação aos momentos ruins, ao colocar o passado como algo tão belo e optar por não falar dos problemas e expõe o quanto esses sujeitos ocuparam lugares privilegiados na cidade.

Antigamente, a riqueza e a cultura granjense eram concentradas nas famílias nobres ou em grupos fechados. O pobre e a cultura popular não tinham méritos. Muitos cidadãos e cidadãs eram barrados na entrada de certos ambientes por pura discriminação. Hoje há mais justiça no campo sócio-econômico-cultural, apesar de ainda haver no município analfabetismo e pobreza, que sempre andam juntos. (MAGALHÃES; DUTRA, 2013, s/n.)

A cultura era espaço privilegiado das famílias “nobres” e tradicionais da cidade. Portanto, abordar nas memórias apenas o passado em uma perspectiva positiva e romântica mostra o lugar social que o narrador ocupava.

A lembrança de tempos antigos desperta o desejo de contar histórias para justificar o presente proporcionando uma resposta adequada ao passado. A reinterpretação das experiências passadas torna a narrativa uma ponte que permite à narrativa tornar-se uma forma de expressão e significado a um passado, transformando-o em algo de constante evolução. Chamar a atenção para os problemas da cidade no momento em que compartilha suas memórias e perspectivas permite encontrar um sentido para a urbe que está “parada no tempo” e sem reconhecimento.

O autor faz uma breve descrição das ruas centrais, citando as que homenageia os filhos ilustres, Pessoa Anta e Lívio Barreto. O primeiro atuou na Confederação do Equador e o último a poesia na cidade, onde chama atenção que “[...]não é a única homenagem que os Barreto ou Xavier têm na cidade.” (XAVIER FILHO, 2007)

As memórias buscavam evocar o papel relevante dos Xavier na cena cultural, entretanto deixam claro a necessidade de novos atores para desenvolver e valorizar as atividades culturais, como é destacado no *Jornal Lira Granjense*:

A Granja tem cumprido esse papel gerando homens e mulheres de letras e entregando à sociedade [...] Isso é maravilhoso, mas precisamos suscitar novos nomes que dignifiquem a nossa literatura e a nossa sociedade, que contem e cantem as coisas da nossa terra, da nossa gente, nossas dores e alegrias. (MAGALHÃES, 2013, s/n)

No jornal, assim como na narrativa do José Xavier Filho, é exposta a necessidade de mostrar os granjenses como exemplos na escrita e fazem o reconhecimento da cidade na literatura, cultura e a necessidade de manter esse legado vivo e não ficar apegado ao passado distante de figuras que trouxeram destaque.

Xavier Filho descreve os espaços mais frequentados, a parte comercial e as relações das pessoas que chegavam do interior frisando o primeiro armazém montado pelo Luiz Oliveira, seu primo e cunhado.

Apresenta um saudosismo de amigos e parentes, do lugar adormecido, berço de importantes acontecimentos no passado com destaque para o centro da cidade e onde estavam os negócios da família e as homenagens para eles.

Esse espaço da Praça do Mercado limitava ao comércio da cidade com seus armazéns, suas bodegas, bares e farmácias, postos de gasolina-aliás, o primeiro foi o montado pelo Luiz, meu primo e cunhado. Era nessa praça aonde as pessoas chegadas do interior para se abastecerem de tudo aquilo que não podiam produzir em suas terras encostavam seus cavalos, caminhões, jipes, qual fosse o transporte utilizado. Havia em seu centro um enorme cacimbão que fornecia água para cavalos e outros animais e que só muito mais tarde foi coberto por uma laje de concreto. Nesse espaço aconteciam as feiras e muitas reuniões políticas como os comícios quando isso era possível e onde se instalou o primeiro televisor público- montado sobre uma coluna e protegido por uma portinhola com cadeado- muito tempo depois, quando o sistema estatal de transmissão de telefonia chegou à cidade. (XAVIER FILHO, 2007, p.09)

O autor faz menção à praça como um “[...] espaço preferido pelas pessoas desempregadas, tratadas como desocupadas ou vagabundas, para passar as horas mais quentes do dia [...]” (XAVIER FILHO, 2007, p.09), trazendo à tona a situação de sujeitos que “não trabalham” e a importância de analisar os motivos e as implicações de estarem nesse lugar. Entretanto os termos “vagabundas” ou “desocupadas” revela preconceitos, estereótipos e a estigmatização desses sujeitos. Analisar as oportunidades, estruturas e os motivos pelos quais as pessoas ocupam esse lugar, por escolha ou circunstâncias, não é algo que parece interessar o autor.

Ao mesmo tempo que aborda com nostalgia o passado, não questiona as condições sociais e econômicas, as desigualdades existentes, a relevância de políticas públicas que

promovam a inclusão social e trabalho. E a visão de um sujeito que ocupava um lugar privilegiado sobre as mudanças ou permanências da cidade.

A praça é apresentada como um espaço central na vida social, pois lugar de encontro, diversão, troca, debates e ócio de sujeitos diferentes, com laços criados e desenvolvidos para a construção de identidade.

Para Pesavento (2012) identidade é uma produção simbólica que traz a coesão social, pois permite que as pessoas se identifiquem como parte de um grupo, uma coletividade, e estabelece a diferença entre os grupos, além de ser relacional, pois é constituída a partir da relação com o outro, que é visto como estrangeiro, diferente do eu ou do nós do pertencimento. É importante ressaltar que a identidade não é fixa e imutável, já que pode ser modificada ao longo do tempo, das experiências e das interações com outras identidades e alteridades.

Os discursos sobre a cidade compreende o mundo e suas relações sociais a partir da ideia de pertencimento a um grupo. Ao saber dos espaços e experiências vivenciadas é possível ter noção de como se construiu uma identidade e o que move o relato das vivências.

Os relatos seguem descrevendo os estabelecimentos comerciais de familiares e conhecidos como a loja de seu padrinho Chico Martins, o armazém dos Oliveira, o bar do Nicanor e o Bar do Seu Brandão, o armazém de José Barreto Xavier e as residências centrais. Saindo da parte central indo em direção à Rua Pessoa Anta encontra-se o “palacete³⁴ do Coronel Inácio Fonseca”, passando o canal (um antigo riacho) tem o Sobrado dos Gouveias³⁵ e nas proximidades à Praça da Igreja Matriz (dedicado ao São José, Padroeiro da cidade³⁶), era montado os parques de diversões, circos e próximo ao sobrado do lado esquerdo a Igreja de Santo Antônio.

A memória não coloca no presente o passado experimentado, já que é impossível narrar tal qual. Entretanto, possibilita trazer vários recortes de momentos diferentes do lugar e

³⁴ O prédio foi construído pelo Cel. Zeferino Gil Peres de Motta no começo da segunda metade do século XIX, comerciante e chefe político, nascido em Sobral em 1828 e faleceu em 07 de dezembro de 1889 em Granja. Essa casa serviu de reuniões no período em que era Presidente da Câmara Municipal. Após a morte do dono a casa foi fechada e reaberta em 1908 para abrigar a escola Instituto Lívio Barreto. Além disso, o imóvel sempre foi utilizado como residência dos descendentes do coronel até ser vendido à Prefeitura na década de 1990 e funciona a Secretaria Municipal de Cultura e a Biblioteca Municipal.

³⁵ O prédio foi iniciado por um português, José Machado Gouveia, na metade do século XIX, antes de ser concluído foi vendido ao Coronel Salustino Moreira da Costa Marinho-enteado de José Gouveia, líder do partido conservador em Granja. Coronel da Guarda Nacional, filho de Maria Marinho de Arouca e Custódio Moreira, quando ficou viúva casou-se com José Machado Gouveia. Salustino ao falecer por não ter filhos deixou o sobrado ao sobrinho da esposa, Antônio Gouveia da Silva, pai de Teles Gouveia. Pertence atualmente aos filhos do antigo deputado Teles Gouveia e serviu como comércio, mas atualmente é residência familiar.

³⁶ São José é o padroeiro do município e os festejos ocorrem entre 09 à 19 de março, no último dia ocorre a procissão dos cavaleiros, uma das manifestações culturais mais esperadas, a comunidade se reúne na Igreja Matriz para a procissão e percorrem as ruas principais da cidade.

dos sujeitos. Não é possível reviver o que ocorreu, mas organizar as lembranças, trazendo percepções sobre o tempo atendendo as demandas do presente, repensando, refletindo sobre o que vivenciou com visões do momento/presente. Como alerta Ricoeur, o fato narrado é diferente do vivenciado.

[...] existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. (RICOEUR, 1994, p.85)

Através da argumentação referenciada somos capazes de encontrar um breve e significativo refúgio na “temporalidade controlável da narrativa” que nos permite revisitar e “reinterpretar” o passado. Essa abordagem possibilita que versões e compreensões do tempo sejam construídas de forma mais significativa, o que é fundamental para o trabalho do historiador. Em suma, nos permite organizar o passado em uma narrativa coerente e significativa, facilitando a compreensão da história e o papel do tempo na construção do conhecimento histórico.

Portanto, ao tratar das narrativas não é possível deixar de lado a relação que se tem com o tempo e com a vida de quem narra, de quem lê, as experiências, visões, porque há essa necessidade. Desse modo o indivíduo articula seus discursos colocando sentidos, abordando o belo, o bom, o ruim, as felicidades dos momentos vivenciados ou os desafios, tendo diferentes temporalidades no decorrer desta escrita, seu desenvolvimento, sua intimidade ou troca familiares.

Desta forma, é viável estabelecer comparações entre as sociedades que estão distantes no tempo e as perspectivas dos seus diversos grupos. Portanto, “é por intermédio da consciência que consideramos a cada momento pertencer simultaneamente a vários meios; mas esta consciência existe apenas no presente” (RICOEUR, 2007, p. 133).

Por ter uma consciência de pertença sobre Granja e perpassando a diversos grupos, Xavier Filho utiliza recursos que descreve a pequena cidade pelos aspectos da religiosidade, da economia, da política. A Igreja Matriz, que foi construída em 1759, era “um templo belo”, com suas duas torres, sinos, seus rituais. Entretanto, havia o descuido do lugar por não haver o tombamento, mesmo que fossem realizados alguns estudos. Além disso, os padres que passavam começaram a “destruir”, desfigurando a arquitetura.” De fato, na cidade há uma carência em relação às políticas de preservação, a exemplo da igreja que na perspectiva do escritor deveria ser tombada.

Fazer apontamentos em relação ao descuido com a igreja, a desfiguração da arquitetura, a ausência do reconhecimento enquanto patrimônio histórico e cultural, o qualifica como sujeito que valoriza a memória e a necessidade de conscientização sobre a importância de proteger e conservar os locais históricos para evitar danos irreparáveis às gerações futuras para apreciar e aprender com o passado.

O segundo capítulo “A Casa dos três coronéis” faz um histórico do lugar, a transação entre os coronéis, tanto em relação ao controle dos negócios quanto a compra da casa pelo avô do autor. Frisa os negócios do avô antes da guerra, as modificações feitas ao longo dos anos na casa, narra minuciosamente o que se encontrava nos cômodos, a relação com os irmãos, tios, as práticas cotidianas dos Xavier. Além disso, o autor/narrador descreve as muitas pessoas ligadas ao lugar, familiares por parte de pai ou da mãe, visitantes, afilhados, compadres e trabalhadores das fazendas, mostrando uma grande rede de sociabilidades naquele ambiente.

Em relação à prática de leitura traz uma perspectiva diferente sobre a referência leitora dos Xavier:

Em casa tínhamos acesso a livros para crianças, como os de Monteiro Lobato e de outros autores, herdados dos mais velhos ou recebidos de presente quando alguém vinha de Fortaleza [...] Apesar da enorme fama que tinha os Xavier, de viverem presos aos livros não era bem assim. Ler era uma atividade deixada com cada um até quando eu me lembro. Talvez por isso é que eu sempre me resenti, depois de adulto, de ter tido leituras desordenadas ao longo da vida. (XAVIER FILHO, 2007, p.32-33)

Um discurso que diverge dos demais e faz refletir sobre a imagem construída e o ressentimento do autor por acreditar que a fama que possuíam não era o que lembra na infância, mesmo com o processo de dar livros para as crianças como um incentivo.

A narrativa engrandecedora sobre as famílias “tradicionais” buscava a receptividade desse grupo e pelos que frequentavam o Instituto José Xavier. Apesar do livro não ser utilizado nas escolas teve uma boa recepção, mesmo sem ter apoio do poder municipal.

São escassos os estudos sobre o desenvolvimento de Granja, entretanto há muitos interesses sobre a formação das famílias. Muitos baseados no Padre Vicente Martins, que além de seus deveres enquanto sacerdote desempenhou o de intelectual que construiu uma identidade granjense. Sua referência é basilar e os livros produzidos pelo Instituto José Xavier faziam referência ao padre, que influenciara a escrita sobre a cidade. Em relação às famílias é destacado que:

Havia na Granja três famílias que representavam muito bem o que se poderia chamar de aristocracia rural-comercial, na região. Muitas outras famílias da cidade e de seu entorno pertenciam a essa aristocracia e todas elas exerciam, com todo o vigor e autoridade, seu poder e força. Essas três famílias de que falo, os Xavier, os Gouveia e os Oliveira eram, além disso, entrelaçados por parentesco, casamentos e interesses

comerciais. Seus chefes se dedicavam a atividades predominantemente comerciais, mas tinham muitos interesses agropecuários e muito poucos industriais. A agropecuária era a do criatório de gado de leite e de carne e muita atividade extrativa como a de cera de carnaúba, oiticica e bem depois a castanha do caju. (XAVIER FILHO, 2007, p.85)

Na narrativa destaca-se o poder das famílias tradicionais baseadas no comércio e de onde exercem autoridades no espaço. Por um lado dão ênfase nas atividades agropecuárias e por outro mostra o pouco interesse com as atividades industriais.

O terceiro capítulo “O Armazém e a Loja do meu tempo” traz fatos sobre o lugar construído ao lado da casa e onde aconteceu as principais atividades comerciais. Assim como os outros capítulos a ideia central é o comércio e as dinâmicas sociais desse lugar, como funcionava a organização e apresentação do pai como um Guarda-livros que estudara contabilidade e era responsável por ensinar aos funcionários a escrituração comercial. Especifica os negócios da mãe de José Xavier Filho na loja e como se dava essa comercialização com foco no período áureo da exportação.

Para Xavier Filho (2007) o armazém possuía uma estrutura grande para os padrões da cidade e dividido em seções. As três primeiras de acesso ao público onde ocorriam as atividades da firma. A primeira funcionava como escritório, local de compras dos diferentes gêneros e também espaço de reunião. A segunda recebia os carregamentos dos produtos negociados, como a carnaúba, algodão, oiticica, mamona e na última produção de cera.

Ainda sobre os negócios da família é apresentado o interesse pela compra de terras de onde advinham alguns produtos colocadas à venda na loja e armazém:

Dizíamos, sem saber a razão desse interesse, que papai tinha a mania de comprar terras. Terra herdada ele não tinha nenhuma, pois seu pai deixou hipotecadas as poucas que possuía. Algumas outras ele conseguiu reaver quando foram a hasta pública. Ele comprava terras para fazer um bom cadastro nos Bancos e poder tirar dinheiro para capital de giro do seu negócio. Entre essas terras estavam algumas que ficavam na data Missão, assim chamada porque se situava na região onde foram estabelecidas Missões pelos Jesuítas, no século XVIII. Nunca víamos muito futuro nessas propriedades, mas ele e depois o Luiz sempre acharam que sua importância sentimental, pois que pertenceram ao meu avô, justificava sua manutenção. Lá ele tinha gado de leite e de corte (garrotes erados) e cabras e bodes. Mas o principal produto era a cera de carnaúba e a oiticica. (XAVIER FILHO, 2007, p.44-45)

Por muito tempo a Missão pertenceu à família. Muitas pessoas que lá residiam eram empregadas ou arrendatárias do José Xavier e para o autor era pouco produtiva, embora tivesse renda com o processo de corte das palhas da carnaubeira para a obtenção da cera. Uma narrativa um pouco contraditória colocava apenas o valor sentimental para não se desfazerem das terras, mas claramente também estava relacionada com a economia. O escritor ainda acrescenta:

O Papai era considerado um verdadeiro latifundiário cujas terras seriam hoje consideradas improdutivas. O negócio dele era mesmo a comercialização de cera de carnaúba, algodão, oiticica, peles silvestres. Este negócio vinha desde o tempo de seu pai e era baseado no forte interesse dos mercados por esses produtos. (XAVIER FILHO, 2007, p.46)

O autor apresenta as dificuldades com as terras improdutivas, mas focaliza na força da comercialização dos produtos para a exportação esse legado que advinha de Ignácio Xavier, pai do José Xavier. Portanto, a história da família e da terra se entrelaçava com a economia local e regional, e a decisão de manter as terras tinha implicações tanto emocionais quanto financeiras, numa interconexão entre fatores econômicos e sentimentais na gestão das propriedades.

Nas memórias da cidade são fatores de destaque tanto a intelectualidade, quanto o comércio e principalmente as atividades dos carnaubais de grande influência na economia granjense. Como é destacado no *Jornal Lira Granjense*:

Embora sendo um dos maiores méritos da Granja seus filhos ilustres, ainda podemos notificar que o maior dos méritos existentes está na riqueza dos nossos carnaubais, riqueza esta que ronda a Granja tanto na sede quanto nos distritos, que dá o sustento a milhares de famílias granjenses [...] (LIRA GRANJENSE, 2013, s/n)

Os carnaubais foram muito importantes nos negócios da família Xavier. A cera era exportada em grande escala para diversos países e portanto explorar era essencial para fortalecer o lugar de destaque/espço privilegiado no passado.

Os negócios da família eram significativos para a cidade e possivelmente nos lugares vizinhos, e o armazém representava a importância econômica dos Xavier. O prédio do armazém reunia amigos, conhecidos, dependentes e ocorriam os mais diversos diálogos sobre negócios, plantações, terras. Para Xavier Filho (2007, p.47):

Papai não era político, mas tinha sido deputado classista no regime da Constituinte de 1934. Estes eram indicados por associações de classe e ele foi indicado por uma associação de comerciantes, com um dedo do seu amigo Olavo Oliveira, que foi Senador e chefe da oligarquia que herdou de seu pai, Luiz Felipe de Oliveira. Quando chegou o golpe de 1937, ele perdeu a deputação. Seu guru era o Olavo, este sim, político. Meu pai seguia sempre as diretrizes dele. Discutia-se política no Armazém que parece ter sido ponto de atração para essa atividade, não sei se a gosto ou contra-gosto de meu pai. Era no armazém onde se contavam histórias e brincadeiras relacionadas com os políticos locais.

O autor mostra uma distância da família em relação as questões políticas, mas se percebe o interesse pela temática.

É evocada a figura de José Barreto Xavier como um sujeito influente, mesmo que não atuasse profissionalmente como político e indica participação em um contexto específico, além de conexões com uma estrutura de poder e das famílias influentes. O armazém/o Instituto José Xavier era um espaço de recordação, que marcou diferentes gerações, enquanto espaço comercial e de sociabilidade política. Espaço relevante no cotidiano da comunidade e suporte de memória e difusão de uma cultura. Ainda em relação a esse vínculo com políticos tem-se:

Olavo Oliveira, meu padrinho, era o dono do jornal “O Democrata”, que servia à sua atividade política. Depois, foi vendido ao jornalista Jader Carvalho e passou a ser um vínculo de esquerda. Amigos mais velhos como Paulo Gouveia, o Chico Ponte e outros me chateavam sobre o nosso envolvimento com o Olavo. Eu levava os pacotes d’ “O Democrata” para a nossa Casa e de lá os exemplares eram distribuídos para os partidários do Olavo. (XAVIER FILHO, 2007, p.77)

É notável a relação com a política, especificamente com Olavo Oliveira³⁷, e as críticas por divulgar o trabalho do padrinho. Embora tente mostrar distanciamento em relação às atividades políticas, elegeram Guilherme Gouveia, tio de Xavier Filho como prefeito em 1930.

Guilherme Gouveia era uma figura política da cidade e muitas vezes militava em partido diferente daquele em que o Papai se situava, pois Olavo Oliveira, me parece, não tinha as mesmas inclinações políticas que meu tio, e meu pai era seu fiel seguidor. Tio Guilherme foi nomeado prefeito da cidade quando da Revolução de 1930 e foi, posteriormente, deputado estadual em algumas legislaturas. Promoveu a eleição de Toinho e, anos depois dessa época, de seu filho Gui. Lembro do armazém deles localizado no térreo do Sobrado, tendo passado depois para instalações maiores em uma rua lateral. Lá, como no Armazém dos Xavier, via-se muita cera de carnaúba, o produto dominante na cidade. Os Gouveia tinham muitas propriedades, como a Lagoa Rasa, terra de pastos e de bois às margens da estrada quando se seguia para a Palma, passando pela Santana, onde a família do Tio Guilherme morou alguns anos. (XAVIER FILHO, 2007, p.86)

Esse tio de que Xavier Filho menciona era casado com Hilda Barreto Xavier Gouveia. As uniões entre familiares era comum. Portanto, foi comerciante, político e deteve poder local. Além disso, os Gouveias atuaram na política até recentemente, com Guilherme Gouveia Filho, advogado, prefeito do município de Granja de 1963 a 1967, vice-prefeito de 2013 a 2016 e de 2017 a 2020 vindo a falecer em 06 de agosto de 2020.

É possível questionar como essas relações políticas influenciaram a vida e as experiências do autor e as motivações de mostrar distanciamento.

³⁷ Granjense foi advogado, professor, escritor e político cearense exercendo o cargo de deputado estadual, federal e senador.

Além da união por amizades e pelas atividades comerciais, houve o elo mais forte do casamento consanguíneo entre Oliveira, Xavier, Gouveia, o que os tornavam um só grupo durante alguns períodos.

Muitas outras famílias na Granja do meu tempo de menino eram tradicionais residentes da cidade. Outras tinham chegado recentemente do interior em busca de melhores condições de vida e a procura de dar educação adequada a seus filhos. Olhando de longe vejo que o esvaziamento das vilas e povoados e fazendas do interior era um processo que já devia vir de muito tempo antes. Todas essas famílias transformaram a vida da cidade, talvez diluindo a influência que o núcleo tradicional tinha. (XAVIER FILHO, 2007, p.89)

Apresenta-se o processo de transformação social e demográfica, onde a migração de famílias do interior para a cidade teve impactos significativos na vida urbana, afetando a composição demográfica, a cultura e possivelmente a estrutura social da comunidade.

Para Halbwachs (1990), os lugares não são estáveis, porque estão sujeitos a transformações “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo a que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 133). Portanto, o sujeito que pertence a determinado grupo reconstrói o passado vivido e experienciado junto com os outros, pois as lembranças pertencem a todos. E é por meio dos vínculos afetivos que se busca manter vivo o que consideram relevantes, esses vínculos/relações são construídos pela tradição.

Para Halbwachs (1990) as tradições são mais estáveis em cidades pequenas, pois supõe-se que essa busca pela posteridade se relaciona ao querer deixar viva a visão de uma família tradicionalmente intelectual

José Barreto Xavier era um homem de negócios e que apesar de não ser político desempenhou uma relação de poder que influenciava sujeitos com suas opiniões, que segundo Barros (2012, p.31-32) “Poder” é o que exercemos através das palavras ou das imagens, através dos modos de comportamento, dos preconceitos. O “Poder” apresenta-se a todo instante neste imenso teatro social no qual todos ocupamos simultaneamente a função de atores e de espectadores[...]

O poder não se limita apenas às instituições políticas formais, mas nas relações familiares, nos diversos grupos sociais e nas representações simbólicas. Desse modo existem diferentes formas de poder que podem ser exercidas em níveis mais íntimos e pessoais afetando dinâmicas familiares e as relações entre seus membros.

O poder nas trocas sociais é distribuído em diferentes grupos que interagem entre si. Força presente em diversas esferas da vida social pode ser analisado através de diferentes lentes, das familiares até as representações simbólicas que permeiam o campo político, mitos e

discursos que constroem narrativas para legitimar ações ou criar identidades coletivas, como é feito por José Xavier na referência à cultura escrita de Granja.

Ao tratar sobre a origem da família descreve como “Os Xavier: Família nobre, mas pobre”, pois possuíam destaque social, mas a decadência financeira no pós-guerra de 1914-1918 trouxe alguns problemas. Ignácio Xavier³⁸ e Elisa Barreto são percebidos como:

Meus avós paternos gostavam de ler e sempre ouvi falar que liam francês [...] Este seu interesse pode facilmente ser comprovado pela existência de um grande número de livros nessa língua e que sabemos pertenceram aos dois. O casal teve treze filhos Suzete, Berenice, Lívio, Maria Elisa, José, Lybia, Hilda, Mário, Maria Amélia, Olga, Laís, Emanuel e Inácio. (XAVIER FILHO, 2007, p.48)

O autor e jornais locais reforçam a intelectualidade dos Xavier. No *Lira Granjense* “A família Barreto Xavier era, também, dotada de riqueza cultural e intelectual, fazendo de Lybia Xavier Professora Primária em Granja, onde transmitiu às gerações da terra berço, no início do século XX, os seus conhecimentos de exímia mestra.” (BATISTA, 2004, apud MAGALHÃES; DUTRA, 2013, s/n)

Os diferentes membros da família dedicaram-se a cidade de Granja “transmitindo” seus conhecimentos e a necessidade desse reconhecimento perante os granjenses.

Granjenses, cultivemos, ardorosamente, a memória da grande filha de Granja, Lybia Barreto Xavier, que hoje 15/03/2004 completa cem anos de seu nascimento (um século) e que deverá permanecer viva na mente cultural, intelectual e histórica de Granja. Os seus conhecimentos culturais passam de geração para geração. Por iniciativa do Vereador Antonio Moreira Batista, a Câmara Municipal de Granja aprovou, por votação unânime, na sessão do dia 15/03/2004, exatamente há um século do nascimento da Professora Lybia Barreto Xavier MOÇÃO de reconhecimento pelo seu trabalho educacional e cultural que desenvolveu nesta nossa Granja. (BATISTA, 2004, apud MAGALHÃES; DUTRA, 2013, s/n)

Abordou também as brincadeiras, coleções de livros, selos e as atividades da cidade “Nas festas de fim de ano a gente assistia ao Boi e aos Marujos [...] Era muito comum alguém em Casa contratar um grupo para apresentação do Boi que se dava em frente mesmo, na areia da rua.” (XAVIER FILHO, 2007, p.68)

O Bumba-Meu-Boi ou Marujada são exemplos de festas populares ainda presentes na cidade e destacam a conexão histórica e a valorização dessas práticas pela família.

Granja tem uma forte cultura religiosa com celebrações e festividades ao longo do ano dedicadas aos santos padroeiros, como São José no centro da cidade, Nossa Senhora do Livramento no distrito de Parazinho e São Raimundo no bairro de mesmo nome.

³⁸ Era o titular da firma Inácio Xavier e Cia, entre 1900 e 1918 exportava para Alemanha, França e Inglaterra como cera de carnaúba, peles e algodão e importava tecidos, perfumes, dentre outros produtos.

A festividade de Nossa Senhora do Livramento continua a atrair romeiros até os dias atuais. “As festas do Parazinho eram, e ainda hoje são, famosas em todo o Ceará. Muitas famílias tinham casa lá e a de Papai e Mamãe não era exceção. Eles tinham razões sentimentais para gostarem do Parazinho muito mais do que os filhos.” (XAVIER FILHO, 2007, p.109)

Edna Xavier, mãe do escritor e devota dessa santa nos períodos de festejos ia para esse lugar. Essa religiosidade pouco explorada apresenta as tradições e os ritos das famílias que fazem fogueiras em frente às casas, crianças tomam banho no açude e as rodas de conversas se formam nas calçadas. Conforme o *Jornal Lira Granjense* (2013, s/n) “Misto de fé, superstição, diversão e comércio, os festejos da pacata vila do Parazinho vêm desde longas datas atraindo romeiros de várias partes do Ceará e de outros Estados.”

Ao registrar suas lembranças Xavier Filho possibilita que essas memórias sejam construídas e renovadas. De um lado os tempos áureos da cidade, que não existem e de outro lado a necessidade de migrar em busca de estudo. Ao mesmo tempo aborda a conexão com Granja, seu distanciamento e a dimensão simbólica das trocas sociais não só em sua cidade natal, mas nos diferentes grupos que compartilhou.

3.3 José Xavier Filho e a construção autobiográfica

Para Ricoeur (2007, p. 107) “ao lembrar algo alguém se lembra de si”. Neste sentido, quando Xavier Filho evoca seus tempos de juventude com o momento que escreve, compara e constrói perspectivas diferentes sobre os diversos fenômenos ao longo do tempo, formando e renovando memórias por meio de elementos simbólicos e colocando sua narrativa a necessidade de lembrar para sua identidade, da comunidade granjense e para todos que acessarem e se disporem a conhecer o lugar narrado.

O livro “Aceites e Rejeições” aborda sua trajetória acadêmica e foi publicado pelo Instituto José Xavier.

Figura 18 - Capa do livro "Aceites e Rejeições" (2015)



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Possui cento e onze páginas e foi publicada em 2015. Relata sua trajetória acadêmica, os aceites e rejeições das publicações de 2011-2015; pesquisas sobre proteínas de babaçu e castanhas de caju, sementes de feijão, dentre outros. A apresentação foi realizada por Marcelo Alcântara Holanda³⁹ além do prefácio e traz as memórias de Xavier Filho em relação ao gosto pelas plantas, as experiências no jardim da casa em Granja, a escolha pelo curso e a trajetória intelectual.

O livro tem forte viés autobiográfico. Expõe de forma nua a trajetória profissional de um cientista brasileiro, da área biológica, pelos caminhos que passou desde a mais tenra idade até a maioria acadêmica de pesquisador com renome internacional. Logo no primeiro parágrafo visualizamos o infante Xavier a injetar plantas do jardim de sua casa na cidade de Granja, onde nascera, para logo depois viajarmos com ele para Fortaleza e daí para o mundo seguindo-se a sequência de descobertas científicas e numerosos aceites e rejeições que são apresentadas no livro com muito detalhes preciosos. (HOLANDA, 2015, p.10)

³⁹ Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Ceará - UFC (1991), com residência médica (1995) e doutorado em Medicina (Pneumologia) pela Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina (1998) é professor associado de Terapia Intensiva e Pneumologia do Departamento de Medicina Clínica da Universidade Federal do Ceará. Coordena o Laboratório da Respiração (RespLab) no Centro de Biomedicina da UFC, onde desenvolve pesquisas nas áreas de Ventilação mecânica e de análises de imagens do tórax.

O tom autobiográfico da obra torna a leitura envolvente, permitindo que o leitor se identifique com as experiências e emoções do protagonista. Além disso, oferece uma visão fascinante sobre o mundo da pesquisa científica, mostrando tanto as dificuldades quanto as alegrias que a carreira proporcionou. O livro não explora o cotidiano de Granja e sim as descobertas e os altos e baixos da carreira acadêmica do José Xavier Filho, a relação com o lugar que descobriu esse amor pelas plantas e o desejo de investigar esse mundo que o fascinava.

Desde cedo me interessei por plantas, mas não como um agricultor ou um jardineiro. Em nossa casa, em Granja, na Zona Norte do Ceará, havia um jardim com algumas taiobas (Aracae). Uma de minhas diversões era “dar injeção” nessas plantas. Para isto utilizava um líquido avermelhado, possivelmente uma solução de vitamina B12, contida em ampolas, que um farmacêutico local descartava, talvez por ser medicamento com prazo de validade vencido. Verter água nessas plantas de jardim também faziam parte das experiências. (XAVIER FILHO, 2015, p.15)

No decorrer da carreira dedicou-se a temáticas socialmente relevantes como sementes leguminosas/ feijão-de-corda que fazem parte da alimentação de muitos nordestinos, principalmente das camadas pobres da população, como também sobre a castanha do caju. O interesse pelas castanhas se deu por motivos sentimentais, visto que lembrava dos extensos cajueiros da cidade natal. Portanto, essa relação com o espaço onde nasceu estimulava as pesquisas de Xavier Filho.

O debate dessa obra no trabalho é pouco expressivo, mas a opção por apresentá-la se dá pelo fato de mostrar Xavier Filho, pelo viés acadêmico, os esforços de ter os artigos publicados. O livro ao mostrar os trabalhos aceitos ou rejeitados indica como é o mundo da pesquisa, que embora prazeroso também possuía desafios.

Durante o decorrer dos anos, como responsável pela redação e submissão da maior parte dos trabalhos originados no meu grupo nas universidades Federal do Ceará e Estadual do Norte Fluminense, tive o prazer de ver muitos trabalhos aceitos, mas o dissabor, ocasional, de ter outros tantos rejeitados. (XAVIER FILHO, 2013, p.18)

As experiências nas duas universidades e os desafios da carreira acadêmica mostram caminhos percorridos nas pesquisas e publicar livros por meio do Instituto visava incentivar jovens granjenses à carreira acadêmica, seus prazeres e as superações em meio as rejeições. As pesquisas e interesses surgiram nesse lugar e seu propósito era que outras pessoas voltassem a reconhecer a cidade natal.

Para além das pesquisas, amigos, familiares e colegas descrevem a relevância de Xavier Filho para a memória de Granja. Em entrevista Berenice Xavier, irmã de José Xavier, relata que:

José era ousado, grande sonhador e idealista achava que tudo ia dar certo e com o tempo percebeu que nem tudo iria acontecer. Passou a presidência do instituto para a Beatriz. Ele não tinha a capacidade de gerir quando a coisa não estava boa, e foi bem no início estava bem. Com o tempo meu irmão foi ficando deprimido, desanimado, natural um homem daquela idade, tanto sofrimento na vida já tinha passado. Teve sucesso na vida profissional, o pesquisador, mas era o Zezinho. Ninguém dava muito trela pelo fato dele tá fazendo aquilo, mas foi muito importante na memória da cidade. (XAVIER, 2022, s/n)

Dedicado e sonhador que não tinha capacidade para lidar com situações difíceis e momentos de crises. Quando alguns dos objetivos traçados não foram alcançados proveio o desânimo. A entrevistada acredita que os habitantes, não reconheceram ou valorizaram adequadamente o trabalho realizado por "Zezinho" por meio do IJX-Instituto José Xavier. Apesar disso, ela acredita no valor e potencial dos projetos para a cidade.

E os projetos provocaram nos participantes um vínculo afetivo, experiências compartilhadas que deixaram lições para o grupo e a continuidade de relações, mesmo com o fim das atividades da Instituição. Nessa perspectiva para Pesavento (2007, p.14):

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgata emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro. (PESAVENTO, 2007, p.14)

As memórias da produção escrita compreendem uma estratégia de legitimação a partir da experiência de vida, de credibilidade e relevância à ancestralidade como sujeitos autênticos e distintos, principalmente em relação à leitura e escrita.

Narrar vivências na “cidade pacata” “resgata” as boas lembranças e as não tão boas, abrindo diversas possibilidades, já que a narrativa é um espaço que pode ser apropriado e reinterpretado conforme interesses dinâmicas sociais e rememorar outros tempos. A vontade de “ser a voz” da necessidade no presente como professor e coordenador do Instituto para desempenhar melhor essa função.

Fundar o Instituto e lançar livros de memórias estabeleceu um espaço de rememoração da “cidade em tempos áureos”. Em entrevista o autor destaca que: “[...] sempre foi uma preocupação do Instituto, das pessoas que fazem o Instituto e da minha em particular, em fixar em letra de forma a presença do Instituto. E a maneira de fixar isto era produzir livros. Então, decidimos criar o que chamamos de 'Cadernos do Instituto José Xavier'." (XAVIER FILHO, 2007)

O editor do *Jornal Lira Granjense* reforça essa ideia da relevância para a cidade os investimento do José Xavier Filho nas publicações:

Agora o Instituto José Xavier através da série de publicações intitulada “Cadernos do Instituto José Xavier, nos presenteia com o enfeixamento de todos os números da Lira Granjense, resultando neste livro que você tem nas mãos. Assim., estas modestas páginas não se perderão tão facilmente no tempo, como aconteceu com tantos outros periódicos que circularam um dia ante os olhos do povo granjense. (MAGALHÃES, 2013, s/n).

É notória a relevância de políticas e espaços de preservação de documentos que capturem fatos do passado para desenvolver pesquisas. As Instituições de Memória incorporam uma produção intelectual e política dos sujeitos que revelam identidade com o lugar para diálogo e criações. A compilação do jornal em livro contribuiu para o acesso as edições, já que não circulava mais e é difícil saber se algum lugar da cidade preserva a versão original.

Ao construir uma instituição e investir em publicações que relatam acontecimentos de diversos momentos de Granja e de sua família, Xavier Filho buscava o engajamento social e atração de pessoas para concretizar o sonho do jovem que saiu da cidade pacata para investir nos estudos e retorna anos depois como pesquisador conhecido em sua área. Um sentimento de pertencimento à terra natal e o desejo de oferecer projetos culturais e sociais, além de relatar em diversas passagens seus vínculos com o lugar.

4 PRODUTORES E GUARDIÕES DE MEMÓRIA

Este estudo tem focado na questão das memórias e projetos desenvolvidos pelo José Xavier Filho e Instituto José Xavier e as motivações dos projetos desenvolvidos.

As narrativas constroem uma imagem de Granja intelectualizada e essas construções são percebidas por quem acessa como uma verdade do passado, o qual vai se identificando com o que é relatado, mas também constrói suas percepções pelo que leu ou vivenciou. Conforme Chartier (1988, p.24) “diferenciadamente seja construída uma significação”, onde sentidos são produzidos e ressignificados por quem acessa.

Este último capítulo analisa as estratégias de narrativas nas obras publicadas pelo Instituto José Xavier e o projeto de elaboração e preservação de uma memória local.

4.1 “Ignácio Xavier & Cia”: a busca por compreender a trajetória da família Xavier e as conexões com a cidade

Dentro da proposta de produzir e compartilhar memórias sobre a cidade José Xavier Filho publicou relatos da vida de Ignácio Xavier na busca de compreender, a trajetória do avô, as relações com amigos e descendentes.

Relata momentos vivenciados e lembrados como a presença do passado no presente. Portanto, por ter existido um processo significativo para o sujeito essas memórias preservadas condicionam a conquista de novas memórias e podem proporcionar experiências significativas para os indivíduos que têm contato com o que é preservado.

A publicação de livros registra parte do que foi lembrado. O resto ficou esquecido, não-dito, silenciado ou perdido ao longo do tempo. O livro “Ignácio Xavier e Cia” num tom biográfico trata de elementos da cidade e da família do escritor.

Publicado em 13 de setembro de 2008 a primeira parte teve a proposta de abordar o território granjense pela indústria de carnes, couro para exportação e a produção de cera. O segundo momento aborda as origens da família Xavier, descrevendo aspectos de cada membro. Conforme o autor (2008, p.11) “Eu decidi que a tarefa de escrever alguma coisa, que passei a considerar muito pessoal, teria de recair em uma pessoa da família e eu próprio, na ocasião, me parecia ser o mais indicado”.

É evidente que as lembranças trazidas pelo escritor/ narrador, não resgata tal como vivenciou. Concordando com Padrós (2002):

As lembranças não são registros passivos ou aleatórios da realidade. Elas não são meros registros fotográficos dispostas num álbum mental; “não arquivamos instantâneas objetivas dos fatos acontecidos, senão que captamos o significado, o sentido e as emoções às quais se associaram tais experiências”. (PADRÓS, 2002. s/p).

As narrativas influenciadas pelo tempo ganham novas perspectivas no momento que foram pensadas e escritas. Como acrescenta Padrós (2002) as lembranças sobre o passado são essenciais na produção da identidade. Portanto, as memórias possibilitam acessar experiências, preservar as vivências da sociedade. José Xavier Filho é alguém que escreve sobre sua família através das diversas firmas e empreendimentos que tiveram.

A capa da obra traz a representação de Ignácio Xavier, o esposo de Elisa Barreto, irmã do escritor Lívio Barreto, que cria essa união dos Barretos com os Xavier, além de apresentar o nome da firma “Ignácio Xavier & cia”, que teve grande atuação na cidade ao longo do século XX. A obra tem trezentas e trinta páginas, divididas em dez capítulos, com apresentação do autor, prefácio por Luiz Cruz de Vasconcelos⁴⁰ e introito (parte inicial), que fala da escassez de estudos sobre o desenvolvimento de Granja e em contrapartida frisa o interesse pela genealogia das famílias em busca de identidade.

No prefácio do livro o responsável demonstra o orgulho e admiração pelo trabalho realizado:

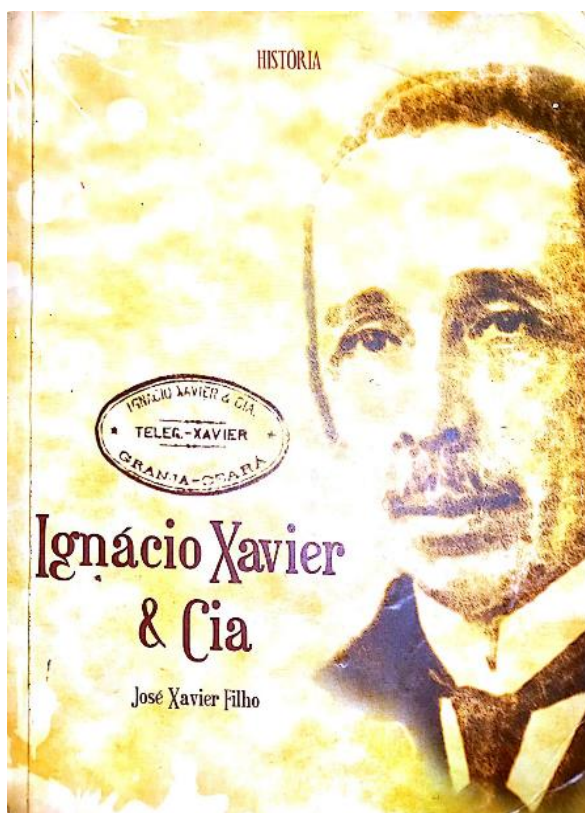
[...] trata-se de um trabalho notável, que lhe exigiu uma paciência beneditina na pesquisa laboriosa que empreendeu, para poder retratar acontecimentos de um passado morto, que ele ressuscita, sobre grandes períodos de sucesso comercial, cultural e de desenvolvimento porque passou Granja, quando se destacaram vultos eminentes da região, mas retrata, também, o declínio e a decadência da terra, que não pôde conservar sua grandeza, ocasionando o desespero e o destempero mental de alguns Xavier, inclusive de seu velho tronco, incutindo a muitos a idéia de viajar e procurar sucesso em outros lugares como Rio de Janeiro e São Paulo, onde criaram raízes e prestígio cultural, tal como aconteceu com LÍVIO XAVIER, o tio do autor desta obra, e com ele próprio. (VASCONCELOS, 2008, p.12)

O livro exigiu esforço e investimentos do autor para compreender os aspectos do passado relevante para a história e memória da cidade, embora muitos dos discursos reforce e reproduza os discursos do Padre Vicente Martins.

O prefaciador mostra o esforço e comprometimento do autor em realizar uma pesquisa minuciosa para “ressuscitar o passado” trazer de volta eventos históricos da cidade, esquecidos ou negligenciados, as migrações em busca de oportunidades melhores, as raízes e o prestígio cultural na busca por preservar e promover a cultura da cidade natal.

⁴⁰ Granjense era advogado, professor e jurista, ex-diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, nos anos 60 e ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, faleceu no dia 03/07/2011, em Fortaleza.

Figura 19 - Capa do livro Ignácio Xavier e Cia (2008)



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

No prefácio Luís Cruz de Vasconcelos fala sobre o seu discurso na fundação da Instituição que estabelece uma tentativa de mostrar a credibilidade e esforço do autor “[...]recomendo a todos os filhos de Granja, quer amem ou não a terra onde nasceram, e aos intelectuais de todo o País O autor não é escrevinhador qualquer, mas um autêntico XAVIER da gema, que honra as letras, onde quer que elas estejam.” (VASCONCELOS, 2008, p.14)

O apelo emocional, a busca por considerar o autor distinto ou notável, usa “O” em letra maiúscula no trecho “O autor” para dar ênfase coloca ao centro a figura de Xavier Filho como intelectual que continua o “legado” da família.

“[...] ‘A LOUCURA DOS XAVIER’, não para mencionar o destempero mental de alguns da família, mas, para mostrar o que fora e tivera Granja e enaltecer a coragem de José Xavier Filho de desejar renascer no nosso torrão natal o amor às letras, e atrair a juventude granjense aos passeios culturais do amanhã.” (VASCONCELOS, 2008, p.14)

O prefaciador enaltece Xavier Filho pela coragem de incentivar nos jovens o gosto pela leitura e a história da cidade e o envolvimento com atividades culturais. O discurso focaliza nessa “Loucura dos Xavier”, as conexões com a história e a identidade da cidade pela narrativa e transmissão dos valores culturais.

Alguns questionamentos vão se fazendo ao longo das leituras, das conversas. O que levou famílias a guardarem suas memórias? De que forma essas memórias acabam se transformando em pequenos museus? Será que houve tensões nesse processo?

Na busca por estudar o desenvolvimento de Granja, já que havia poucos estudos locais o autor destaca:

O que se vai ler aqui é um relato de acontecimentos, fatos, sucessos, infortúnios passados na Granja e longe dela que antecederam ou foram parte da vida de Ignácio Xavier, de seus amigos e de seus mais próximos descendentes. Podemos chamar estes escritos, se há necessidade de nomear o gênero de crônica de Ignácio Xavier & Cia. ou dos três Coronéis que ocuparam sucessivamente a Casa construída por Antônio Frederico de Carvalho Motta durante a grande seca de 1877-1879 ou logo após, situada no centro da cidade. (XAVIER FILHO, 2008, p.15).

Em suma, o livro aborda os aspectos da vida e trabalho de Ignácio Xavier, avô de José Xavier Filho, o comerciante que teve papel relevante no desenvolvimento da cidade até o fim da Primeira Guerra Mundial. Esse livro assim como os outros eram vendidos na sede do IJX e em livrarias de Fortaleza.

A referência à Casa mostra a relevância do espaço e explora a representação dos personagens que viveram nesse lugar, os papéis na comunidade e suas contribuições no desenvolvimento da história.

Para Xavier Filho (2008) o território granjense era bem maior. A fragmentação por fatores políticos causou o enfraquecimento da atividade agrícola. O empobrecimento generalizado pela queda de produtos agrícolas, o despovoamento do interior, a migração para a cidade ou para outras regiões, aliados aos problemas de secas e mal gerenciamento das oligarquias dominantes se refletiram na situação da cidade na época.

Apesar das diversas possibilidades comerciais, agrícolas, extrativistas havia várias dificuldades de gerenciamento, que produziram vários problemas nos negócios, no espaço e na situação dos moradores, principalmente nas secas ao longo do século XIX e XX, e as más ações de quem possuía poder e influências.

Xavier Filho apresenta as dificuldades do período para justificar que não era da elite ou possuía tantas condições financeiras como as pessoas imaginavam. Embora a firma do avô fosse uma das mais importantes, pois importava e exportava para outras regiões e países, tinham uma educação diferente da comunidade.

A escrita nos proporciona acessar a visão de um sujeito. Narrativas que trazem traços da história de quem escreve ou de quem está ao seu redor. Diante disso é necessário

distinguir entre o que é narração com o que de fato foi vivenciado, tendo noção de que os escritos têm limitações ao tratar das experiências dos indivíduos.

Ao abordar sobre a origem da cidade o autor detalha as personalidades:

A Granja foi dominada por capitalistas e personalidades importantes no cenário nacional a partir do século XVIII. Entre eles, estão Pedro da Rocha Franco, João de Andrade Pessoa Anta (herói e mártir das lutas pela Confederação do Equador), Francisco de Paula Pessoa (também Senador), Inácio de Almeida Fortuna (Capitão da Guarda Nacional, Comandante de uma Companhia sediada na Granja, em 1872), João Baptista de Carvalho Motta (capitalista, assumiu a Presidência do Estado, interinamente), Zeferino Gil Peres da Motta (tio de Antônio Frederico), José Joaquim de Carvalho, Felino Laurino da Silveira (criou a telha/cerâmica que leva seu nome tendo sido prefeito da cidade), Antonio Augusto de Vasconcellos (Promotor, advogado, jornalista e professor na Granja, nascido em Maranguape), Salustino Moreira da Costa Marinho (chefe político, Deputado Estadual), Lívio Barreto (o poeta, membro da Padaria Espiritual), Luiz Felipe de Oliveira (líder político), Sérgio Porfírio da Motta, Joaquim Pereira de Oliveira (Joaquim da “Cunha”, fazendeiro, 1842-1925), Raimundo Joaquim Pereira de Oliveira (1869-1934, capitalista, filho do anterior), Antonio Beviláqua Filho (comerciante), José Artur Beviláqua (pintor e caricaturista), Aquiles Beviláqua (advogado), Ignácio Xavier (comerciante), Antonio Gouveia da Silva (comerciante) [...] Waldemiro Cavalcante (advogado), Raimundo Oliveira Filho (engenheiro), Francisco Delmiro de Oliveira (Oliveirinha, médico), Hugo Porfírio da Mota, Lívio Barreto Xavier (advogado e jornalista), José Barreto Xavier (comerciante), Olavo Oliveira (advogado e político) [...] Guilherme Teles Gouveia (comerciante e chefe político, foi prefeito da cidade)[...] (XAVIER FILHO, 2008, p.24-25).

O discurso legitima a imagem da Granja intelectualizada ao mencionar “personalidades” que tiveram destaque nas famílias Barreto, Xavier, Oliveira e Gouveia, famílias tradicionais da cidade.

Ainda acrescenta sobre a origem “Lívio Xavier nota que sua família não tinha pudor em admitir sua origem, ao contrário de muitas outras famílias, cearenses mesmo, como os Alencar, Beviláqua e outras encobriram suas origens eclesiásticas.” (XAVIER, 2008, p.41). Portanto, o autor apresenta essa ideia de distinção e transparência sobre o vínculo eclesiástico, como se não se importasse com preconceitos ou discriminações que poderiam surgir.

O autor apresenta a necessidade de saber as origens das famílias “Os Barreto eram originários da Barra dos Saldanha, mais acertadamente da região dos Angicos, tendo-se transferido para o Ibuaçu, na época sede do distrito. Eles tinham uma terra de criar e plantar conhecida como Trapiá, no sopé da Serra Grande.” (XAVIER FILHO, 2008, p.52). Ela é a origem de Elisa Barreto, esposa de Ignácio Xavier e irmã do poeta Lívio Barreto, a qual era do interior de Granja e migra com a família em 1878 para a cidade.

Não só com atividades comerciais que a família se envolveu. “É interessante chamar atenção sobre a participação dos irmãos Barreto em atividades comunitárias. Eles foram vereadores à Câmara Municipal da Granja e também presidentes da mesma, entre 1920 e 1925.”

(XAVIER FILHO, 2008, p.58) Apresenta as relações dessas famílias com questões políticas, embora, geralmente elas tendam a se afastar dessa imagem e a focar na representação para a cultura de Granja.

Descreve Granja em meados do século XIX e início do século XX, tratando dos aspectos culturais enfatizando a poesia, música e literatura em períodos que a cidade se desenvolvia e possuía diversas possibilidades nas atividades comerciais e agrícolas.

Reforça a união da família Barreto e Xavier ao mencionar os avós paternos:

“Não encontramos documentos de qualquer tipo que sugiram ter sido Elisa Barreto depositária das tradições culturais dos Barreto-Xavier da Granja. Parece correto que ela, de resto como todos nas duas famílias, era uma leitora ávida. Interessante é que, politicamente, ela seria liberal e o marido conservador, como seu antigo chefe e depois amigo Carvalho Mota.” (XAVIER FILHO, 2008, p.58).

Um dos filhos do casal, Lívio Xavier, era militante do Partido Comunista Brasileiro. “O objetivo da luta de Lívio Xavier e outros intelectuais era criar linhas de força na política cultural que garantissem o desenvolvimento de uma arte revolucionária, livre, independente.” (MAGALHÃES, 2013, s/n) Portanto, é perceptível a atuação cultural de membros dessa família ao longo dos tempos tanto na cidade quanto em outros espaços.

O autor dedica um capítulo especial à Carvalho Motta “O gênio das finanças”, demonstrando os laços familiares, de amizade e de negócios com os granjenses. Vale salientar que Xavier Filho em 2010 publica o livro “Carvalho Motta: Capitalista e governador” visando mostrar a trajetória enquanto comerciante granjense e governador do Ceará.

A irmã de José Xavier Filho em entrevista faz uma crítica à Carvalho Motta colocando como “o coronel do José (Xavier Filho), porque ele era tão encantado com essa figura, mas eu sou totalmente desencantada” (XAVIER, 2022, s/n). Uma visão negativa, embora responsável pelo apogeu da firma, mas vendeu ao Ignácio Xavier foi por um preço injusto, e o irmão ao escrever o livro teve uma opinião errada.

Portanto há uma imagem positiva no livro sobre esse comerciante e evita-se tratar das disputas e questões mais delicadas em relação à política. Berenice Xavier expõe indignação pelo irmão ao se encantar por essa personalidade que trouxe prejuízos para a família em um passado distante.

Dada a relevância do avô o autor destaca que “Ignácio Xavier talvez fosse tratado por Tenente-Coronel ou Coronel pelo fato de que ele, no começo do século XX, estava ganhando bastante dinheiro e mostrava ser um cidadão respeitável e de sucesso a quem se associava o título, ou patente, como era comum na época.” (XAVIER FILHO, 2008, p.137).

Embora o autor e a irmã exponha a decadência e “endividamentos” do avô, eles frisam o posto que ocupava e os títulos recebidos. Em alguns momentos os discursos se contradizem ao citar esse ideário de família humilde e bem relacionada com a sociedade. E sobre essa boa relação é frisado que:

Diz-se ainda hoje que Ignácio Xavier foi de uma dedicação muito grande à sua mãe e à sua família e à de sua mulher, assim como aos seus inumeráveis primos e parentes mais distantes. Ele procurou colocar seus irmãos, cunhados e primos na cidade, seja na casa comercial em que trabalha seja facilitando a instalação de negócios próprios. Enviava, nas épocas de dificuldades, que não se pode dizer fossem raras e pequenas, comboios de mantimentos para aliviar a fome e as necessidades da parentelha que ficara no sertão. (XAVIER FILHO, 2008, p. 238).

A união da família Xavier e Barreto se deu pelo casamento de Ignácio Xavier e Elisa Barreto. Supõe-se que “foi um casamento arranjado: encontra-se uma esposa para o comerciante de futuro promissor e um marido para a jovem interiorana- sem posses.” (XAVIER FILHO, 2008, p.156) Apresenta-se um laço por conveniência, a mulher que detinha boa educação e o jovem promissor, mostrando as dinâmicas sociais com familiares e amigos para manter o status social.

O autor mostra o elitismo e ainda acrescenta que:

Pode-se especular que os nomes dos filhos do casal tenham sido atribuídos como uma consequência do fascínio pelos usos e costumes considerados diferentes, cultos, intelectuais, sofisticados, talvez um pouco de ranço elitista que todos diziam tinha o casal, principalmente Dona Elisa.

Na tentativa de consolidar a imagem na cidade em relação ao culto e à intelectualidade dos membros, os nomes eram escolhidos através de leituras, criando assim um imaginário forte em torno desse grupo ao longo de muitos anos.

Sempre houve na Família Xavier uma fome insaciável de leitura ou uma necessidade de demonstrar que se lia. Todos compravam ou ganhavam livros nos aniversários ou outras ocasiões. Muitos desses livros foram conservados e estão incorporados ao acervo do Instituto José Xavier; muitos mostram assinaturas dos mais diversos “proprietários do momento” (autógrafos de mais de um dos filhos ou netos de Ignácio Xavier ou de outras pessoas ou instituições). (XAVIER FILHO, 2008, p.170)

A valorização significativa da leitura, o desejo constante por conhecimento e informação, sugere a importância do ato de ler como uma fonte de enriquecimento pessoal, desenvolvimento intelectual e expansão de horizontes. O hábito de leitura como status social e cultural.

O fato de muitos livros terem sido conservados e incorporados ao acervo do Instituto José Xavier revela um cuidado em preservar o conhecimento ao longo das gerações e

o reconhecimento do valor histórico e cultural dos livros para transmitir e compartilhar o legado familiar às gerações futuras.

As assinaturas dos diversos “proprietários do momento” mostravam o envolvimento de diferentes membros da família com a leitura como atividade que unia e conectava diferentes gerações, assim como fomentava uma imagem criada para a cidade sobre eles e sua referência cultural.

Para Reinhardt (2002, p.108) “para a manutenção da identidade do grupo é fundamental a figura dos mediadores. Eles são o elo vivo entre as gerações, transmitem o passado vivido e experimentado.” Os sujeitos que fizeram parte do Instituto José Xavier atuaram como guardiões e mediadores, uma espécie de pontes entre o passado e o presente, em busca de evitar a perda da memória. Ao desempenhar tal função mostraram a importância de preservar e transmitir conhecimentos das gerações passadas e ou manter viva a tradição e a memória familiar.

A busca por preservar a memória e alcançar o reconhecimento é o que possibilita dar sentido e permanecer na lembrança os fatos que ocorreram.

Na memória, a experiência-chave é a do reconhecimento, graças ao qual a imagem presente é tida por fiel à afeição primeira. Em outras palavras, é possível apreciar – até tocar – a conformidade da imagem da memória com a experiência primeira, originária: podemos reconhecer, nos reconhecer naquilo que já vivemos. A relação com o passado é íntima, viva, por vezes total (LORIGA, 2009, p. 20).

A associação dos Xavier com a educação é destacada como algo valioso, dada a cultura e erudição que caracterizam a família. Conforme ressalta Josenira:

A família Xavier sempre foi muito culta, a educação para eles era muito importante, você consegue imaginar que a Biblioteca do Emanuel Xavier (acervo), fechei ela em quase 800 livros e o menino das moedas tava questionando se ele tinha lido todos os livros e eu disse que leu, garanto que ele leu, porque todos os livros que ele lia (Emanuel Xavier), ele assinava e datava, não foi dedicatória que alguém deu naquela data, mas livro que ele leu e datou, lia, assinava e datava Eles eram muito cultos todos eles. A educação para eles era algo muito precioso, preciosíssimo, e daí você tira as histórias que seu José contava dele quando era criança para gente, história do pai, da mãe, dos tios. Tem um livro que tem umas coisa tão engraçadas, do convívio da família, no próprio Passagem pela Granja, tem umas histórias muito engraçadas e eles tiveram esse dom, esse dom desde sempre que eu comentei sobre o Lívio, eles não só vivenciavam, mas também registraram e cabe a geração saber apreciar, valorizar isso, se dar o trabalho de pelo menos conhecer. (COSTA, 2022, s/n).

O menino das moedas que Josenira menciona é um pesquisador de Viçosa, que enquanto ela realizava o processo de organização do acervo a pedido de Luiz Oliveira, para separar os arquivos pessoais, livros, que foi iniciada em janeiro de 2022 e concluído em maio de 2022. Com o fim das atividades e organizações do acervo há a intenção de alguns livros

serem doados para a Biblioteca do Município e continuar a servir como pesquisas. Entretanto até o momento não ocorreu.

Em suma, a Família Xavier teve uma forte relação com a leitura para além do ato de adquirir livros. Ela foi valorizada como uma forma de enriquecimento pessoal, de demonstração de status social e cultural, de preservação do conhecimento e de construção da identidade familiar. Portanto, reforçam essa imagem reivindicando uma memória que contribui na produção da identidade. Nas palavras de Candau (2011, p.23) “a metamemória, que é por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória [...] é portanto, uma memória reivindicada e ostensiva.”

4.2 Lívio Barreto: “O iniciador da linhagem de poetas da família Xavier-Barreto”

Ao elaborar este trabalho não podia deixar de lado o Lívio Barreto, sujeito que foi objeto de reflexões durante a graduação e neste sentido frisei um pouco da trajetória e a relação com Granja, com o Instituto José Xavier e o professor José Xavier Filho.

Lívio Barreto era granjense, nascido na zona rural, mas muito cedo migra para o espaço urbano em busca de condições melhores na época de seca em fins do século XIX. Assim como muitos outros jovens ansiava ascender socialmente por meio do mundo letrado, entretanto, teve que lidar com o fato de viver em cidade interiorana, afastado dos grandes centros e por não pertencer à elite teve dificuldades para viver da escrita.

De acordo com Barreira (1986) os homens das letras cearenses se dedicavam bastante pelo que amavam, mas em sua maioria enfrentavam diversos problemas materiais que os obrigavam a lutar pela sobrevivência. No caso do Lívio Barreto, por não possuir boas condições financeiras, não tinha como viver dos escritos e a profissão de caixeiro e guarda-livros era o que sustentava a família.

O poeta cheio de inquietações, melancólico, triste, lamentava por não vivenciar um amor e não viver de seus escritos, mas nas horas vagas dedicava-se à produção de poemas. Era uma época que passava por transformações, com mecanismos de controle social, reformas urbanas e diversos discursos sobre a modernização. Entretanto, no interior essas mudanças eram mais lentas.

Lívio Barreto era um escritor decadentista, que buscava uma fuga do real em uma mensagem de dor e alegria. Seguindo a perspectiva dos discursos que a família era ansiosa/depressiva. Berenice Xavier afirma (2022) “[...]dificuldades muito grande, porque meu

avô deixou uma firma falida, o povo adoecia, era depressivo, a depressão na família é história que todo mundo na Granja sabe e a gente queria se preservar dessa exposição [...]"

O escritor, que fez parte da Padaria Espiritual, morreu em 1895 aos 25 anos, na sua banca de trabalho em Camocim por um derrame cerebral. Morrendo muito jovem não pode aprimorar sua arte e teve sua obra publicada devido aos esforços de colegas e da agremiação mencionada. O livro *Dolentes*, que inicialmente seria *À toa*, reúne poemas dos anos de 1892 a 1895. Alguns desses haviam sido publicados no jornal *O Pão* e tornou-se reconhecido na literatura cearense, como bem aborda Azevedo (2011, p.79-80) "A Padaria Espiritual, a mais original agremiação de quantas (e foram muitas) houve no Ceará, teve como traço mais marcante a nota humorística, com a qual rompia de, maneira leve e jovial, com tudo quanto se fazia antes em termos de cultura."

Lívio trazia um pessimismo simbolista, utilizava metáforas, não necessariamente abordando o real, mas fazendo um mergulho no inconsciente, num mundo ideal, no misticismo. Segundo o *Jornal Lira Granjense*, "Lívio hoje não é uma foto, nem uma biografia, mas seus versos. Um homem que cultuando a natureza através da palavra voltou a ser Palavra para comunicar algo sublime" (MAGALHÃES, 2013, s/n).

Para os editores do *Jornal*, Lívio, por meio de sua poesia centrada na natureza, se eleva para além de uma figura estática ou uma coleção de fatos biográficos. Sua escrita transmite algo excepcional e inspirador, que se conecta a um significado mais profundo, tornando-o um escritor importante para a história de Granja.

A Padaria Espiritual surgiu em fins do século XIX composta por jovens das letras e artes, ousados, bem-humorados e talentosos. Lívio Barreto era um dos membros, embora não frequentasse todas as atividades, visto que retornava para Granja ou Camocim, mas mantinha contato com seus colegas de grêmio que iniciou o simbolismo no Ceará. Conforme Sânzio de Azevedo.

[...] não sendo propriamente um grupo simbolista – como equivocadamente já houve quem afirmasse-, foi no seu seio que surgiu o Simbolismo no Ceará, fruto da leitura de autores europeus, principalmente de Antônio Nobre, cujo livro *Só era lido* pelos componentes do grupo no mesmo ano de sua publicação na Europa, segundo o depoimento valioso de Adolfo Caminha. O Simbolismo cearense dessa época não foi portanto caudatário do movimento que eclodiu no Rio de Janeiro, oriundo do Paraná, sendo dele contemporâneo e independente. (AZEVEDO, 2011, p.80)

A Padaria fundada em 1892 findou suas atividades em 1898 e teve um papel relevante na trajetória de Lívio Barreto, possibilitando o reconhecimento do autor como um símbolo de Granja. Antes da agremiação participou de pequenos jornais granjenses de curta

duração, decorrente de poucos recursos e muitas vezes impressos em outras cidades para serem distribuídos em Granja a um público específico, já que fins do século XIX poucos tinham acesso à leitura.

Lívio Barreto participou de alguns periódicos em Granja, dentre eles o "JORNAL DA GRANJA," um pequeno semanário que teve início em 1884 com impressão própria, contando com a contribuição de Artur Teófilo, Fausto Sobreira e Antônio Raulino de Moura; "IRACEMA," um quinzenário estabelecido em 1887 e impresso em Sobral, tinha como redatores Raimundo Belfort Teixeira e Luís Felipe de Oliveira; posteriori "A REFORMA," que substituiu o "Jornal da Granja," surgiu em 13 de maio de 1894 e contou com redatores como Antônio Raulino de Moura, Artur Teófilo, Luís Felipe de Oliveira e Fausto Sobreira; além disso, "A LUZ," um quinzenário editado em 1892 com contribuições de Antônio Raulino de Moura, Luís Felipe de Oliveira, João Porfírio da Mota, Manuel de Barros Teles (SÁ, 2009, p.90).

Lívio participou das práticas letradas e da imprensa local, entretanto, o ponto de destaque na trajetória do escritor é a relação com a agremiação cearense, já que “[...] odiava o ofício de caixeiro e acabou sendo conhecido como caixeiro-poeta, o homem que tanto fugiu de sua terra, ao morrer, teve seu corpo enterrado em Granja, ficando eternamente na cidade de que tanto fugiu.” (SANTOS, 2012, p.26).

Lívio Barreto tentou sair diversas vezes da sua cidade, entretanto as adversidades o faziam voltar e é nesse lugar que repousa eternamente, sendo lembrando por meio de homenagens do Instituto José Xavier que guarda cartas, diário e versões do livro *Dolentes* que propiciaram o desenvolvimento de pesquisas sobre o papel da Instituição na guarda de memórias do Lívio e de outros granjenses.

A obra “*Dolentes*” representa a união de poemas de diversos anos de Lívio Barreto, exprimindo sentimentos e visões sobre o meio. Por ser um livro póstumo trouxe relatos de colegas e amigos que buscaram descrever e manter viva a memória do jovem. No IJX guardavam-se cópias do jornal “O Pão” e as homenagens após sua morte, tornando-o símbolo dos Barretos e Xavier de Granja.

Sobre as referências criadas pode-se destacar o hino municipal. Em 1968 os símbolos pátrios de Granja foram estabelecidos pela Lei 279 de 05/04/1968, e o poema “À terra granjense”, escrito em dezembro de 1940 pelo Padre Osvaldo Chaves foi selecionado como o conteúdo do hino municipal. Em vista disso o padre acrescentou alguns versos e um refrão que homenageava e institucionalizava a figura de Lívio Barreto.

A presença marcante da memória do poeta na cidade se dá através do Hino Municipal, pois muitos já cantaram e ouviram ao longo da vida a ênfase dada pelo Padre Osvaldo Chaves⁴¹: “Granja de Lívio Barreto Rica terra abençoada: Em teu seio é doce a vida Terna mãe, Granja adorada.” Embora muitos não conheçam Lívio Barreto, por se fazer presente no hino ouve-se uma história, uma mensagem que faz a comunidade lembrar e consequentemente atribuir a relevância do poeta e a ligação intrínseca com a cidade.

O hino municipal traz uma visão grandiosa da história local e monumentaliza o discurso da relevância do poeta. A música foi composta pelo seu tio Joaquim Carneiro Magalhães.

HINO DO MUNICIPIO DE GRANJA

Letra: Pe. Osvaldo Carneiro Chaves
Música: Joaquim Carneiro Magalhães

Quando o sol rasga a bruma da alvorada
Descobre entre perfumes e verdores
Um berço de cortina aurinevada
Coberto por dossel de lindas cores:
É Granja que nas margens situada
Do Rio Coreaú, plena de amores
E de encantos diz ser a pátria amada,
Mãe querida que acalma as nossas dores

Granja de Lívio Barreto,
Rica terra abençoada:
Em teu seio é doce a vida,
Terra mãe, Granja adorada.

Teu seio é para nós o de mãe pura,
Alenta-nos na dor e na amargura
E dá-nos o calor de ternos ninhos.
Sentimo-nos felizes, berço amado,
Debaixo deste céu sempre azulado,
Cobertos pelo véu de teus carinhos.
Granjenses, pela glória do Brasil,
Lutar, lutar com fogo juvenil

Granja de Lívio Barreto,
Rica terra abençoada:
Em teu seio é doce a vida,
Terra mãe, Granja adorada.

⁴¹ Osvaldo Carneiro Chaves nasceu em 21.10.1923 em Angelim, distrito de Sambaíba, município de Granja e faleceu em 13 de fevereiro de 2020 aos 96 anos. Estudou no Ginásio Lívio Barreto em Granja, o que reforçou o gosto pela poesia. Ingressou no seminário em 1940 e em 1946 no curso de Filosofia do Seminário Maior de Fortaleza. Lecionou nas disciplinas de português, inglês, francês, música, latim, pedagogia e francês e publicou seu livro *Exíguas* em 1987.

A letra do Hino descreve a cidade como um lugar belo, acolhedor e protetor, mesmo diante dos desafios. Ela expressa a identidade e o orgulho dos habitantes em relação a Lívio Barreto, uma figura de importância significativa na história e memória da cidade.

Outro espaço que homenageia e evoca a memória de Lívio Barreto é a Biblioteca Municipal Lívio Barreto, na Rua Pessoa Anta. A escola em Ibuacú é o lugar onde o escritor nasceu e próximo da antiga casa de Ignácio Xavier e Elisa Barreto, irmã do escritor. O local, que foi armazém e Instituto José Xavier, além de possuir um memorial com um quadro do poeta vendia seu livro e guardava algumas das suas cartas pessoais.

Figura 20 - Quadro exposto em uma das paredes do IJX



Fonte: Fotografia produzida pela autora (2019)

No cômodo que está o quadro do escritor funcionava a biblioteca, além do cantinho da leitura onde as pessoas se reuniam para contar histórias, ler e ouvir palestras.

Uma estratégia para continuar abordando a memória de Lívio foi por meio da publicação de livros. Em 12 de dezembro de 2009, um sábado, foi lançado no IJX o livro como parte da coleção “Cadernos do Instituto José Xavier”, numa tentativa de estimular produções locais. Intitulado “Lívio Barreto o Poeta do Luar e da Paixão”, de autoria de Antônio Evaristo da Paz Sá⁴², era uma homenagem a uma das “referências da poesia cearense”, sendo vendido por vinte reais na Livraria Oboé, em Fortaleza, como também no Instituto José Xavier.

⁴² Poeta Granjense radicado no Rio de Janeiro

Figura 21 - Livro publicado pelo IJX intitulado “Lívio Barreto: O poeta do Luar e da paixão”



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

A obra é composta por 95 páginas, dividida em oito capítulos “Lívio Barreto”, “A Padaria Espiritual”, “O Poeta”, “A Morte do Poeta”, “O simbolismo”, “O Poeta do Luar e da Paixão”, “A Paixão” e “A Morte Prematura dos Padeiros” e traz vários recortes sobre quem foi o escritor, alguns trechos das publicações no jornal O Pão, as homenagens dos padeiros, colegas, amigos, trechos de cartas que apresentava as trocas sociais, a descrição das poesias melancólicas e da alegria que possuía. O autor usa várias fontes como trechos dos jornais, comentários dos amigos e em alguns momentos é difícil identificar a quem pertence.

O IJX, assim como a secretaria de cultura, desenvolveu atos comemorativos ao Lívio Barreto. Em setembro de 2018 realizou uma mesa redonda⁴³ sobre Lívio Barreto enquanto sujeito do fim do século XIX que buscava viver dos escritos, assim como análise de sua obra,

⁴³ Mesa Redonda realizada no Instituto José Xavier em setembro de 2018, com a volta da exposição fotográfica “Lívio” que havia sido realizada em 2017 na Biblioteca Municipal Lívio Barreto. A composição da mesa era de Fábila Magalhães, professora de português, graduada em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2004), Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela UVA (2007), Especialização em Mídias na Educação pela UFC (2013) e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras/CCHL da Universidade Federal do Piauí; por Edinilson Passos, graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú(2012), Especialização em Museografia e Patrimônio Cultural pelo Claretiano Centro Universitário (2018) e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades da Universidade Estadual do Ceará; por Luana Brito, poetisa, professora de artes e literatura, possui graduação em Letras - Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú(2014) e especialização em Especialização em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú(2016).

as características da escrita que na perspectiva dos professores não teve tempo para aprimorar e escolher um estilo, já que escrevia poemas românticos, parnasianos e simbolistas. Por meio dessa escrita melancólica tentava a fuga do real e sua visão de vida.

Figura 22 - Mesa redonda sobre Lívio Barreto e sua obra “Dolentes”



Fonte: Acervo Danilo Dark (2018)

A imagem 21 traz os membros da mesa redonda e também do coordenador do IIX, José Lira Dutra. Reuniu pessoas que se interessavam pela temática e que já participavam das atividades da instituição.

A mesa abordou a família de Lívio Barreto como protagonistas com perspectivas singulares, destacando sua distinção no acesso à educação e o processo de transformação dos agricultores que migraram para o centro da cidade, impulsionados por influências familiares e atividades comerciais. Analisou-se a percepção da comunidade sobre o escritor, suas representações na escrita, as influências das dinâmicas sociais e urbanas, a transcendência de espaço e tempo na narrativa, bem como os insucessos de viver com a arte.

Ressaltaram a Padaria Espiritual, os jornais que participou, características, saudades, desejo de alcançar seus objetivos, discussões que fundamentaram um reconhecimento como um representante de Granja e da necessidade de levar sua história para escolas e espaços sociais.

A relação com a Padaria Espiritual proporcionou seu reconhecimento como granjense de destaque, a imagem da cultura intelectual granjense é associada ao escritor e por conta das iniciativas de grupos que movimentaram a cena cultural.

Em entrevistas com os colaboradores do Instituto José Xavier, abordamos a relação e a busca por preservação da memória de Lívio Barreto. Josenira Costa (2022) salienta que:

Fazíamos exposições. Eu cheguei a fazer duas exposições sobre o Lívio. Quando fazíamos era feito um trabalho de pesquisa mais a fundo, inclusive eu lembrei que achei o livro Padaria Espiritual. Passei por vários títulos sobre o Lívio Barreto [...]nosso trabalho era pesquisar para falar quem era ele e tal, mas assim a pesquisa da gente ficava aí, mas sobre Lívio Barreto tem algumas pessoas aqui no município que são mestres né, a Fábila, o Edinilson, a própria Luana, gosta muito de Lívio Barreto. A Fábila é outro monstro, outro gigante, mas assim como te falei nós, as fadinhas do instituto, nosso trabalho era um pouco desse fio da história quem fez o que quem era fulano, veio antes, veio depois, algumas datas.

A colaboradora destaca não apenas as exposições como também a importância do trabalho de memória é focado na história local com a inclusão de datas e eventos na evolução da cidade. Ao explorar a trajetória do autor interpreta suas obras como um espelho dos pensamentos e desafios enfrentados na juventude, tornando-se um legado significativo para as gerações futuras.

Josenira defende que “A administração, secretaria de educação deveria criar um material educativo de história, para resgatar pessoas como Pessoa Anta, que não é trabalhado ou conhecido. É muito rico você conversar com um aluno, um jovem na cidade que tenha conhecimento da história do seu lugar.” (COSTA, 2022, p. s/n). Josenira mostra o forte vínculo com o IJX, até mesmo quando finda o trabalho no espaço pelo interesse em outras temáticas culturais. Lamenta que muitas personalidades na cidade não sejam devidamente reconhecidas e valorizadas.

Lívio Barreto tornou-se um símbolo na cidade natal, mas durante a vida não teve o reconhecimento que ansiava, estando fadado a continuar em uma carreira que não gostava, o de caixeiro/guarda-livros. Conforme Santos (2012, p.26):

A cidade que tanto guarda orgulho deste filho, é a mesma que o maltratou. Hoje o reconhece como filho ilustre, outrora o deixou anônimo. Mas a musa ri talvez da cidade que se deu ao poeta, para recordar com saudades do tempo em que Lívio, que o viveu, sentia necessidade de desaparecer.

É necessário refletir sobre o sujeito que está presente em vários espaços da cidade e no imaginário social, seja por meio das narrativas produzidas ou nos monumentos, mesmo tendo uma vida efêmera e que ficou conhecido como o maior poeta de sua cidade natal.

Ainda quase um garoto, 25 anos que lhes foram concedidos, tempo insuficiente para aprimorar sua técnica, tornou-se o maior poeta granjense de todos os tempos, e um dos principais do Ceará, ao lado de Pe. Osvaldo Chaves, que certa vez o perifrasedou de “o Casimiro de Abreu de Granja”. Em sua exígua existência, cheia de fadigas e descaminhos quase não saboreou a glória de seus sentidos e delicados versos, apenas

uma fatia do Pão da lavra, que hoje capaz de vingar almas sensíveis que priorizam valores humanos dentro de uma cultura capitalista. (MAGALHÃES; DUTRA, 2013, n.p.)

Os autores reconhecem que embora Lívio Barreto tenha tido uma vida breve, sua presença deixou uma marca profunda. Mesmo sem aprimorar completamente sua técnica na produção escrita, sua obra continua sendo uma fonte inesgotável de inspiração e reflexão. Seu legado ressoa não apenas entre os habitantes de Granja, mas entre todos aqueles que apreciam a sensibilidade e a criatividade.

Segundo Xavier (1974, p. 29) “Mas minha mãe era muito sensível à grandeza da obra literária, e, mais do que isso, fui criado como a Granja inteira, no culto do poeta Lívio Barreto, seu irmão, o qual tinha sido da “Padaria Espiritual”, cenáculo literário e boêmio da Fortaleza, com o nome de Lucas Bizarro.” As influências familiares, culturais e sociais moldaram o desenvolvimento literário do indivíduo, bem como a importância de poetas locais e suas conexões com grupos literários.

Embora a narrativa tecida marca a idealização ao poeta, ressalta-se a “sensibilidade” na leitura e as conexões com a família Xavier, destacando Lívio Barreto como fonte de inspiração dos artistas locais.

“Na Granja todos são poetas! Isto pode parecer influência do poeta Lívio Barreto [...]” (XAVIER FILHO, 2008, p.21). O autor aponta para uma forte presença e valorização da poesia na cultura local como influência de figuras literárias e a valorização da poesia como parte integrante da vida cotidiana. Convida a pensar sobre o impacto dos escritores locais na cultura e na identidade de uma comunidade.

Sobre essa percepção da cidade ser celeiro de poetas, Berenice Xavier, expõe sua crítica:

Acho que é celeiro de poetas, de intelectuais, os poetas principalmente. Veja que eu considero o Lívio Barreto extremamente isolado, como se ele fosse o poeta único exclusivo da Granja e isso não é verdade. Ele não é somente poeta ele é guarda-livros é um negociador, um trabalhador de comércio internacional, que morreu cedo e não tinha como se tratar, ele viajava. A biografia parece tendenciosa fica no poema, no simbolismo e meu pai dizia minha filha leia o livro. Eu dizia a ele que não tinha tempo de ler os poemas, porque aquilo é muito dolente para mim, eu me rebelava, porque eu tinha que estudar português, história, geografia, matemática, porque eu queria fazer um trabalho ativo, com minha função que não era herdeira de fortuna, mas de uma firma falida, assim como fizeram minhas irmãs. As que se entregaram ficaram pior, algumas optaram pelo casamento outras pelo trabalho, principalmente pelo trabalho.

Berenice questiona essa imagem simplificada do artista, sem as múltiplas facetas em favor de um estereótipo e a pressão para ler “Dolentes”, cuja melancolia trazida no texto não era algo que apreciava.

Ainda acrescenta que:

[...] Então essa herança, esse mito do Lívio me incomoda e não foi cultivado na minha casa não. Ele foi um poeta louvado, menino de 24 anos morto, eu tinha até inveja da pessoa que a vida inteira dizia “o Livinho” e ele não amadureceu. A mãe, as irmãs falavam, ele não cresceu e aí quando ele morreu para ter o livro a divulgar se revelou o poeta e para a família ele não era isso, era um batalhador que viajava para Belém, para Manaus, Acre, para fazer negócios, produção e vendas de comércio internacional, e ele tinha lá em Belém, que era o centro comercial na época, o foco era Belém, a estrela norte e nordeste. Ele entrava em contato com os intelectuais portugueses, franceses, com os artistas que já desenvolviam o simbolismo em todas as artes, literatura que era a área dele e ele praticava. Ele já tinha isso e o pessoal fala como se ele tivesse aprendido tudo na Granja, mas não foi. Então é falha. Se tivesse um contraponto, biografia nova, revisão desse livro, teria outras coisas, é que ele deixou muitas coisas, uma quantidade enorme, mas onde está? Não sabemos, porque resolvemos escolher um, aquele oficializado, como se ele fosse o único e definitivo da produção. Ele era altamente trabalhador, muito, na minha percepção da história do lugar, esses fluxos de conhecimento.

A fala destaca a relação do seio familiar com a memória do escritor, mas embora negue que a família contribua nesse culto/ valorização ao poeta, o Instituto José Xavier incentivava e estimulava a preservação da memória.

4.3 Lívio Xavier: escritor, jornalista e tradutor

[...]Lívio Xavier atuou como crítico literário no mais importante caderno de cultura do país, o “Suplemento Cultural” do jornal *O Estado de São Paulo*, desde a sua fundação em 1948 até os anos 70. Foi responsável, também por algumas das primeiras traduções no Brasil de autores fundamentais do pensamento moderno ocidental como Maquiavel Hegel e Trotski. [...] escreveu textos teóricos sobre questões relativas ao marxismo e análises da situação econômica, política e social do Brasil, consideradas pioneiras na época em que foram publicadas. (BARBALHO, 2003, p.11)

Lívio Barreto Xavier, nasceu em Granja, em 1900, o terceiro filho de treze, do casal Elisa Barreto e Ignácio Xavier. Coursou os primeiros estudos em sua cidade natal e ao perceberem que “a Granja se tornara atrasada para o menino prodígio, mandou para um meio mais avançado, Fortaleza, onde Lívio adquiriu mais conhecimentos e urbanidade, preparando o vôo para a glória nos grandes centros Rio e São Paulo” (MAGALHÃES; DUTRA, 2013, s/n). Estudou em Fortaleza, fez Faculdade de Direito na Universidade do Rio de Janeiro, teve destaque nacionalmente por ser importante crítico literário, tradutor de obras relevantes, escritor, advogado, jornalista e atuante nos movimentos do partido comunista.

Vale ressaltar que Lívio Xavier não deixou descendentes e durante a vida construiu um vasto acervo, que foi doado ao CEMAP(UNESP) e chama-se Acervo Lívio Xavier que é composto por uma diversidade de livros, fotografias e documentos que abordam o papel desempenhado na militância política e sua trajetória profissional. Além disso preserva

diversidade de correspondências com familiares, personalidades nacionais e internacionais, artigos e uma infinidade de materiais que estão disponíveis digitalmente no centro de Documentação CEDEM (UNESP), possibilitando o acesso a diversos pesquisadores.

A escolha em abordar Lívio Barreto Xavier está vinculada ao seu reconhecimento em âmbito nacional e ao papel significativo na história do país, embora não haja valorização e reconhecimento em Granja. Nos últimos tempos estudiosos locais têm se dedicado ao estudo dos intelectuais Lívio Barreto e seu sobrinho Lívio Xavier como o trabalho de Edinailson Passos que investiga os letrados de Granja.

Meu tio Lívio dizia morar onde quando se aposentar?! Se não for Paris, só a Granja e ele morou a vida inteira no Rio de Janeiro e em São Paulo, poucas vezes na Granja durante minha existência, além disso, ele trazia amigos intelectuais, gente muito importante da cultura e arte, do modernismo em São Paulo, intelectuais de grande peso. Tem fotos em casa. Inclusive eu apareço em algumas em que ele está com esses amigos. Ele era essa pessoa e na Granja muitas vezes ele causava certo escândalo. Ele teve uma congestão, problema que com 18 anos teve que aprender a fazer tudo de novo, porque esqueceu. Meu pai foi para o Rio de Janeiro cuidar dele e meu avô sabendo que estava falindo queria mandar meu tio Lívio para Paris e ele disse que não ia assim. Como o meu pai tinha alguns tios em Ouro Preto, todos os homens estudavam e as mulheres ainda estavam em casa. Quando a falência bateu e o tio Lívio dizia assim, depois de tomar o café se arrumar ia para a rua, com a roupa de baixo calça paulista de frio, uma camiseta, por cima uma bota e chambre, modo paulista. Eu já era aluna do Colégio São José de Granja e fiz os primeiros anos do ginásio e quando saí encontrei ele, pela calçada dos armazéns, com uma bengala, andando todo no estilo e comecei a rir e ele me reprimiu, não seja ignorante igual o povo da Granja, por ter rido do jeito que ele estava vestido, você sabe que moro em São Paulo e não estou tendo roupa e que ando, estou bem vestido, não para a rua e aí foi até o colégio. Fiquei tão feliz dele ter me dado a mão, ele mandava mostrar, não é vergonha saber, pelo contrário enfrenta e não precisa brigar, ele era essa pessoa, me recomendava, “a você não quer casar”, fui morar em São Paulo, no Rio. (XAVIER, 2022, s/n)

Embora morando a maior parte de sua vida no sudeste ressalta as visitas à Granja na companhia de intelectuais relevantes na cultura e arte de São Paulo, mostrando a conexão com círculos literários e artísticos. Seu estilo de vida cosmopolita provocava estranhamentos e olhares diferentes dos granjenses. Sua trajetória intelectual mostra o movimento constante entre diferentes lugares e a busca por oportunidades, o incentivo à independência e ao crescimento pessoal que serviram para as escolhas de vida da Berenice Xavier frente “O povo da Granja” ignorante em distinção da família.

No livro “Passagem pela Granja” José Xavier descreve o pouco contato com o “Tio Lívio”, “tive maior contato com ele depois, quando morei em São Paulo e, bem mais tarde e com José, a quem ele apreciava” (XAVIER FILHO, 2006, p.53). Apesar de exporem o pouco contato em Granja com o tio, se orgulham de quem ele foi, e o peso / representação que carregava, pontuando o quão merecia ser reconhecido na terra natal.

“A fome de leitura, o fato de ser visivelmente muito inteligente e ter a cabeça avantajada, o levaram a ser conhecido como o “pequeno Rui” (XAVIER FILHO, 2008, p.216). Visão de que o tio não foge à regra e destaca essa família como intelectuais da cidade ao longo de diferentes gerações. O prazer e o estímulo pela leitura provocam comparações positivas por parte de outras pessoas.

José Xavier Filho desejou organizar lembranças e fatos da sua trajetória. Mas antes dele o Lívio Xavier produziu a obra *Infância na Granja* de 1974, apresentando uma autobiografia com um formato de entrevista, entre Francisco Luiz de Almeida Salles e Lívio Xavier, embora esse expresse a tentativa de “[...] evitarmos o caracter de autobiografia. Sei que é difícil fazê-lo [...] O demônio da vaidade sempre tem ocasião de mostrar o rabo. Mesmo vestindo de anjo um menino da classe abastada, nascido numa velha cidade do interior do Ceará no primeiro ano deste século” (XAVIER, 1974, p. 13)

Essa visão da cidade sobre a família Xavier como sujeitos letrados, em suas sociabilidades, com papel de destaque nas atividades de leitura e no comércio, embora neste século atendendo a outras interações e novas gerações, foi progressivamente modificada. Mesmo assim é perceptível que os Xavier mantêm esse destaque na cultura local.

“É intrigante saber que Lívio Xavier é nome de rua em São Paulo e que em sua cidade natal ainda não tenha recebido este tipo de homenagem, pois, embora ele não tenha servido diretamente ao seu município, fez mais serviu ao país.” (MAGALHÃES; DUTRA, 2013, s/n) Essa passagem do jornal “Lira Granjense” expõe bastante sobre a “negação” por parte das “autoridades” em realizar homenagens às personalidades que tiveram destaque.

As narrativas e discursos dos Xavier sobre a cidade tem essa intenção de perpetuação, principalmente em autobiografias, da necessidade de relatar o passado, as experiências no avançar da idade. Conforme Bobbio (1997, p. 30) “O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos.”

Essa necessidade de lembrar, se dá principalmente pelo futuro incerto, após uma longa trajetória percorrida e o desejo de deixar para a posteridade as experiências de vida. Desse modo as autobiografias permitem a presença do que é ausente, narrativas sobre um passado para que o futuro tenha acesso ao que foi vivido/narrado.

Nessa busca por mostrar parentesco, destaca-se que “Alguns dos nomes dos filhos⁴⁴ do casal Ignácio e Elisa foram repetidos na geração seguinte, principalmente na família de José. Pode-se imaginar que a escolha desses nomes tenha sido fundamentada na tentativa de manter certo elitismo.” (XAVIER FILHO, 2008, p.158) Esse elitismo se apresenta com vários nomes iguais, o que torna um pouco difícil o processo de pesquisa, mas permite perceber como eram essas dinâmicas familiares e sociais.

Nesses discursos os granjenses eram “ignorantes” frente à família com gosto de leitura. A cidade pacata é evocada como lugar de boas lembranças e de poucas oportunidades, principalmente em relação à educação. Na contemporaneidade novas oportunidades surgiram, entretanto o acesso ao ensino superior de qualidade e gratuito ainda estão nas cidades vizinhas de Camocim, Sobral ou Fortaleza. Muitos dos granjenses saem desse espaço que “amam e odeiam” em busca de novas oportunidades, como é o caso de Lívio Xavier:

Em sua atuação jornalística, basicamente, crítica musical, teatral e literária, ele produziu um grande número de artigos publicados no Diário da Noite e no Estado de São Paulo. Quando esses artigos começaram a chegar à Granja, nos jornais ainda assinados por seu pai, José passou a recortá-los e colecioná-los em um volume ao qual Emanuel deu o nome de “Breviário Bajulatório”. Como o nome indica a coleção foi tomada como uma bajulação, mas logo se viu que o tal breviário despertava um grande interesse entre amigos na cidade uma vez que corria de mão em mão. Fez tanto sucesso que, pertencendo a José ficou, finalmente, depois de muitas passagens, no acervo do seu autor, o que é plenamente justificado. (XAVIER FILHO, 2008, p.229)

Para evidenciar a notoriedade de seu tio, destaca o “grande número” de publicações em jornais e a relevância do papel desempenhado por esse intelectual. Menciona o gesto do pai José Xavier de colecionar esses jornais e as críticas por parte do irmão Emanuel e com as coleções acabaram se mostrando úteis e atraindo a atenção de outros granjenses, evidenciando o interesse da família em preservar a memória dos seus entes queridos através da organização e armazenamento de acervos.

Os Xavier acumularam/ acumulam registros visando as próximas gerações através dos livros e materiais, porque em algum momento não estarão presentes e querem ser lembrados. Em meio a esses discursos busca-se enxergar as necessidades e interesses para

⁴⁴ O casal teve 13 filhos Suzette (1897-1968) foi secretária da prefeitura e seu esposo Francisco Fragoso foi comerciante e prefeito em 1934; Berenice (1899-1986) foi funcionária de uma agência de notícias e da livraria José Olympio, onde traduziu diversas obras; Lívio (1900-1988) jornalista, tradutor, autor; Maria Eliza (1901-1970), José (1903-1982) pai do autor dos livros, comerciante e que ficou responsável pelos cuidados dos negócios de Ignácio Xavier; Lúbia (1904-1988) foi professora em Granja e em Fortaleza; Mário (1906-1969) trabalhou no comércio e no Banco do Brasil e tem alguns poemas no arquivo do CEDEM; Hilda (1907-1999) era esposa de Guilherme Teles Gouveia; Maria Amélia (1908-1999) trabalhou na loja da família; Olga (1910-1997) foi funcionária do sistema de previdência social; Laiz (1912-1994); Emanuel (1916) foi professor e escrivão, Inácio (1921-1999) escreveu poesia e lia grego e latim influenciado pelo irmão Lívio Xavier, alguns desses escritos estão na coleção do Instituto José Xavier.

compreender como se deu essas construções sobre Granja. Como o que Pierre Nora considerou “homens-memória”, o que possibilita pensar sobre a memória individual em relação à memória coletiva e esse desejo dos sujeitos em rememorar sobre suas trajetórias e a relação com sua cidade de origem.

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória (NORA, 1993, p. 18).

A vontade de mostrar a intelectualidade e suas vivências como verdadeiras e dignas de serem lembradas. “Pode-se especular que os nomes dos filhos do casal tenham sido atribuídos por consequência do fascínio pelos usos e costumes considerados diferentes, cultos, intelectuais, sofisticados, talvez um pouco de ranço elitista que todos diziam tinham o casal, principalmente Dona Elisa.” (XAVIER FILHO, 2008, p.159)

Um texto pode ser escrito ou falado de diferentes maneiras e é influenciado por variados fatores. A maneira como é redigido ou pronunciado está intrinsecamente ligada à intenção do autor, ao contexto histórico, às interações dos leitores, aos conhecimentos disponíveis naquele momento e leva em consideração uma série de elementos, principalmente as intencionalidades subjacentes. Quando se trata da escrita de si, reflete perspectivas individuais, proporciona um olhar interior para que outros possam obter a mesma percepção a respeito dela.

A família Xavier foi/ é culturalmente privilegiada e criaram diferentes redes de sociabilidades com sujeitos de destaque. Produziram autobiografias com a missão de refletirem sobre o seu “eu” e para permanecerem em referência. Para Pesavento (2012, p.78)

A anamnese é a memória voluntária, na qual existe um empenho de recuperar, pelo espírito, alguma coisa que tenha ocorrido no passado. O final desse processo de rememoração seria dado pelo reconhecimento, por aquele que rememora, da certeza do acontecido: foi ele, foi lá, foi então, foi assim. O reconhecimento se opera por um ato de confiança, que confere veracidade à rememoração.

O reconhecimento da coletividade se concretiza quando é monumentalizado o autor e a obra, o trabalho, os esforços e a trajetória em alguma homenagem. Quando os autobiógrafos escrevem de uma forma “sedutora”, envolvente e esteticamente atraente, buscam transmitir veracidade aos fatos e narrativas, permitindo que os leitores se sintam parte dessa memória.

Ainda hoje Maria Elisa e Luiz continuam na Granja preservando o patrimônio material que chegou até eles vindo de Antonio Frederico de Carvalho Motta, Ignácio Xavier e José Xavier. O patrimônio intelectual está embutido em todos os “filhos do padre Lelou”, nos “Águias do Trapiá”, no “povo da Malhadinha”, sendo também resultante de diversas outras influências (Frota, Carneiros, Menescal, Gouveia,

Oliveira, Fragoso, Vieira) que os descendentes procuram preservar. (XAVIER FILHO, 2008, p.232)

O patrimônio que o autor se refere é a casa que pertencia a irmã Maria Elisa (Lelisa) e ao cunhado Luiz Oliveira, além de tentar mostrar que a intelectualidade dos familiares não são provenientes apenas dos Xavier e Barreto, reforçando que os descendentes procuram preservar os patrimônios intelectual e cultural. Vale salientar que atualmente a casa e o prédio que funcionava o Instituto pertencem aos filhos do casal e logo responsáveis pelo acervo da Instituição e a destinação que esses materiais terão.

O fundador do Instituto José Xavier nos livros de memória aborda sobre sua família, trajetória acadêmica e as lembranças de sua cidade natal. Assim como seu tio Lívio Xavier, que relatou as lembranças da infância na Granja, atentou-se às estratégias utilizadas nos discursos para a construção de memórias da cidade e do grupo.

Entre lembranças e esquecimentos a memória se faz presente, como um jogo onde lembranças são elaboradas a partir de experiências passadas. Entretanto, quando os sujeitos lembram há recortes das emoções, expectativas, crenças e contexto social. As memórias evocadas são fluídas e passíveis de modificações ao mesmo tempo que o esquecimento desempenha papel relevante na produção de autobiografias, visto que não é possível resgatar ou registrar tudo. Algumas vivências são menos significativas, como é possível verificar nas narrativas e discursos da família Xavier, que ao tentar falar sobre a cidade, mencionam as lembranças do seu passado promissor.

Desse modo é crucial observar que ao registrar as memórias e tentar caracterizar a cidade a partir de suas perspectivas, representam a visão de um grupo. Além disso, é possível que algumas partes das lembranças tenham sido esquecidas ou distorcidas ao longo do tempo. Por isso, é importante avaliar essas obras com um olhar crítico, levando em consideração os fatores que influenciam a construção da memória.

4.4 “Dona Nezinha”: comemoração e rememoração

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi” e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 2003, p.52).

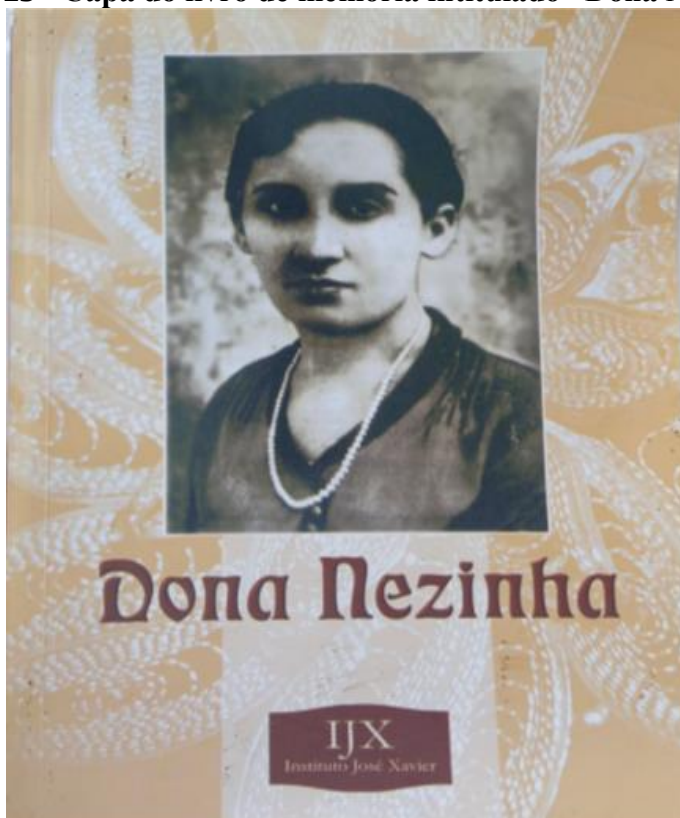
Assim como o narrador atribui um novo significado aos eventos do passado ao reinterpretá-los, os ouvintes também têm a oportunidade de acordo com suas próprias motivações e perspectivas.

Para finalizar esse capítulo o foco será o livro que trata da mãe do fundador do Instituto, e a estratégia de evocar memórias pessoais e o passado da cidade numa escrita para “lembrar” essa figura em comemoração de seu centenário.

Em busca de comemorar e rememorar a trajetória de Edna Menescal Xavier foi publicado o segundo livro de memória do Instituto com vários autores lançado em 18/12/2007 no centenário do nascimento da esposa do patrono do IJX, José Barreto Xavier.

O livro foi distribuído gratuitamente para os sócios da Instituição e para um número limitado de conhecidos e amigos da homenageada conforme destacado no site do IJX.

Figura 23 - Capa do livro de memória intitulado “Dona Nezinha”



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Os relatos de familiares, trabalhadores e amigos reforçam a representação de senhora da família granjense. “Com o propósito de dar às novas gerações de granjense uma visão de quem foi essa mulher na Granja de seu tempo, o IJX convidou, entre dez/05 e set/07, aos que tiveram oportunidade de conhecê-la, a colaborar no esforço de delinear o perfil da

Patrona do Programa de Estímulo à Geração de Renda do Instituto” (BERENICE XAVIER, 2007, p.04)

O trecho da apresentação do livro foi realizado por uma de suas filhas, a Berenice Xavier, que destacava o prazer por introduzir ao leitor sobre dona Nezinha (Edna Menescal Xavier), que deixou uma impressão significativa naqueles que a conheceram, pelo reconhecimento e valorização das contribuições e influências na comunidade. Uma visão da homenageada com base no valor do trabalho como fundamental para o desenvolvimento pessoal e o bem-estar da comunidade.

Alguns relatos são escritos à mão outros digitados e no final do livro algumas cartas de Nezinha aos filhos, demonstrando a saudade, as notícias detalhadas, as compras na capital, as dinâmicas sociais da época e as relações com a família e amigos que residiam em outros espaços.

Rememorar centenários e as comemorações colocam no centro determinados indivíduos atendendo a um “dever de memória” e buscando manter no presente o passado. Como frisa Huyssen (2000, p.09) “fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais”. Existem interesses sobre o passado para atender demandas do presente.

E nessa busca por criar um perfil da mãe do fundador do Instituto, as homenagens destacam:

Dona Nezinha, senhora gentil de bons princípios e de uma grande nobreza. Sua vida foi de desprendimento. Era uma senhora popular, embora pertencente a uma classe social elevada. Amiga de todos, frequentadora de minha residência, digo, da residência de meus pais, onde mantínhamos um ciclo de amizade saudável. Querida era por todos no seio da minha família. (CONSTA COELHO, 2007, p.06)

Em todo o livro é construída a imagem de humilde, positiva e de boas relações sociais. O compromisso, dedicação, o papel atuante e o envolvimento com temáticas sociais são recorrentes na maioria dos relatos, como alguém que inspira e transmite esperança, caridade e fé. Assim como nos livros de memórias do José Xavier Filho é evocada a religiosidade e devoção por Nossa Senhora do Livramento. Eugênio Pereira ainda acrescenta que:

No seu relacionamento familiar, o que tenho a dizer é que ela sempre conduziu seus filhos para o caminho do bem, resultando em ótimos frutos a semente que plantou no meio da sua prole. No relacionamento com o esposo foi outro exemplo a seguir, pois cumpriu com orgulho o seu dever de companheira até o fim de seus dias, sendo além de esposa, conselheira nos negócios da família. (SILVA, 2007, p.08)

A mãe que desempenhou um ótimo papel ao conduzir os filhos por bons caminhos, mostra a importância do relacionamento familiar, de uma esposa comprometida e dedicada à frente dos negócios da família e a participação ativa nas decisões. Como livro organizado pelos Xavier não se apresentam críticas.

No livro “Ignácio Xavier & Cia” o autor ao tratar sobre a mãe procura manter um afastamento:

Nezinha dirigia a Casa como, no dizer dela, essa fosse “uma nau”. Este era seu modo de dizer que a Casa era muito grande e sua administração complexa. Principalmente agora que o dinheiro faltava para tudo, uma vez que José ajudava a manter aqueles irmãos e irmãs que ainda necessitavam. Ela era muito segura no trato das coisas de casa, pois sabia por experiência própria o que fosse necessidade. (XAVIER FILHO, 2008, p.249)

Nezinha é apresentada como alguém que conseguia lidar com as necessidades, eficiente na administração da casa e dos recursos, ao contrário de José que “era um mão aberta” e continuava ajudando os irmãos que necessitavam. Portanto a imagem da Edna Menescal é produzida com base na organização e dedicação à família. José Xavier Filho tenta mostrar um distanciamento, como se não tivesse presente na narrativa, ao contrário do livro dedicado a Nezinha que demonstram a proximidade com a homenageada.

Prosseguindo com os relatos do livro um dos familiares destaca que:

Representava para mim uma mulher forte de corpo e espírito. No grande casarão dos Xavier ou no Armazém, era a voz de comando, sempre dirigindo aos demais. Aprendi a ver como ela era uma esposa amorosa e cuidadosa, como foi forte nos seus momentos de dor, por mim presenciados: a partida súbita de Maria Olímpia, a doença e morte de tia Edite e o final tão rápido de Tio José. Aprendi a ver que minha madrinha não se dobrava aos golpes da vida, porque tinha uma Fé inabalável em seu Criador. (GOUVEIA, 2007, p.09)

As filhas Edna e Maria Elisa foram as responsáveis por coletarem os depoimentos e mensagens que compõem o livro, visando as próximas gerações uma compreensão mais aprofundada de quem foi Nezinha, reforçando a importância de compartilhar memórias e experiências para preservar o legado e transmitir seu exemplo.

A imagem de caridosa, humilde e popular é reforçada em muitos relatos. Em um deles destaca-se o acolhimento da criança após perder a mãe biológica e passa a morar com dona Nezinha.

Chamo-me Inocência, cheguei em Granja no dia 13 de Junho de 1958, com apenas 4 anos de idade e tinha acabado de perder minha mãe biológica; Deus como pai bondoso que é, colocou-me nos braços de um senhora chamada Edna, na qual todos a chamavam carinhosamente de Nezinha. Mulher de muita fibra, católica praticante,

criou-me como filha e eu a chamava de mamãe. Educou-me, ensinou-me as primeiras rezas, era devota de nossa senhora e de São José. (INOCÊNCIA, 2006, p.15)

O poema de uma ex-funcionária, Joana Ferreira do Nascimento Lima, que foi moradora de uma fazenda em Oiticica da Missão, que pertencia a família Xavier/Oliveira, narra a relação com a ex-patroa:

Detalhe da Lembrança

É com imenso prazer
Que comunico a você
As bravuras de Nezinha
Que outrora era patroa minha

Pessoa de talento e fraterna
Tuas lembranças são eternas
Dos tempos de bons projetos
Por suas mãos concretos

Ajudava as necessidades
Com recursos arrecadados
Nas festas que tinha prazer em dar
E mais ainda de dar
A Fazenda frequentava
E dias até passava
Para requeijão e doce de leite fazer
Que até hoje gosto dizer

É maravilhoso lembrar
O banho que gostávamos de tomar
Conversando conosco
Em fim no riacho Itacolomim

Nezinha mulher simples e atenciosa
Com seus funcionários era piedosa
Doava cestas básicas no natal
Tornando nossa festa mais especial.

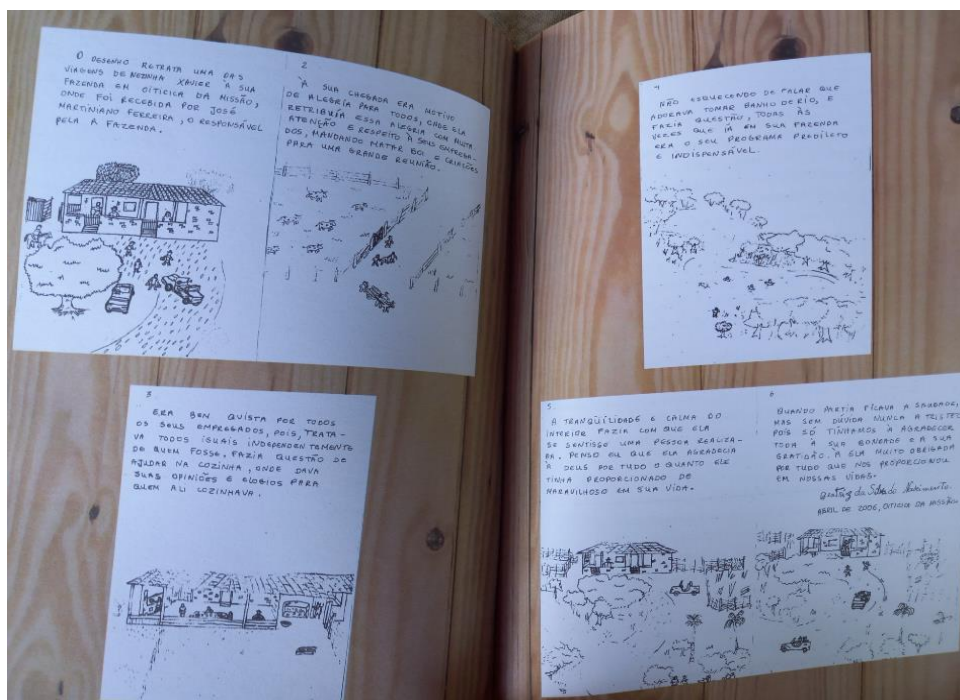
Em nome dos prezados companheiros
Amigos, doméstica e vaqueiros
Agradeço sua honrosa bondade
No céu, você será celebridade!
(LIMA, 2006, p.20)

Esse poema foi produzido com a ajuda da neta de Joana, Gláucia Oliveira. Mencionou que quando convidaram para falar sobre a relação com dona Nezinha auxiliou a avó transformando as palavras em poema. Além disso o neto de Joana Ferreira fez a ilustração do relato de outra moradora, já que a fazenda possuía duas casas. Entretanto no livro não revela o nome da pessoa que ilustrou.

Esses relatos tiveram funções essenciais naquele momento de publicação. Por ser um espaço de rememorar a figura de Nezinha, colocava sentidos na sua trajetória e nas relações

com as pessoas comuns, os funcionários, os familiares e amigos, como a coletividade evocava sua memória, refletindo o lugar que ocupava e a notoriedade. Era lembrada com gratidão e as conexões que possuía com quem estava ao redor. Embora não exponha a complexidade das relações e detalhes da trajetória, justificam a necessidade de comemorar e lembrar para mostrar o legado.

Figura 24 - Depoimento de uma das moradoras de Oiticica da Missão



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

A imagem 23 é dos depoimentos realizados por Beatriz Nascimento e aborda a imagem da patroa e sua boa relação com os trabalhadores e os encontros na fazenda. Esse desenho foi feito pelo Francisco Lima, neto de Joana. Entretanto não é mencionado na obra. Vale salientar que Oiticica da Missão pertencia a Edna e José Xavier e consequentemente ficou para sua filha Maria Elisa e o esposo Luiz Oliveira.

As memórias destacam as ações benéficas e as boas relações da família Xavier em suas diferentes gerações. Essa representação está presente em diferentes relatos, sendo o Instituto José Xavier um espaço primordial dessas memória que, de certa forma influenciou a história local, visto que durante os anos de funcionamentos diferentes estudantes realizaram pesquisas no espaço.

Embora partisse do pressuposto de compartilhar narrativas criadas para os Xavier e suas diferentes gerações, visava aproximar outros leitores que se interessavam por memórias/biografias. Josenira Costa (2021) destaca:

Bom, o papel da família Xavier na cidade. Assim, considero a história da família Xavier comparada aos soldados, tem sempre o superior, a hierarquia sempre manda né, e aí quando se realiza um trabalho hierarquicamente quem leva a fama é quem tá lá em cima. Mas tem muito do... quando digo isso, comparando ao trabalho do soldado é quem que faz, quem realiza é o operário quem realiza de fato. O pouco que sei, que não aprendi tudo, não lembro de tudo, nem conheci tudo a respeito da história da família e de seus feitos, mas aquilo que lhe falei e do pouco que cheguei a conhecer é de extrema importância. As mulheres da família e tudo que elas representaram. Por exemplo a Berenice, era uma mulher à frente do seu tempo, ela foi funcionária de banco e naquela época uma mulher trabalhando numa instituição financeira, então era a tia dos olhos. Beatriz é que dizia isso, a tia dos olhos, a história da Berenice, porque ela era toda a frente, a forma que ela se vestia. Ela é uma mulher culta, muito inteligente, estudava, era o exemplo para a geração que estava chegando. Então a contribuição que a família deu para a comunidade como um todo foi muito grande, não visada, não conhecida, o próprio armazém da família, o armazém do seu José Xavier, era um dos maiores da região se você for falar dessa área do comércio.

O trabalho realizado não foi construído só pelos Xavier, mas resultado do esforço conjunto dos voluntários que dedicavam seu tempo diariamente. A importância dos Xavier não foi só nas atividades comerciais, mas também na parte cultural. Para Ângela de Castro Gomes, o intelectual não alcança reconhecimento de forma isolada no âmbito cultural, pois depende de uma extensa teia de relacionamentos que o integra ao contexto: “Não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural.” (GOMES, 2004, p. 51).

Uma narrativa com ausência de conflitos e contradições em torno da formação familiar e a memória de Granja sobre economia, religiosidade e relações que foram criadas.

Nos livros de memória, a abordagem central é a família Xavier, mas também inclui os Barretos, os Oliveira, e os Gouveias, devido às suas conexões por meio de casamentos. Dessa forma o memorialista evoca as trajetórias e pertencimentos presentes nas atividades do Instituto, nas palestras, na memória construída na Instituição enquanto museu e biblioteca.

O discurso de José Xavier e das memórias nos livros buscam legitimação das famílias, e no caso de Xavier Filho ser porta voz para que a visão permanecesse e se ampliasse para além do âmbito familiar:

Família “Nobre, Famosa e Pobre”. As características de sua nobreza e de sua cultura, fáceis de observar- longe eu de nomeá-las-, a partir de fora, sempre foram motivo de especulação, admiração, elogios, críticas, chistes, e o que mais se queira. Era tacitamente aceito que essas características, supostamente dominantes na família,

originavam-se de um patrimônio genético carreado por um bom número de gerações. Pode até ser que exista uma contribuição familiar, mas não se tem meios para afirmar isso. De resto, este é um problema científico extremamente complicado de se abordar. (XAVIER FILHO, 2008, p.322)

A reputação da família chamava a atenção das pessoas ao redor que os veem como nobres, famosos e pobres. Interpretações e suposições nos discursos sobre a fama, reputação e as características, alertam para a complexidade de abordar esses sujeitos.

As relações familiares entre diferentes gerações são socialmente determinadas e variam de acordo com o espaço e época. Muitas utilizam-se de estratégias para garantir a continuidade da reprodução da sua memória. Para Bourdieu (1987, p.4 *apud* SILVA, 1995, p.25):

O mundo social pode ser concebido como um espaço multi-dimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos.

A busca por transmitir o passado das família está envolvida em um jogo de poder. Nesse “capital cultural” ou no “capital simbólico”, os grupos são conhecidos e reconhecidos no prestígio que se condensa nas representações sociais. Portanto, quando o conjunto desses sujeitos possuem influências utilizam-se de estratégias para darem continuidade a imagem sobre si, pois possuem o poder de impor esse reconhecimento.

“A partir da constatação de que “nobreza” e “cultura” não garantem resultados práticos imediatos sem que haja atividades desvinculadas das raízes fixadas na pura prática intelectual, não há passaporte para uma vida de sucesso.” (XAVIER FILHO, 2008, p.322-323). Para o autor, essa característica de nobreza e cultura não lhes garantiam resultados imediatos, visto que apesar de ser culturalmente instruído não garantia o sucesso na vida. Possuíam um status social privilegiado e precisavam ir além disso, se envolver em atividades práticas que ajudassem a obter sucesso.

A inabilidade que filhos e netos de Ignácio Xavier tiveram e têm para enfrentar problemas de frente, de cara e, ao contrário, serem retraídos, encabulados, depressivos, e de esconderem-se, desaparecerem pelos cantos, e toda uma gama de expressões que denotam uma timidez exacerbada, contrastam com a idéia que

transmitem de serem os senhores de si mesmos, sem jamais a verbalizarem. (XAVIER FILHO, 2008, p.323)

Esse discurso traz uma reflexão complexa sobre as pessoas e as distinções entre a imagem externa que projetam e sua realidade interna. Também suscita questionamentos sobre as influências familiares, a herança genética e a dinâmica familiar. Além disso faz refletir sobre a imagem construída ao longo do tempo, o poder que detinham na intelectualidade como detentores de uma cultura letrada e escrita. Conforme, Alan Bowman e Greg Wolf,

A cultura escrita não é um fenômeno isolado, mas um conjunto muito variável de habilidades na manipulação de textos [...]. Além disso, a cultura escrita não funciona como uma força autônoma no contexto da história, seja em termos de mudança, progresso e emancipação ou repressão. (BOWMAN; WOOLF, 1998, p. 6)

Ao ser construída a imagem de referência intelectual, os discursos reafirmam e apoiam os ideais que carregam sentidos e poder, pois quem acessa pode ser influenciado pelas ideias.

Berenice Xavier foi questionada sobre os projetos em que se envolveu na Instituição, (2022, s/n):

Na minha casa todo mundo sempre deu algum esforço da sua formação para os amigos da Granja. Vou falar da minha mãe, do meu pai. Eles deram contribuições. Meu pai era professor no colégio da Granja, que tinha um colégio e não tinha professor. Enfim aquela gente, tipo de cidadão que partilha os seus ganhos de capital com a cultura, com o seu povo na cidade, o colégio, nas escolas e os irmãos do meu pai também, meu avô e era uma coisa que isso aí a gente tem um certo orgulho. O lema da Granja, uma influência cultural, como nós dessa família do Ignácio Xavier eram muito mais cultos do que a média da cidade, porque eles tinham um interesse muito grande, tanto os Barretos quanto os Xavier. Vamos supor que pese um pouco os Barretos, de gerações bem mais antigas que a nossa, mas eles tem orgulho de ter aquela mulher fazendo as ordens da casa, do trabalho dele, ele não era tão culto quanto ela, mas ele era culto, ele lia bastante, escrevia cartas em inglês e francês, fazia isso na família. Naquela época tinha os visitantes de fazenda que ficavam um, dois, três meses, ensinando as crianças a lerem, alfabetizando, isso das matérias atrasadas. Quando acabou com o aterramento do comércio, da exportação, depois da guerra, então todo mundo colaborou. Minha mãe sempre trabalhou e sempre ajudou na comunidade. E numa comunidade mobilizada, por certas paixões, muito bem, eu sou a mais novas de oito filhos da minha mãe.

Berenice Xavier ao abordar a relação com os projetos da instituição aprofunda-se nas relações familiares, na decadência das atividades comerciais, nos desafios que passaram, na imagem do esforço de pessoas trabalhadoras que buscavam se envolver na comunidade. Uma narrativa que coloca no centro as contribuições dos pais para a educação local, que partilha de conhecimento e impactava aquele meio numa construção de identidade cultural.

Parentes e familiares e suas tendências políticas e culturais que diferentes gerações dos Xavier, Oliveira, Barreto, Gouveia ocupavam.

O Luiz chegou a ser prefeito da cidade, por indicação e insistência dos parentes dele, não sei se os pais Xavier, mas os Xavier se meteram não, mas assim, Arruda e Oliveira eram famílias políticas ao contrário da nossa. Tinha também os Gouveia. São políticos tradicionalmente até hoje, mais do que outras que não são tão aparentes, mas tem uma tendência política. Mas a família Xavier era a menos indicada para atividades e funções políticas, mas assim de função cultural sempre fizeram. A Maria Elisa foi secretária da educação, foi diretora de banco, pedagoga de alta competência, fez mestrado em pedagogia e nem se pensava fazer isso e ela foi brilhantemente. De generosidade grande e fazia sempre junto aos companheiros e companheiras da escola ou da cidade, eu nem me lembro direito quem eram, mas são pessoas que agora, poucas pessoas dessa geração estão ainda viva, mas algumas tiveram atividade inteira, famílias Dias, Vieira, eram tantas e eu posso dizer que a maioria da família se envolvia com a escola e a igreja. E eu já morando em Fortaleza vinha a Granja, bem depois propunha a minha irmã e meu cunhado que eles fizessem, ou melhor abrissem a casa para eu receber pessoas e que eu pudesse mostrar meu trabalho de atriz. (XAVIER, 2022, s/n)

Essa busca de perpetuar e compartilhar com diferentes gerações um legado por meio de diferentes capitais, oferece a oportunidade de acessar e compreender a trajetória desses indivíduos através do estudo da transmissão. Conforme Mauger (2014, p.103):

O estudo da transmissão do capital econômico, do capital cultural, do capital social e do capital simbólico (ligado ao sobrenome), ou seja, da posição social, passa pelo estudo das estratégias familiares de reprodução. Ele possibilita compreender que as relações entre as gerações de famílias não são conflituosas por natureza, nem eterna, nem universalmente, mas, socialmente determinadas, variáveis de um polo a outro do espaço social e de uma época a outra.

Esses capitais estão envolvidos nas estratégias e na busca por perpetuar imagem ou legado. As narrativas muitas vezes sem conflitos diferem dos discursos trazidos pelos envolvidos com as atividades da Instituição. Embora tragam influências para a história da cidade e o envolvimento com comércio e as práticas letradas, esse “poder” vai sendo perdido com o tempo. A geração do estudo se esforçou para perpetuar o legado, entretanto, percebia que não havia alcançado da forma como planejaram ou imaginaram. Porém, a partir desses empreendimentos e dos projetos construídos alguns estudantes realizaram pesquisas no local e desenvolveram seus estudos.

O Instituto José Xavier criou diferentes estratégias para cumprir o papel que se propôs. Obteve sucesso em alguns momentos, outros nem tanto. Passou por desafios e trouxe lições e impactos para quem conheceu de perto, vivenciou, visitou ou fez dessa Instituição o local de pesquisas.

Como estratégia para a transmissão de sua memória houve a publicação de livros e palestras sobre os centenários de membros da família, a relação com o poeta Lívio Barreto, a construção da genealogia, as exposições e o clube de leitura, conforme destaca um dos entrevistados:

Foi principalmente plantar a autoestima em algumas pessoas na Granja. Isso pode e dá para fazer, é possível fazer as coisas com certa autonomia. Esses exemplos mais próximos que eu citei é um lugar de acolher e realizar, na parte de ações e trabalho cultural, na parte de edição e publicação de livros importante, mostrando que é possível os granjenses escreverem e publicarem histórias, fazer pesquisas da cidade. (DUTRA, 2021, s/n)

A publicação de livros era uma estratégia de estimular os granjenses a enxergarem o potencial das possibilidades de escrever, mas também uma forma de passar a mensagem do fundador da cidade como berço de intelectuais e a necessidade de continuar esse legado para não perde-lo ao longo do tempo. Também é relevante destacar a Instituição como um local de pesquisa que vai além do projeto institucional de preservar a memória dos seus membros. Ela abriu espaço para os pesquisadores, disponibilizando cartas, arquivos do antigo armazém, livros de contabilidade, museu, entre outros.

Diante da necessidade de recordar é necessário o afeto do grupo, os sentimentos de pertencimento, para não se perder o que considera-se relevante para a comunidade, pois essa representação do passado precisa ser presente no grupo. Conforme Halbwachs (1990, p.34)

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.

Portanto, para continuar com essa preservação e valorização das memórias, seja pelos projetos criados ou incentivos proporcionados, serão as lembranças mais importantes e comuns aos grupos que irão se perpetuar. O Instituto José Xavier de 2004 a 2019 construiu muitas memórias, não só da família, mas de quem passou pelo espaço. É possível verificar que atingiu alguns dos objetivos propostos, apesar dos discursos lamentarem não terem obtido o sucesso da forma que imaginavam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o papel do Instituto José Xavier e seus impactos até o fim de suas atividades. A princípio era voltado para o poeta Lívio Barreto e o imaginário criado em seu entorno dando continuidade nas pesquisas realizadas durante a graduação. Entretanto, durante leituras e reuniões com o orientador viu-se a necessidade de modificar o foco e voltar o olhar para a Instituição que teve importante atuação para a História de Granja.

Durante a graduação haviam possibilidades para a evolução da pesquisa, como a construção de Granja enquanto cidade de cultura letrada a partir das construções sobre o escritor Lívio Barreto, como também o Instituto José Xavier como lugar que possuía um grande acervo de livros, móveis, louças, máquinas de escrever, arquivo pertencente à família Xavier. Desse modo o estudo nasceu e se desenvolveu relacionando a Instituição ao Lívio e as diferentes gerações dos Xavier.

Refletir sobre a fundação e as estratégias criadas para manter o espaço e divulgar suas atividades foi algo gratificante, embora também desafiador, pois analisar livros memorialísticos e realizar entrevistas com número pequeno de sujeitos para entender os significados das narrativas, foi um processo longo diante da exaltação de uma intelectualidade e poderes alcançados. Por outro a tentativa de mostrar que não enfrentaram crises e não detinham tal poder financeiro, mostra que existia/existe um poder cultural, uma referência, embora seja negada em alguns momentos. Além disso houve cuidado para tratar sobre a família e as narrativas produzidas, já que ainda são atuantes, de forma ética e que cumprisse o que foi proposto.

A busca por vestígios e análise desse material não foi tarefa fácil, aliado a outras atividades e problemas surgidos ao decorrer da escrita. Portanto, para alcançar os objetivos e chegar ao fim dessa jornada foi necessário esforço para desenvolver o processo de escrita. Rer ler livros memorialísticos e estudar esse recorte exigiu ir além, voltando na trajetória desses sujeitos com as atividades comerciais, a ascensão social, as dificuldades, os motivos de fundação, os intelectuais reconhecidos local e nacionalmente, os motivos da escrita memorialista e a exaltação sobre os membros da família.

Abordar a memória e as relações trazidas sobre a cidade, as reproduções do discurso, do espaço da arte, do saber, da intelectualidade, da falta de investimentos, da utilização de recursos próprios, da doação que diminuía com o tempo, a busca por valorização por serem atuantes e fazerem a diferença. A Entidade foi mais que um espaço comercial. Atendeu as demandas educacionais, sociais e memorialísticas, as imagens, os discursos. O site

e as palestras mostraram o Instituto e a figura de José Xavier Filho como o mobilizador que percebia a necessidade de fazer a diferença e que se sentia triste quando não alcançou o que almejava, mas continuava os projetos, e desejava que a família desse continuidade. Entretanto esse ciclo se encerrou.

Com o falecimento do fundador em 2018 e a pandemia em 2019 houve o aumento das dificuldades da Instituição para manter o espaço aberto com novos projetos, como era o desejo do fundador. Em 2019 eram feitas apenas visitas internas para a realização de pesquisas, sobre a Memória e História local.

O fundador do Instituto escreveu a maioria dos livros memorialísticos e mostrou a vontade de abordar as lembranças e o elo com a cidade onde nasceu, mesmo que não vivesse no espaço. Visava manter uma tradição, a referência intelectualizada e incentivar a comunidade granjense a se envolverem nos projetos, a adquirirem o hábito de leitura, a apreciarem uma visita ao museu e “viajar no tempo”. Por medo de perder esse elo e para ficar para posteridade registrou e compartilhou memórias. Os depoimentos do livro de memória realizados por várias pessoas, familiares, amigos, parentes, conhecidos, ex-funcionários buscou legitimar a imagem dos antepassados e reforçar o poder que detinham.

As obras possibilitaram perceber o capital simbólico e cultural, a construção de uma memória familiar e intelectual, visto que eram culturalmente letrados, intelectuais num espaço privilegiado que produziam discursos sobre as origens da cidade, as identidades locais e a necessidade de espaços de preservação de memórias e divulgações culturais.

Os livros proporcionaram perceber o olhar de um intelectual que narrava a referência que a família possuía e as boas relações com a sociedade granjense. O discurso propunha significados para a evocação do passado e a necessidade de semear nos jovens os prazeres da leitura e das atividades culturais oferecidas pelo Instituto. E desenvolve a narrativa sobre Granja que fizeram parte da vida dos Xavier com seus desafios e sucessos.

Na primeira parte do trabalho buscamos estudar sobre o período de formação do Instituto José Xavier, os sujeitos envolvidos com os projetos e os motivos que levaram ao fim das atividades.

Interessante atentar que por ser uma entidade privada sem fins lucrativos, a maioria dos recursos advinham da família fundadora e de doações de pessoas que se interessavam pela Fundação. Muitos dos projetos eram voltados para as comunidades periféricas na tentativa de levar o hábito da leitura. Alguns dos voluntários levavam livros para serem lidos nas casas, como também houve a doação de parte do acervo para indivíduos que construíram bibliotecas próprias.

O segundo momento dedicado a análise da escrita de si, por meio do projeto de estímulo de publicação de livros de escritores locais, embora a maioria fossem escritos pelo fundador do Instituto José Xavier. As estratégias da criação proporcionou maior atenção para a entidade, como também para José Xavier Filho que procurou escrever sobre as memórias da família e a relação com Granja.

E, finalmente, observamos os resultados concretos alcançados por essa Fundação. Tornou-se evidente que os esforços mais significativos para preservar a memória da cidade e da família foram impulsionados pelos investimentos de José Xavier Filho, o pilar central desse empreendimento. No entanto, é essencial destacar a importância dos colaboradores que ao vivenciarem diariamente essa missão desempenharam um papel crucial mobilizar e concretizar as atividades propostas. Além disso os laços de amizade cultivados durante esse processo transcenderam os limites da própria Entidade. Esses laços estreitos estimularam a criação de novos espaços e interesses culturais, ampliando ainda mais o impacto dessa iniciativa na comunidade.

Observou-se que a criação do Instituto por José Xavier Filho surgiu como uma demanda para evocar a memória que está profundamente ligada à identidade familiar. Consequentemente, os projetos elaborados visavam não apenas preservar e legitimar um determinado discurso, o da Granja intelectualizada, mas também promovê-lo, o que culminou em um processo de disseminação cultural.

Conclui-se que os membros do Instituto visaram registrar os momentos, eternizar as experiências, se fazerem presente e deixarem marcas nos que de alguma forma se envolveram. De algum modo, apresentaram um sentimento de negação por não ter o alcance que acreditaram merecer e por não serem valorizados e ficaram restritos à grupos voltados à cultura. Além disso, importante ressaltar que há poucos estudos historiográficos. Muitos reproduzem os discursos existentes, como o do Padre Vicente Martins e a referência da história local fica baseado em memorialistas, os quais apresentam influências ou interesses sobre a genealogia de suas famílias e sua legitimação.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória.** Tradução e introdução de José Horta Nunes. São Paulo: Pontes, 1999.
- ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PECHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da memória.** Tradução e introdução de José Horta Nunes. São Paulo: Pontes, 1999.
- AGULHON, Maurice. La sociabilidad como categoria historica. *In: FUNDACIÓN MARIO GÓNGORA. Formas de sociabilidade em Chile 1840-1940.* Santiago de Chile: Vivaria, 1992.
- ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. *In: II Seminário de História Oral promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 1996, Belo Horizonte. Anais [...]* Anais. Belo Horizonte: CPDOC-FGV, 1996. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6767?show=full>. Acesso em: 16 mai. 2022.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história).** São Paulo: Edusc, 2007.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. O tecelão dos tempos (novos ensaios de teoria da história).** São Paulo: Intermeios, 2019.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950).** São Paulo: Intermeios, 2013.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Breve História Da Padaria Espiritual.** Fortaleza: UFC, 2011.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas.* São Paulo: Contexto, 2008.
- BARBALHO, Lívio Xavier. **Política e Cultura. Um breve ensaio biográfico.** 1. ed. Fortaleza: A Casa, 2003.
- BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense.** Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de Senecture e outros escritos autobiográficos.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOWMAN, Alan K; WOOLF, Greg (Org.). **Cultura Escrita e Poder no Mundo Antigo**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1998.

BLOCH, Marc. **Apologia a História ou o Ofício do Historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BLOG FOLHA GRANJENSE. **Exposição mostra história do futebol amador de Granja**. Granja, 24 jun. 2014. Disponível em: <https://folha-granjense.blogspot.com/2014/06/exposicao-mostra-historia-do-futebol.html>. Acesso em: 15 jul. 2022.

BLOG FOLHA GRANJENSE. **Exposição na praça abre programação da 15ª Semana de Museus em Granja**. Granja, 17 maio. 2017. Disponível em: <https://folha-granjense.blogspot.com/2017/05/exposicao-na-praca-abre-programacao-da.html#more>. Acesso em: 15 de jul. 2022.

BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.68-89.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2021.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CORREIA, Ana Maria Amorim. **Diversidade cultural no governo Lula**: um olhar para a secretaria de identidade e diversidade cultural. 2013. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Programa Multidisciplinar de Pós Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/14834/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20ANA%20MARIA%20AMORIM%20CORREIA%20PDF%20FINAL.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth M. **Devires Autobiográficos**: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: Nau, PUC-Rio. 2009.

DUTRA, José Lira. [Entrevista cedida a] Beatriz Oliveira Fontenele. Granja, 22 set.2021.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Educação Patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de história. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo. v.13, n. 25/26, p.265-276. Set. 1992/ago. 1993.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GOMES, Ângela Maria de Castro. (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUARINHO, Charles Ribeiro. Ó Granja. In: MAGALHÃES, Pedro (Org.). **Novos Poetas Granjenses**. Granja: IJX, 2006. p.24.

GUTFREIND, Cristiane Freitas. O filme e a representação do real. **E-Compós**, [S. l.], v. 6, 2006. DOI: 10.30962/ec.90. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/90>. Acesso em: 14 jul. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2016.

HARTOG, François. **Evidência da História**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 09-23.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**: arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Projeto Atlas de Divisas Municipais Georreferenciadas do Estado do Ceará**: Mapa Municipal de Granja. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2021/12/mapas_municipais_Granja_2021.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **INAUGURAÇÃO DO INSTITUTO JOSÉ XAVIER**. Granja, 2004. Site do Instituto José Xavier. Disponível em: https://institutojx.tripod.com/relatorio_01.htm. Acesso em: 14 set. 2021.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **FINANCIAMENTO**. Granja, 2004. Site do Instituto José Xavier. Disponível em: https://institutojx.tripod.com/relatorio_01.htm. Acesso em: 14 set. 2021.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **RELATÓRIO GERAL DAS ATIVIDADES DO INSTITUTO JOSÉ XAVIER**: Desde sua fundação em 2004 até dezembro de 2005. Granja, 2012, p.01-04. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0020331551d24fb029f66>. Acesso em: 28 mai. 2022.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **RELATÓRIO ANUAL DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO INSTITUTO JOSÉ XAVIER DURANTE O ANO DE 2006**. Granja, 2012, p.01-07. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/002033155842a7ce78806>. Acesso em: 28 mai. 2022.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **Cultura e História da Granja**: Relatório anual de 2007. Granja, 2012, p.01-08. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/002033155e8e2eab9e04c>. Acesso em: 28 mai. 2022.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER PROMOVE EXPOSIÇÃO. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 09 mar. 2007. Região. Acesso em: 15 mar. 2022.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **Cultura e História da Granja**: Relatório anual de 2008. Granja, 2012, p.01-10. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/002033155f3c3c0414db2>. Acesso em: 28 mai.2022.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **Cultura e História da Granja**: Relatório anual de 2009. Granja, 2012, p.01-18. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/00203315596cefc1293a>. Acesso em: 28 mai.2022.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **Cultura e História da Granja**: Relatório das atividades do Instituto José Xavier no ano de 2010. Granja, 2012, p.01-20. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/002033155834f8cb23b64>. Acesso em:28 mai.2022.

INSTITUTO JOSÉ XAVIER. **Cultura e História da Granja**: Relatório das atividades do Instituto José Xavier (IJX) no ano de 2011. Granja, 2012, p.01-20. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0020331551d4f31b2dc6d>. Acesso em: 28 mai.2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Disponível em: https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/ppgh/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf. Acesso em: 07 jul. 2019.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Gomes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro. **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

MAGALHÃES, Pedro (Org.). **Novos Poetas Granjenses**. Granja: IJX, 2006.

MAGALHÃES, Pedro de Souza; DUTRA, José Lira (orgs.). **Lira Granjense**: jornal literário Compilação Fac_similar (2003-2012). Granja: Instituto José Xavier: Tecnograf, 2013.

MARTINS, Padre Vicente. Notícia Histórico-chorographica da Comarca de Granja. **Revista Trimensal do Instituto do Ceará**, [s. l], v. 25, p. 171-200, 1911. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1911/1911-NoticiaHistoricoChorographicadaComarcadeGranja.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2022.

MARTINS, Padre Vicente. Notícia Histórico-chorographica da Comarca de Granja: Continuação do nº anterior. **Revista Trimensal do Instituto do Ceará**, [s. l], v. 26, p. 317-360, 1911. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1912/1912-NoticiaHistorico-chorographicadaComarcaGranja.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2022.

MAUGER, Gérard. Herança e relações entre as gerações familiares. **Estudo social**. Araraquara, v.19 ,n.36, p.103-127 jan.-jun. 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na História. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**: o esquecimento da violência. UFSM. Santa Maria, RS, n. 4, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.25, n. 53, p. 16, jan.-jun., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, Memória e Centralidade Urbana**. Revista Mosaico- Revista de História, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 3-12, mar. 2008. ISSN 1983-7801. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/225/179>. Acesso em: 18 set. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3.ed - Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>. Acesso em: 25 fev.2020.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 19-27.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PROST, Antoine. Verdade e função social da história. In: **Doze lições sobre a história**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 253-272.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (tomo I)**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1994.

REINHARDT, Juliana. A memória através do pão. **Histórias Unisinos**, São Leopoldo: Unisinos, número especial, jul./dez, 2002, p. 101-118.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, O esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SÁ, Antônio Evaristo da Paz. **Lívio Barreto: o Poeta do Luar e da Paixão**. Rio de Janeiro: Instituto José Xavier, 2009.

SANTOS, Edinailson Passos dos. **A Cidade e o Poeta: Relações e Influências Mútuas entre a cidade de Granja e o Poeta Lívio Barreto (1878-1895)**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Setor de ciências humanas, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2012.

SANTOS, Josenira Costa dos. [Entrevista cedida a] Beatriz Oliveira Fontenele. Granja, 23 maio 2022.

SEIXAS, Jacy Alves de. (Res)sentimento: história de uma emoção. In: BRESCANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SILVA, Ederson [Entrevista cedida a] Beatriz Oliveira Fontenele. Granja, 28 fev.2022.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Informare-Cad Prog Pós-Grad. Ci.Inf.,n.2**, p.24-36, jul./dez. 1995.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração e Comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/kyjmJTTrkQy9w9RD6DdTBfw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio. 2023.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

XAVIER, Berenice et al. **Dona Nezinha**. Granja: Instituto José Xavier, 2007.

XAVIER, Berenice. [Entrevista cedida a] Beatriz Oliveira Fontenele. Granja, 18 maio 2022.

XAVIER FILHO, José. **Passagem pela Granja: memórias**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2007.

XAVIER FILHO, José. TV UNIGRANDE -Destaque - José Xavier Filho. [Entrevista

cedida a] Sanndy Soares. **Destaque FGF TV- Canal Universitário de Fortaleza**, Fortaleza, 19 abr. 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7vWMBiYdZQ4>. Acesso em: 10 maio 2023.

XAVIER FILHO, José. **Ignácio Xavier e Cia**. Granja: IJX, 2008.

XAVIER, Lívio. **Infância na Granja**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1974.